A IMPORTÂNCIA da TRANSFORMAÇÃO

Krishnamurti

cultrix

J. KRISHNAMURTI

A IMPORTÂNCIA DA TRANSFORMAÇÃO

Tradução
de
HUGO VELOSO

EDITORA CULTRIX
SÃO PAULO

ÍNDICE

NOVA IORQUE — I
A Violência no Viver 7

NOVA IORQUE — II
A Libertação 20

NOVA IORQUE — III
A Confusão Humana 34

NOVA IORQUE — IV
Tempo, Morte, Amor 45

NOVA IORQUE — V
A Renovação Mental 60

NOVA IORQUE — VI
O Autoconhecimento 73

OJAI — I
Os Problemas do Viver 89

OJAI — II
Para Onde Vamos? 102

OJAI — III
Da Paixão Ardorosa e sem Motivo 114

OJAI — IV
A Natureza do Conflito e do Esforço 126

OJAI — V
Meditação 138

OJAI — VI
A Busca Real 151

NOVA IORQUE — I

A VIOLÊNCIA NO VIVER

É SEMPRE um tanto difícil entrar-se em comunicação. Tem-se de fazer uso de palavras, e cada palavra tem determinado sentido. Mas, devemos ter sempre presente que a palavra não é a coisa, não transmite o significado total da coisa. Se nos atemos semânticamente às palavras, receio que não tenhamos possibilidade de ir muito longe. Para podermos entrar, real e profundamente, em comunicação, requer-se não só atenção, mas também uma certa afeição. Mas, isso não significa que devamos aceitar, indiscriminadamente, tudo o que se diz. Não só devemos manter-nos intelectualmente vigilantes, mas também devemos evitar a armadilha das palavras. Para se estabelecer a verdadeira comunicação entre pessoas, a respeito de qualquer coisa, requer-se também uma certa afeição direta, uma certa correspondência, plena capacidade de investigação e exame. Só então há comunicação, comunhão. Espero se estabeleça aqui, entre nós, essa comunhão, pois nestas palestras vamos tratar de muitos assuntos e problemas, investigá-los com certa profundeza. Para se compreender o que vai dizer o orador, torna-se necessária uma certa atenção no escutar.

Mui poucos dentre nós escutam realmente, porque, pessoalmente, temos tantas idéias, conclusões e crenças, que nos vemos impedidos de escutar. Escutar o que outrem diz é uma das coisas mais difíceis, porque temos sempre engatilhadas nossas opiniões e conclusões pessoais. Tendemos a interpretar, a concordar ou discordar, a tomar partidos ou dizer "não estou de acôrdo", rejeitando prontamente o que se diz. Tudo isso,

a meu ver, impede o verdadeiro ato de escutar. Só quando êsse ato não é meramente intelectual, há possibilidade de comunhão entre pessoas. Qualquer indivíduo inteligente é capaz de escutar uma certa argumentação, uma certa exposição de idéias; mas, escutar com a mente e o coração, com nosso ser total, isso requer muita atenção. Essa atenção não só implica que devemos conhecer nossas crenças, conceitos e conclusões, saber o que desejamos etc., mas também que temos de pôr tudo isso de parte, temporàriamente, para podermos escutar.

Vamos falar sôbre numerosos assuntos, porquanto a vida está cheia de problemas, e todos nós estamos completamente confusos. Poucos ainda crêem ou têm fé em alguma coisa. Há guerra, há insegurança, enorme ansiedade, mêdo, desespêro, a diária agonia da existência, tédio e solidão infinitos. Além de tudo isso, há ainda os problemas da morte e do amor. Estamos no meio dessa tremenda confusão. Temos de compreendê-la totalmente, e não o fragmento que se nos afigura muito claro, o fragmento que desejamos alcançar; não a conclusão que consideramos correta, ou uma opinião ou crença. Temos de considerar todo o conteúdo da existência, tôda a história do homem: seu sofrer, sua ansiedade, a total desesperação e sem significação de sua vida. Se pudermos fazer isso, em vez de tomarmos um dado fragmento que momentâneamente nos pareça interessante ou nos proporcione prazer; se, por assim dizer, pudermos ver o mapa inteiro e não parcial, fragmentàriamente, estaremos então, talvez, aptos a promover uma revolução radical na psique. A crise atual é a maior de nossa vida, apesar das enormes mudanças que se estão verificando no mundo da ciência, da matemática etc. Tècnicamente, observa-se uma extraordinária mudança, ao passo que na psique do ente humano tem havido muito pouca alteração. A crise não é conseqüência do progresso técnico, porém, antes, de nossa maneira de pensar, de viver, de sentir. Aí é que se faz necessária a revolução. Essa revolução não pode realizar-se de acôrdo com um dado padrão, porque, psicològicamente, nenhuma revolução é possível pela mera imitação de uma dada ideologia. Para mim, tôdas as ideologias são absurdas, sem nenhuma significação. O que tem significação é *o que é,* e não o que *deveria ser.* A compreensão do que *é* exige liberdade para olhar, tanto exterior como interiormente.

Na realidade não existe a divisão de exterior e interior. Trata-se de um processo, de um movimento unitário, e quando se compreende o exterior, está-se também compreendendo o interior. Mas, infelizmente, separamos, dividimos a vida em fragmentos: exterior, interior, bom, mau etc. Assim como dividimos o mundo em nacionalidades, com as conseqüentes aflições e guerras, assim também dividimos a nossa existência em interior e exterior. Essa se me afigura a pior coisa que se pode fazer: fracionar a existência em diferentes fragmentos. Aí é que reside a contradição, contradição em que quase todos nós nos vemos enredados e, portanto, em conflito.

Em vista de tantas complicações, tanta confusão e aflição, e do enorme esfôrço humano despendido para construir uma sociedade que se está tornando cada vez mais complexa, há possibilidade de vivermos neste mundo totalmente livres de confusão e contradição e, portanto, livres do mêdo? A mente que teme não pode, evidentemente, ter paz. Só quando total e completamente livre do mêdo, torna-se a mente apta a observar, investigar.

Um dos nossos maiores problemas é a violência, não só no exterior, mas também no interior. A violência não é apenas física, pois tôda a estrutura da psique está baseada na violência. Êsse esfôrço incessante, êsse constante ajustamento a um padrão, a perene busca do prazer e, por conseguinte, o desejo de evitar tudo o que causa dor, pondo-se de parte a capacidade de olhar, observar o que é — tudo isso faz parte da violência. A agressividade, a competição, a constante comparação entre *o que é* e o que *deveria ser* — tudo isso, sem dúvida, são formas de violência. Porque o homem, desde os começos da história, escolheu a guerra como maneira de vida, nossa existência diária é de guerra, tanto interior, em nós mesmos, como exterior. Andamos sempre em conflito com nós mesmos e os outros. É possível a mente ficar totalmente livre dessa violência? Nós necessitamos de paz, tanto externa como internamente, mas a paz não é possível sem liberdade, se não nos livrarmos completamente dessa atitude agressiva perante a vida.

Sabemos, todos nós, que existe a violência, que há tremendo ódio no mundo, guerra, destruição, competição, cada um empenhado em alcançar seu prazer pessoal. Tudo isso re-

presenta uma maneira de vida geradora de contradição e violência. Disso sabemos intelectualmente, sôbre isso temos refletido, estatìsticamente podemos examiná-lo, intelectualmente somos capazes de tudo racionalizar, dizendo: "Ora, isto é inevitável; é a história humana dos últimos dois milhões e mais de anos, e por êste caminho continuaremos". Há possibilidade de efetuar uma revolução total na psique, na pessoa — não considerada como indivíduo? O indivíduo é a entidade "localizada": o americano, o indiano, o russo. Muito pouco pode êle fazer. Mas, nós não somos entidades localizadas. Somos entes humanos. Não existirá nenhuma barreira, representada pelo indiano, o americano, o russo, o comunista etc., se considerarmos o inteiro processo da existência como o processo humano — o que vós e eu somos — e pudermos promover uma revolução *aí,* e não no indivíduo. Afinal de contas, se nos colocamos além das nacionalidades, dos absurdos da religião organizada e da cultura superficial, vemos que, como entes humanos, sofremos, vivemos torturados pela ansiedade. Há aflição, uma busca perene do bom, do nobre, e daquilo que geralmente se chama Deus. Vivemos com mêdo. Se pudermos efetuar uma alteração na psique humana, o indivíduo atuará então de maneira totalmente diferente. Isso implica não separação entre o consciente e o inconsciente. Sei que agora se tornou moda estudar com muita aplicação o inconsciente. Ora, tal coisa não existe realmente. Dela trataremos mais tarde. Por ora estou apenas a esboçar a matéria de que vamos tratar nas cinco palestras vindouras.

É possível ao ente humano livrar-se totalmente do passado, de modo que se torne nôvo e olhe a vida de maneira inteiramente diferente? O que chamamos "o inconsciente" — não importa se relativo a um passado de cinqüenta ou de dois milhões de anos — não tem existência real. Resíduo racial, tradição, motivos, secretos anseios, prazeres — nada disso é o inconsciente. Está sempre na consciência. Só há consciência, embora não percebamos o seu conteúdo total. A consciência é uma limitação. Nessa consciência, estamos a mover-nos de um campo para outro campo, aos quais damos nomes diferentes; entretanto, trata-se sempre da consciência. Tôdas as nossas atividades, no âmbito do inconsciente, do consciente, do passado, do futuro etc., estão contidas nesse campo. Se

estamos bem cônscios de nosso processo de pensar, sentir, agir, observamos por nós mesmos que estamos a enganar-nos, a mover-nos de um campo para outro, de um canto para outro. A consciência é sempre limitada porque, nela, existe sempre *o observador*. O observador, o censor, onde quer que esteja, causa a limitação da consciência.

Tôda mudança ou revolução promovida pela vontade, pelo desejo de prazer, pelo evitar ou fugir, pela pressão, pela tensão, pela conveniência, fica dentro daquela consciência e, por conseguinte, é sempre limitada, sempre causadora de conflito. Se observarmos êsse fato, não através de livros ou através dos psicólogos e analistas, porém realmente, como um fato que se verifica em nós mesmos, como entes humanos, teremos inevitàvelmente de perguntar-nos se é possível estarmos conscientes quando necessário — no exercício da profissão e atividades semelhantes — e estarmos livres da consciência onde ela represente uma limitação. Isso não significa cair num estado de transe ou de amnésia, ou abandonar-nos a algum absurdo místico; mas, se não nos livrarmos dessa consciência que nos fecha, que nos prende ao tempo, não teremos paz. A paz não depende dos políticos ou dos exércitos, que têm seus "direitos adquiridos". Não depende dos sacerdotes, nem de crença alguma. Tôdas as religiões, à exceção de uma, talvez duas — o budismo e o hinduísmo — sempre falaram de paz e promoveram a guerra. Esta se tornou a nossa maneira de vida. No meu sentir, se o homem não se libertar da limitação dessa consciência que o prende ao tempo e em cujo centro está o observador, continuará a sofrer, infinitamente.

É possível esvaziar-se o todo da consciência, a totalidade da mente, com todos os seus artifícios e vaidades, seus embustes, seus anseios e códigos de moral etc. — tudo isso com base essencialmente no prazer? Pode uma pessoa libertar-se totalmente, esvaziar a sua mente, de modo que possa olhar, agir, viver de maneira de todo nova, diferente? Digo que isso é possível, mas não por motivo de vaidade ou de alguma extravagância supersticiosa, mística. Só é possível se se percebe que o observador, o centro, é a coisa observada.

Requer-se muita compreensão para se chegar a êsse ponto. Não é caso de concordardes ou discordardes, sentimentalmente. Sabeis o que significa "compreensão"? A compreensão, por

certo, não é intelectual, não é dizer-se: "Compreendo vossas palavras, a significação de vossas palavras". Isso não é compreensão, nem o é uma concordância emocional, sentimental. Há a compreensão de qualquer problema, qualquer questão, quando a mente se acha totalmente quieta, sem que essa quietude tenha sido provocada, conseguida à fôrça de disciplina. Há então compreensão. Isso acontece, com efeito, quando temos um problema qualquer. Depois de muito refletir a seu respeito, de investigá-lo, examiná-lo de todos os lados, não encontramos nenhuma solução. Pomo-lo de parte, e a mente se torna quieta em relação a êle. E então, sùbitamente, vêm-nos a solução. Isso acontece com muitas pessoas. Não é nada de extraordinário. A compreensão só pode vir quando há percepção direta, e não uma conclusão lógica.

Nossa questão, pois, é: Como pode um homem, um ente humano — não um americano, um inglês, um chinês — como pode um ente humano criar uma nova sociedade? Só poderá criá-la se, em si mesmo, como ente humano, ocorrer uma revolução total; quando não tiver mêdo, por ter compreendido a natureza, a estrutura, o significado do mêdo; por ter entrado diretamente em contato com êle, que não é uma coisa que deve ser evitada, porém compreendida. Isso é possível? É possível compreender a inteira estrutura do pensamento, que está sempre a gravitar em tôrno de um centro; compreender todo o mecanismo do pensar, que é resultado da memória e, portanto, a causa da limitação da consciência? É possível não pensar absolutamente, funcionar completamente livre da memória, tal como atualmente funciona?

Isso nos leva a um ponto, que é o seguinte: Qual a função da idéia — que é o protótipo, a fórmula, o ideal, o conceito? Tem ela alguma função? A idéia é para nós muito importante; agimos, funcionamos, com base nas idéias, nos conceitos, nas fórmulas. Tôdas as nossas atividades derivam de idéias e, por conseguinte, há contradição entre o ato e a idéia. Tenho uma idéia, um ideal, uma crença, e atuo em conformidade com ela, ou a ela ajusto a minha ação. A ação nunca pode ser idéia. A idéia é irreal; a ação é real. A idéia de uma nação, a idéia de um certo dogma, tal como a crença em Deus, enfim tôda e qualquer idéia é puramente teórica. É possível agir sem idéia?

Vêde, por favor, que êste assunto requer muita investigação, porque, enquanto houver conflito, em qualquer forma, haverá dor e aflição; e conflito haverá sempre enquanto houver contradição. A natureza da contradição é a idéia e o fato — o que *é*. Se não houver *nenhuma* idéia, nenhuma crença, nenhum dogma, nenhum amanhã (que é sempre o ideal), poderei então olhar o que realmente *é*. Para compreendermos o que *é* não necessitamos de idéias. O que temos de fazer é só observar.

E chegamos assim ao segundo ponto: Que é observar? Que é ver? Pergunto a mim mesmo se alguma vez vemos, observamos; ou "vemos" com a palavra, com uma conclusão, um nome, que se tornam obstáculos ao ver? Se disserdes: "Ora, êsse homem nos vem da Índia com suas idéias místicas ou românticas" etc., não estareis vendo realmente. Só é possível *ver* quando o pensamento não está funcionando. Se estais à espera de alguma coisa, de não-sei-o-quê, esta expectativa vos está impedindo de escutar; a idéia, o conceito, o conhecimento vos impede de observar. Se olhais uma flor, uma árvore, uma nuvem, um pássaro, o que quer que seja, vossa reação imediata é de dar-lhe nome; de gostar ou não gostar da coisa, pô-la numa categoria e arquivá-la na memória. E cessastes de olhar.

É possível *olhar, ver,* sem essa atividade mental? A atividade mental é sempre pensamento, na forma de idéia, de memória; por conseguinte, não há percepção direta. Não sei se já observastes vosso amigo, vossa espôsa ou marido, olhando-o simplesmente. Sempre olhais ou escutais a outrem com tôdas as lembranças de infortúnios, insultos etc. Não estais, em verdade, escutando, ouvindo. Êsse processo de não observação se chama "relações"! (*Risos*). Por favor não riais, pois estamos tratando de um assunto muito sério. Não estou fazendo uma conferência filosófica, para a ouvirdes e depois voltardes para casa e continuardes pelo mesmo caminho. Para o homem que é muito *sério,* há viver, há vida. Em face de tanta confusão e sofrimento, não podemos rir-nos ou ir a um cinema, para esquecermos nossas tribulações. Necessita-se de seriedade, de ardor, de atenção, num grau extraordinário. A seriedade não é uma reação; tôdas as reações são limitações. Mas, quando observamos, escutamos, olhamos, então começa-

mos a indagar se o homem tem alguma possibilidade de libertar-se de seu condicionamento. Todos nós estamos condicionados: pelos alimentos, os trajos, o clima, o meio cultural, a sociedade em que vivemos. É possível o homem libertar-se dêsse condicionamento, não num futuro distante, porém instantâneamente? Foi por isso que perguntei se temos possibilidade de libertar de todo a mente, esvaziá-la, para que se torne uma coisa nova. Se isso não se realizar, ficaremos perenemente entregues ao sofrimento, ao mêdo.

É possível libertar a mente do passado, por inteiro, e, se é, como poderemos esvaziá-la? Em certos setores o conhecimento trazido do passado é essencial. Precisamos saber aonde vamos. Não podemos esquecer, pôr à margem, todos os conhecimentos técnicos que o homem adquiriu através de séculos; mas eu estou falando a respeito da psique, que tem acumulado tantos conceitos, idéias e experiências e se acha aprisionada nessa consciência que tem por centro o observador.

Fiz aquela pergunta, e qual é a resposta? É uma pergunta correta, e não uma pergunta descabida. Quando se faz a pergunta correta, obtém-se a resposta correta; mas necessita-se de *inteireza* para se fazer a pergunta correta. Fizemos a pergunta correta: É possível ao homem, que vive há tantos séculos, há milhões de anos, que tem seguido a senda da violência, aceitando a guerra como maneira de vida, tanto no cotidiano como no campo de batalha — é possível ao homem transformar-se de todo e começar a viver de maneira completamente diferente?

Feita a pergunta, quem responderá a ela? Pretendeis procurar alguém que vos dê a resposta — um guru, um sacerdote, um psicólogo — ou estais esperando que o orador responda? Se se faz corretamente a pergunta, a resposta está nela contida; mas, mui poucos de nós já fizeram tal pergunta. Aceitamos a norma da vida, e a alteração dessa norma exige abundante energia. Estamos vinculados a certos dogmas, certas crenças, certas atividades, como norma da vida. Estamos comprometidos, e temos mêdo de alterar a norma, pois não sabemos o que dessa mudança resultará.

Compreendendo tudo o que a questão implica, podemos fazer a sério aquela pergunta? A maneira como a fazemos é, decerto, muito importante. Podemos fazê-la a nós mesmos, intelectual-

mente, por mera curiosidade, num momento de folga de nossa rotina diária, mas dêsse modo não teremos a resposta. A resposta depende da mente: do séria que é, do indolente que é, do indiferente que é à estrutura e às aflições da existência.

Tendo feito a pergunta, cabe-nos agora descobrir-lhe a resposta. Nas cinco palestras vindouras iremos conversar sôbre como descobri-la por nós mesmos, sem dependermos de ninguém. Não há autoridade, nem *guru,* nem sacerdote que possa responder a tal pergunta; e alcançar o ponto em que, psicològicamente, não dependeremos de *ninguém,* é o primeiro e provàvelmente o último passo que temos de dar. Então, libertada de tôdas as suas agitações, estará a mente habilitada a descobrir se há uma realidade não construída pelo pensamento; se há Deus, essa entidade que o homem sempre andou a buscar, a procurar, a perseguir. Temos de responder àquela pergunta e, também, de responder à pergunta "O que é a morte?". Uma sociedade, um ente humano que não compreende o que é a morte não saberá o que é a vida, nem saberá o que é o amor. O mero aceitar ou rejeitar de uma coisa que não seja produto do pensamento, é bastante infantil, falta de madureza; mas, se desejamos investigá-la a sério, temos de lançar as bases da virtude, a qual nada tem que ver com a moralidade social. Temos de compreender a natureza do prazer; *não,* negar ou aceitar o prazer, porém compreender sua natureza, sua estrutura. E, ainda, precisamos estar livres do mêdo e, por conseguinte, ter a mente completamente livre do descontentamento e do desejo de mais experiência. Então, só então, a meu ver, teremos possibilidade de descobrir se alguma coisa existe além do mêdo humano que criou Deus.

INTERROGANTE: Poderíeis repetir aquela pergunta importantíssima tal como a formulastes?

KRISHNAMURTI: Acho que não posso fazê-lo, posso? Isso seria percorrer de nôvo todo o caminho andado. Noutra ocasião, talvez.

INTERROGANTE: Que é êsse estado da mente, do corpo e do cérebro, constituído de energia e no qual o EGO é inexistente?

KRISHNAMURTI: É muito fácil fazer perguntas, mas quem responderá a elas? Por favor, considerai sèriamente isto. Quem

irá responder? O fazer a pergunta correta exige muita inteligência. Não estou dizendo que não sois inteligente, porém, sim, que se necessita de muita compreensão. Se fazeis uma pergunta com o fim de confirmar vossas idéias ou de obter uma informação, não estais perguntando realmente. Se a fazeis a fim de dissipar vossa própria confusão, pode-se formular uma pergunta quando se está confuso? Porque, se, em vossa confusão, fazeis uma pergunta, só obtendes uma resposta concorde com vossa confusão; por conseguinte, o que obtendes não é uma resposta. Ou, perguntais porque sois incapaz de olhar, de compreender, e, por conseguinte, precisais da ajuda de alguém. No momento em que, psicològicamente, buscais a ajuda de alguém, estais perdido. Ergueis então tôda a estrutura do pensar hierárquico — *gurus,* sacerdotes, analistas etc.

Fazer uma pergunta correta é uma das coisas mais difíceis; e, no mesmo momento em que se formula a pergunta correta, apresenta-se a resposta; nem é necessário fazê-la... (*risos*). Não façais isso; êste assunto é muito sério.

INTERROGANTE: Estais estabelecendo, como alvo da experiência humana, a contemplação do infinito e da perfeição?

KRISHNAMURTI: Acho que não, meu senhor (*risos*).

INTERROGANTE: Que quereis dizer quando falais sôbre a quietude da mente — não provocada?

KRISHNAMURTI: Senhor, posso disciplinar a mente e torná-la quieta, posso forçá-la, controlá-la, porque tenho uma idéia de que a mente deve ficar quieta, pois espero, nessa quietude, alcançar alguma coisa, ganhar ou realizar alguma coisa, experimentar alguma coisa. Essa é a quietude provocada, portanto, uma coisa estéril. Mas, a quietude é algo inteiramente diferente, de que não podemos tratar agora, porquanto exige muito exame e compreensão. Êsse silêncio vem naturalmente, quando há compreensão e não há esfôrço algum.

INTERROGANTE: Qual a relação do *meu* observador com *os outros* observadores, as outras pessoas?

KRISHNAMURTI: Que entendeis pela palavra "relação"? Estamos alguma vez em relação com alguém, ou só existe relação entre duas imagens que criamos a respeito um do outro? Eu tenho uma imagem de vós, e vós tendes uma imagem de mim. Tenho uma imagem de vós, como minha espôsa, meu marido

etc., e vós tendes também uma imagem de mim. A relação existe apenas entre essas duas imagens e nada mais. Só podemos estar em relação com outrem, quando não existe imagem alguma. Quando posso olhar-vos, e vós podeis olhar-me sem a imagem da memória, de insultos etc., há então relação; mas a própria natureza do observador é a imagem, não achais? Minha imagem observa vossa imagem — se é possível observá-la — e a isso se chama relação; mas, visto que se trata de duas imagens, a relação é inexistente. Estar em relação significa estar em contato. Contato deve ser uma coisa direta, e não entre imagens. Preciso de muita atenção, percebimento, para poder olhar a outrem sem a imagem que tenho dessa pessoa — imagem constituída das lembranças que tenho da pessoa, dos insultos que me dirigiu, dos agrados que me fêz, do prazer que me proporcionou etc. etc. Só quando não existem imagens entre duas pessoas, há um estado de relação.

INTERROGANTE: Podeis dizer alguma coisa sôbre o uso que atualmente se faz de L.S.D....

KRISHNAMURTI: Ah! (*risos*).

INTERROGANTE: ... como meio de criar aquêle estado de relação livre de imagens?

KRISHNAMURTI: L.S.D. é a mais nova das drogas que produzem certos efeitos. Na Índia antiga havia uma droga semelhante, chamada *Soma.* Mas, o nome não importa. Tudo se tem tentado para estabelecer relações corretas entre os homens: drogas, fugas, mistérios; dúzias e dúzias de ideais, dos quais se espera a unidade humana: o ideal comunista, êste ideal, aquêle ideal. Agora temos aquela droga. Pode um agente externo promover as relações corretas, que são as relações livres de imagens? Como sabeis, em vez de preparados químicos, temos também experimentado o narcótico da crença. Os ocidentais têm a crença no Cristo, os budistas a crença no Buda etc. Todos esperavam que suas crenças unissem os homens, mas isso não aconteceu. Pelo contrário, com suas crenças separadas causaram piores males. A meu ver, nenhum agente externo, tal uma droga, pode produzir o correto estado de relação. Não podeis amar-vos uns aos outros a poder de drogas. Se pudésseis, então tudo estaria resolvido. Por que dar tanta importância a uma droga, ou a uma crença, um

dogma, um Salvador que irá estabelecer as relações corretas? Por que encarecer a droga ou a crença? Tanto uma como a outra são nocivas às relações corretas. O que produz o correto estado de relação é o estarmos totalmente cônscios de nossas atividades, de nossos pensamentos, de nossos sentimentos, e observarmos sem escolha o que se está passando em tôdas as nossas relações. Daí nasce um estado de relação não baseado em idéia.

INTERROGANTE: Falastes sôbre as relações do observador existente num ente humano com o observador existente noutro ente humano, dizendo que ambos são imagens. Isso também não se aplicaria a vossa própria pessoa — essa separação do observador do resto da psique?

KRISHNAMURTI: Perfeitamente.

INTERROGANTE: Creio que dissestes que uma mente quieta é um estado natural; que não é necessário criá-lo.

KRISHNAMURTI: A mente quieta uma coisa natural? Vem ela tão fàcilmente assim? Tudo queremos conseguir pelos meios mais fáceis. Eu disse que a mente quieta é um resultado natural quando existem as bases corretas.

INTERROGANTE: Falastes da limitação da consciência. Direis que essa mente quieta *não* é limitada?

KRISHNAMURTI: Parece-me que a questão de se é possível a mente aquietar-se tem de ser examinada em tôdas as suas facêtas, em todos os seus aspectos. É possível a mente quietar-se? Precisa ela de ficar a tagarelar perpètuamente? Para compreender isso, temos de examinar a questão do pensamento e verificar se a mente, que inclui também o cérebro, pode tornar-se quieta, apesar de suas reações. Tratarei dêste assunto ulteriormente.

INTERROGANTE: É muito difícil ser sincero, e eu tenho a singular impressão de que a única razão por que estamos reunidos neste salão é a vossa presença aqui. Isso me parece bastante lamentável. Antes de tornarmos a vir — se viermos — acho que devemos ficar melhor esclarecidos quanto ao papel que desempenhais, porque nós viemos com um *motivo*; não viemos livre e espontâneamente.

KRISHNAMURTI: Por que compareceis a estas reuniões, ou outras quaisquer? Por simples curiosidade, por terdes ouvido da fama de uma certa pessoa, por isso é que vindes ter aqui? Ou é porque tendes verdadeiro interêsse em investigar? Naturalmente, a vós é que compete responder, e a ninguém mais.

INTERROGANTE: Eu gostaria de saber alguma coisa a respeito das pessoas que entram no estado de "samadhi", na Índia ou na América. Não é essa a verdadeira expressão da essência espiritual do homem e, por conseguinte, de grande importância em seu ambiente?

KRISHNAMURTI: Êsse senhor deseja saber o que é que os hindus entendem pela palavra "samadhi". Acho que tereis de consultar algum livro para o saberdes, senhor. Sem menosprêzo do interrogante, pergunto: "Que é que tem mais importância? É mais importante saber o que é "samadhi", um êxtase ou o que quer que seja, ou descobrir, cada um por si próprio, a aflição em que vive, sua confusão, seu interminável conflito interior, e averiguar se isso pode terminar? Se pode, descobrireis então, por vós mesmos, o significado que porventura tenha aquela palavra, e ela já não terá importância nenhuma. Estamos sempre a fugir do problema central. Êste nos parece tão colossal e tão confuso, que preferimos não olhá-lo. Mas, infelizmente, temos de vê-lo; e, pelo olhá-lo com muita atenção, sem nenhuma imagem, talvez a mente possa imunizar-se ao contágio da vida, com suas aflições.

26 de setembro de 1966.

NOVA IORQUE — II

A LIBERTAÇÃO

Como entes humanos, não parecemos capazes de resolver completamente os nossos problemas. Estamos sempre a andar de um problema para outro, interminàvelmente. Tem o homem tentado todos os meios para fugir dêsses problemas, evitá-los ou encontrar algum pretexto para não resolvê-los. Falta-nos provàvelmente a capacidade, a energia, o impulso necessários para os resolvermos e, tão hàbilmente preparamos as nossas vias de fuga, que não percebemos sequer que estamos a fugir. Afigura-se-me necessária uma mudança total, uma radical revolução na mente, revolução que não seja uma "continuidade modificada", porém uma total mutação psicológica que liberte a mente, de todo, de sua sujeição ao tempo; que a torne capaz de ultrapassar a estrutura do pensamento, não para ingressar numa certa região metafísica, porém, sim, numa dimensão atemporal, onde ela não mais estará fechada em sua estrutura e seus problemas. Percebemos essa absoluta necessidade de mudança completa. Temos tentado muitos meios, inclusive L.S.D., crenças, dogmas, seitas religiosas, disciplinas, meditação. E, ao cabo de tudo isso, a mente tem permanecido exatamente a mesma: vulgar, estreita, limitada, ansiosa, ainda que tenha passado por períodos de iluminação, lucidez. É isso o que anda fazendo a maioria de nós, em nosso esfôrço para alcançarmos uma certa visão, uma claridade, algo que não seja produto do pensamento — para voltar sempre ao mesmo estado de confusão. A liberdade parece inexistente. Como há dias perguntamos, é possível ao homem libertar-se totalmente — psicològicamente? Não sabemos o que significa essa liberdade.

Só somos capazes de formar uma imagem, uma idéia, uma conclusão, a respeito dela — o que ela deve ser, o que não deve ser. Para a experimentarmos, a encontrarmos realmente, requer-se muito exame, muita penetração do nosso processo pensante.

Nesta tarde, desejo investigar se é possível ao homem, ao ente humano, libertar-se inteiramente do mêdo, do esfôrço, de tôda espécie de ansiedade. Essa libertação deve ser inconsciente, isto é, não deve ser deliberadamente provocada. Para compreendermos esta questão temos de examinar o que significa mudança. Nossa mente está agrilhoada, condicionada pela sociedade, por nossa experiência, nossa herança racial, enfim, por tôdas as influências a que o homem está sujeito. Pode um ente humano libertar-se de tudo isso e, por si mesmo, descobrir um estado mental inteiramente incontaminado pelo tempo? Afinal é isso o que todos nós estamos buscando. Cansados das diárias experiências da vida, de seu tédio, de sua trivialidade, desejamos alcançar, através da experiência, algo muito superior. Chamamo-lo Deus, uma visão, ou damos-lhe não importa que nome.

Como pode uma mente tão condicionada pela experiência diária, pelo saber, pelas influências sociais e econômicas — como pode essa mente promover uma revolução total, uma mutação em si mesma? Porque, se isso não fôr possível, estaremos condenados a permanecer na aflição, na ansiedade, na "culpa", no desespêro. Portanto, aquela é uma pergunta válida e para ela teremos de achar uma resposta correta, não uma resposta verbal, uma conclusão, uma ideação; temos de achar a verdadeira resposta e "nela viver".

Cumpre-nos examinar a questão da mudança, descobrir o que é "mudança" e quem é a entidade que irá mudar e tornar-se cônscia dessa mudança. A palavra "mudança" implica um movimento do que *era* para o que *será*: uma seqüência de tempo — o que *era,* o que *é,* o que *será.* Nesse intervalo de tempo entre o que *é* e o que *será* está o esfôrço para alcançar o que *será.* Assim sendo, o movimento de o que *era* para o que *será* não é, de modo nenhum, um movimento, porém uma mera continuidade do que *era.*

Seria interessante se, em vez de considerardes o que se está dizendo como uma palestra que estais ouvindo e a con-

cordar ou discordar, dela vos servísseis como um meio de observardes o processo do vosso pensar, o processo de vossas próprias reações. Não se vai tentar aqui uma análise coletiva, porém, antes, ides investigar o que se está dizendo. Investigando-o, estareis então escutando realmente, sem tirardes conclusões concordantes ou discordantes. Trata-se realmente de examinardes a vós mesmos, como ente humano total, e não como americano, hindu e tôdas as demais inanidades dêsse gênero. Estais, com efeito, a observar o movimento total de vossa mente. Se é isso que estais fazendo, tem então enorme significação o que se está dizendo. O orador é um simples espelho onde estais a observar todo o conteúdo, todos os movimentos de *vós mesmo*. O orador nenhuma importância tem. O importante é observar, é estar consciente, sem escolha, simplesmente observar o que se está passando. Descobrireis assim, por vós mesmo, infalìvelmente, o significado e a estrutura da mudança.

Nós temos de mudar. Há em nós muito do animal: agressividade, violência, avidez, ambição, busca de êxitos, esfôrço para dominar. Podem êsses remanescentes do animal ser totalmente erradicados, de modo que a mente deixe de ser violenta, agressiva? A menos que a mente se encontre em perfeita paz, em completa tranqüilidade, não há possibilidade de descobrir-se nada nôvo. Sem êsse descobrimento, sem a transformação da mente, ficaremos meramente vivendo no processo temporal da imitação, continuaremos com o que *era,* a viver no passado. O passado não só está presente, mas também o presente é o passado.

Que se entende por mudança? Ela é uma necessidade inadiável, porquanto nossa vida é bastante trivial, vazia, monótona e estúpida, sem significação. Ter de freqüentar diàriamente um escritório durante os próximos quarenta anos, gerar alguns filhos, estar sempre à procura de entretenimento, na igreja ou no campo de futebol — tudo isso, para um homem amadurecido, é muito pouco significativo. Sabemos disso, mas não sabemos o que devemos fazer; não sabemos como deter o processo temporal. Investiguemos juntos êste ponto. Em primeiro lugar deve ficar bem claro que não há aqui nenhuma autoridade, que êste orador não é autoridade de espécie alguma. Assim entendida, muda inteiramente a relação entre vós e o

orador. Estamos, vós e eu, investigando, examinando e, por conseguinte, participando no que se está dizendo — como que fazendo juntos uma viagem. Vossa responsabilidade, por conseguinte, é muito maior que a do orador. Essa viagem, só poderemos fazê-la se tivermos o máximo de interêsse, pois ela exige muita atenção, energia, lucidez.

Mudança, para a maioria de nós, significa um movimento em direção ao conhecido. Ora, isso não é uma mudança real, porém uma continuação do que era, num padrão modificado. Tôdas as revoluções sociais se baseiam nessa espécie de mudança. Os revolucionários têm a idéia do que *deveria ser,* do que uma sociedade *deveria ser,* e tratam de pôr em execução essa idéia: a isso chamam "revolução". A sociedade está dividida em classes e, portanto, querem êles criar uma estrutura social totalmente diferente. Têm o padrão do que *deveria ser.* Mas, isso não é mudança nenhuma, porém mera reação; e a reação é sempre "imitativa".

Quando falamos em mudança, não se trata de mudança ou mutação de o que *era* para o que *deveria ser.* Espero estejais observando o processo de vosso próprio pensar e percebendo não só a necessidade de mudança, mas também o vosso condicionamento, as limitações, os temores, as ansiedades, a total solidão e monotonia da vida. Estamos a perguntar-nos se essa estrutura pode ser totalmente demolida, para que possa tornar-se existente um nôvo estado mental. Êsse estado mental não pode ser preconcebido; se o é, trata-se meramente de um conceito, de uma idéia; e uma idéia nunca é real.

Temos êsse campo em que estamos vivendo — um fato real. Como operar uma mutação nesse fato? Só conhecemos o esfôrço como o meio de efetuar qualquer mudança — mudança sempre motivada pelo prazer ou pela dor, pela recompensa ou a punição (1). Para compreender-se a mudança, no sentido que damos à palavra, no sentido de mutação, de transformação total da mente, temos de investigar a questão do prazer. Se não compreendermos a estrutura do prazer, a mudança ficará sempre na dependência do prazer e da dor, da recompensa ou da punição.

---

(1) Isto é, "motivada pelo desejo de prazer, de recompensa, ou de fugir à dor ou à punição". (N. do T.)

O que todos queremos é prazer, cada vez mais prazer — ou o prazer físico, do sexo, das posses, do luxo etc. — o qual é muito fácil de compreender e de rejeitar — ou o prazer psicológico, no qual estão baseados todos os nossos valôres morais, éticos, espirituais. Tôdas as nossas relações se assentam nessa base — as relações entre duas imagens, e não entre dois entes humanos: as imagens que dois entes humanos criaram um do outro.

O animal só deseja prazer. E, como disse, há muito do animal em nós. A menos que compreendamos a natureza e estrutura do prazer, a mudança ou mutação será uma mera forma de continuidade do prazer, no qual está sempre contida a dor.

Que é o prazer? Por que busca a mente com tanta persistência essa coisa chamada prazer? Por prazer entendo o sentir-nos superiores, psicològicamente, a violência e seu oposto, a não violência. Cada oposto contém o oposto respectivo; a não violência, por conseguinte, não é, de modo nenhum, não violência. A violência proporciona grande prazer. Há enorme prazer em adquirir, em dominar; e, psicològicamente, no sentimento de possuir uma certa capacidade, de ter alcançado um objetivo importante, no sentimento de se ser inteiramente diferente de outra pessoa. Nesse princípio do prazer estão baseadas as nossas relações; nêle se alicerçam os nossos valôres éticos e morais. O prazer supremo não é só o sexo, porém a idéia de têrmos descoberto Deus, de têrmos descoberto algo totalmente nôvo. Estamos constantemente a esforçar-nos por alcançar êsse prazer supremo. Alteramos os padrões de nossas relações. Não gosto de minha mulher e procuro pretextos vários para escolher outra mulher. É dessa maneira que estamos vivendo — nessa batalha constante, nessa luta interminável. Nunca refletimos sôbre o que é o prazer, sôbre se, psicològicamente, existe um estado *real* de prazer. Por meio do pensamento concebemos ou formulamos o prazer e desejamos alcançar êsse prazer. O prazer, pois, pode ser produto do pensar.

Cumpre compreender tudo isso mui profundamente, perceber com o máximo de clareza a estrutura inteira do prazer, em vez de tratarmos de livrar-nos dêle, que é falta de madureza. É isso o que fazem os monges, por todo êste mundo. Estamos

empregando a palavra "compreender" num sentido não intelectual, não emocional: no sentido de vermos uma coisa com tôda a clareza, tal como *é* e não como gostaríamos que fôsse; sem a interpretarmos de uma certa maneira, conforme nosso temperamento. Então, quando compreendemos uma coisa, isso não significa que uma mente individual a compreendeu, porém, sim, que há um total percebimento dêsse fato. Seria bastante absurdo e insincero, de nossa parte, dizermos: "Não estou a buscar o prazer". Todos o estão buscando.

Para compreendermos o prazer, temos de examinar não só a questão do pensar, mas também a estrutura da memória. Esta manhã, ainda muito cedo, não havia na reprêsa a mais leve aragem e eram perfeitos os reflexos das árvores, da luz e das tôrres — sem um movimento. Uma coisa bela de ver, que me proporcionou grande deleite. A mente guardou na memória êsse prazer e deseja a sua repetição, pois a memória é coisa já morta. O prazer consiste em pensar naquela luz refletida na água, hoje de manhã, sendo êsse pensar a reação da memória, na qual ficou guardada aquela experiência da manhã. Da experiência desta manhã ou de ontem, o pensamento trata de auferir mais prazer. Vós me elogiastes e isso me deu prazer. Desejo a repetição dêsse prazer e, portanto, penso nêle (*risos*).

Não riais disso, por favor. *Olhai-o.* Examinai-o. É essa a razão por que evitamos falar na morte. Queremos a repetição de tôdas as experiências de nossa juventude. O prazer se torna existente por causa de uma experiência deleitável. A experiência foi-se, mas a lembrança ficou. Então a memória reage e, por meio do pensamento, deseja a repetição daquele prazer. Ela está sempre a esforçar-se. Isto é simples. O pensamento ocupa-se sempre com as coisas que proporcionaram prazer — sexo, êxitos etc. A questão naturalmente é muito mais complexa, porém não nos sobra tempo para examinar-lhe tôdas as complexidades. Mas, cada um pode, por si mesmo, observar o fato, estar cônscio dêle, vê-lo.

Conseqüentemente, êste é o problema: É possível experimentar, sem que a experiência deixe sua marca na memória e, por conseguinte, não tenhamos mais de pensar nela, por estar definitivamente acabada?

O homem vive há muitos milênios, há milhares e milhares de anos, e é o resíduo de todos os tempos, o resultado do tempo infinito. A menos que o homem ponha fim ao tempo, ficará prêso a esta roda — a roda do pensamento, da experiência e do prazer. Nada podemos fazer a êsse respeito. Se, com efeito, dizemos: "Tenho de pôr fim ao prazer" — o que não conseguiremos — dizemo-lo porque desejamos mais prazer. Temos de examinar e compreender esta questão da ação. Êste é um problema importante. Tôdas as religiões têm ensinado, em vão, que o prazer, em qualquer forma, é sempre a mesma coisa. Os mosteiros estão povoados dêsses monges que repudiam, que reprimem o prazer. O prazer está em relação com o desejo e, por conseguinte, dizem êles: "Vivei sem desejo!" — coisa absolutamente impossível.

Como é possível uma ação que atinja a estrutura do prazer e que não seja inspirada pelo desejo de mais prazer? Ação é *fazer,* ou *ter feito,* ou é ação *futura.* Tôdas as nossas ações, se as observarmos atentamente, estão baseadas numa idéia — idéia que foi formulada e de acôrdo com a qual, de acôrdo com essa imagem, essa autoridade, essa experiência, eu atuo. Para nós, a idéia, o protótipo, o ideal é muito mais importante do que a própria ação. Estamos sempre a esforçar-nos por ajustar a ação ao padrão. Se desejamos descobrir alguma coisa nova na ação, temos de estar livres do padrão.

O meio cultural em que vivemos impôs-nos certos padrões de comportamento, certos padrões de pensamento, certos padrões de moralidade. Quanto mais antiga a cultura ou civilização, tanto mais condicionada a mente se torna. Existe aquêle padrão, que a mente está sempre a imitar, a seguir, sempre a ajustar-se a êle. Êsse processo chama-se "ação". Se se trata de atividade puramente técnica, está ela (a mente) meramente a copiar, a repetir, a acrescentar alguma coisa ao que *era.* Por que atuamos com uma idéia? Por que é tão desmedidamente importante a ideação? Eu *tenho de fazer* alguma coisa; mas, por que necessito de uma idéia para fazê-la? Preciso ver por que é que tenho uma fórmula, um exemplo, uma autoridade. Não é por que sou incapaz de enfrentar ou não desejo enfrentar o fato, *o que é*?

Vejo-me aflito. Psicològicamente, acho-me num estado de terrível perturbação. Tenho uma idéia sôbre o que devo fazer,

o que não devo fazer, como proceder para alterar êsse estado. Essa idéia, essa fórmula, êsse conceito me impede de olhar o fato — *o que é.* A ideação e a fórmula são fugas ao que *é.* Há ação imediata em presença de um grande perigo. Não há então nenhuma idéia. Não formulamos primeiramente uma idéia, para agirmos de acôrdo com ela.

A mente se tornou preguiçosa, indolente, por causa da fórmula que lhe proporciona um meio de fuga à ação em presença do que *é.* Se percebemos por nós mesmos tôda essa estrutura, sem que no-la tenham apontado, é-nos possível enfrentar o fato — o fato de que somos violentos, por exemplo? Embora se fale incessantemente sôbre a não violência, principalmente no Oriente, *não* somos pessoas não violentas; somos violentos. A não violência é uma idéia de que se pode fazer uso polìticamente. Tem ela então diferente significação, mas é sempre uma *idéia,* e não um fato. Vendo-se incapaz de enfrentar o fato da violência, o ente humano inventou o ideal da não violência, o qual o impede de dar atenção ao fato.

Afinal de contas, o fato é que eu sou violento, colérico. Que necessidade tenho de uma idéia? O importante não é a idéia relativa ao estado de cólera, porém o próprio fato de estar encolerizado. Êste é que tem importância, tal como o fato de sentir fome. Quando se sente fome, não há nenhuma idéia a êsse respeito. Depois é que vem a idéia relativa ao que devemos comer; então, conforme nos dita o desejo do prazer, comemos. Só há ação em relação ao que *é,* quando nenhuma idéia existe sôbre o que se deve fazer a respeito do fato com que nos defrontamos, o qual é *o que é.*

Há a questão do mêdo. Há variadas formas de mêdo, das quais não trataremos agora. Há o fato real que é o mêdo; e êsse fato eu nunca *enfrentei.* Sei o que é o mêdo; a seu respeito tenho idéias: o que devo fazer, como proceder com êle, como fugir dêle, mas nunca estou realmente em contato com o mêdo. O processo da ideação é essencialmente o observador, o censor. Tenho mêdo. Posso atuar *totalmente* em relação a êle, de modo que a mente fique livre do mêdo, *completamente* e não em relação a um certo aspecto da vida: em todo o campo da existência? Inevitàvelmente, apresenta-se a pergunta: Se não tenho mêdo, não estarei sujeito a acidentes,

fìsicamente? Não estamos falando acêrca da existência física, com seu mecanismo de autoproteção, porém sôbre o mêdo que o pensamento criou em relação à existência. Pode a mente enfrentar êsse fato, sem a fórmula do que deve ou não deve fazer? E quem é a entidade que enfrenta o fato?

Formulemos a questão de maneira diferente. Vós estais aí, e o orador aqui, sentado neste estrado. Vós sois o observador, e o objeto observado é o orador. Tendes vossas preocupações, tendências, ambições, vossa avidez e vossos temores. É êste o observador que está a observar o objeto, assim como se observa uma árvore, uma coisa objetiva. Vós, o observador, estais a observar o mêdo. Dizeis "*Eu* tenho mêdo". Êsse EU é diferente do objeto observado. O mêdo é algo que está fora de vós, e vós, o observador, desejais fazer alguma coisa a seu respeito. É isso o que todos fazemos. Mas, o observador *é* diferente do objeto observado? O observador tem mêdo e diz: "Eu sou diferente da coisa que estou observando". Ora, o observador *é* a coisa observada. Não há diferença entre ambos. Êle tem mêdo, e o objeto observado tem mêdo.

Por exemplo, teme-se a morte; e a morte é uma coisa totalmente diferente do observador. Mas nunca se indaga o que *é* o observador. Que é o observador, o VÓS? *Quem* tem mêdo? Aquêle que sente mêdo tem naturalmente idéias neuróticas de tôda espécie. Quem é o observador, em relação ao mêdo? O observador é o conhecido, com suas experiências, seu conhecimento, seu condicionamento, seus prazeres, suas memórias — tudo isso constitui o observador. O observador teme a morte, porque o observador é mortal. Que *é* o observador? Mais uma vez: idéias, fórmulas, memórias — já mortas. Por conseguinte, o observador *é* a coisa observada.

Esta é a meditação real, e não aquelas práticas falsas conhecidas sob o nome de meditação. Aquêle fato (o observador é a coisa observada) exige muita atenção; requer-se muita energia para descobri-lo — *descobri-lo,* sem que no-lo mostrem. Ao descobri-lo, vereis que deixa completamente de existir a ação motivada pela vontade, pelo esfôrço, pelo desejo, pelo mêdo ao sofrimento. Porque então o que há é *ação,* e não a ação motivada por idéia. Ação é mudança, e ação total é mutação.

Ao falarmos sôbre mudança, temos de compreender o que é o prazer, em vez de rejeitá-lo. Temos também de compreender a acumulação de lembranças, que constitui sempre o conhecido. Pode-se tomar uma droga, fazer um certo exercício, praticar qualquer coisa, a fim de fugir ao conhecido. A fuga é meramente uma reação, uma maneira de evitar o conhecido, e, por conseguinte, caímos sempre no padrão de outro conhecido. É o que está ocorrendo. Isso (fugir) se faz com admirável habilidade no Oriente, muito melhor do que aqui, pois é o que lá se vem fazendo há séculos. Pensam que por êsse meio podem furtar-se às misérias e vulgaridades da existência. Mas, sinto dizer que isso não é possível, porque a mente está condicionada, e uma mente condicionada não pode experimentar o real em circunstância *nenhuma,* não importa qual seja o preparado químico que se lhe dê. Ela tem de livrar-se de seu condicionamento — condicionamento pela sociedade, pelas influências, os impulsos, a competição, a avidez, o desejo de poder, posição e prestígio. A mente que é vulgar, limitada, superficial, pode tomar uma certa droga — ela aqui se chama L.S.D., na Índia usa-se outra coisa, e noutras partes do mundo ela existe, sob diferentes nomes — mas permanece sempre vulgar e limitada. Nós estamos falando sôbre a mudança, a mutação total da própria mente.

Êste é um problema que exige muito percebimento, e não um dado estado espiritual, absurdo, místico: percebimento das palavras que usais, do que falais, do que fazeis, do que pensais. Deveis estar *cônscios* de tudo isso, para começardes a descobrir por vós mesmos todos os movimentos de vossa mente, que é também a mente de todos os outros entes humanos do mundo. Não precisais de ler nenhuma filosofia ou psicologia, para descobrirdes o processo de vossa própria mente. Êle está à vossa frente; tendes de aprender a olhá-lo; e para olhá-lo, deveis estar cônscios não só das coisas externas, mas também dos movimentos interiores. O movimento exterior é também o movimento interior; não existe "exterior" e "interior". É um movimento de constante intercâmbio. Tendes de estar cônscios dêsse movimento; mas não precisais ingressar num mosteiro para aprenderdes a estar cônscios; o que tendes de fazer é apenas manter-vos vigilantes, todos os dias, ao entrardes num ônibus, num carro elétrico, ao fazerdes qualquer coisa.

Isso exige enorme atenção, e atenção significa energia. Começareis assim a descobrir como a energia se dissipa por causa de nosso interminável tagarelar e, por conseguinte, pela vigilância, começareis a estar cônscios sem escolha, sem gostar ou não gostar, sem condenação. Começareis a observar, simplesmente: a observar vossa maneira de andar, de falar, de tratar os outros. Êsse mesmo ato de observar, sem nenhuma fórmula, produz uma tremenda energia. Não precisais tomar drogas para terdes mais energia. Vereis então, por vós mesmos, que se opera uma mutação, sem a terdes desejado.

INTERROGANTE: Quando empregais as palavras "o que é", entendeis algo de metafísico, abstrato, intelectual?

KRISHNAMURTI: Quando dizemos "o que é", sabemos de que se trata. Se tenho dor de dentes — isso é *o que é*; se sinto fome, se tenho um grande apetite — isso é *o que é*; se sou ambicioso, se estou a competir com alguém, ao mesmo tempo que falo em amor e fraternidade (o que é puro absurdo, se sou ambicioso) — então *o que é* é a ambição. A idéia de que deve haver paz no mundo é pura teoria, nem nenhuma realidade. Não há paz no mundo porque, como ente humano, sou agressivo, competidor, ambicioso; porque estamos a dividir-nos em diferentes grupos, sociológica, moral e espiritualmente. Eu pertenço a *esta* religião e vós pertenceis *àquela* religião. Como se vê, *o que é* é muito simples.

INTERROGANTE: Quando não se dá nome ao prazer, o que resta é energia?

KRISHNAMURTI: Já observastes o vosso prazer? Já observastes o seu conteúdo, como êle surge, e o que implica? Simplificando: Há a percepção visual de uma mulher, de um belo carro, disto ou daquilo. A percepção desperta, estimula a sensação e dessa sensação provém o desejo. Penso no desejo e êsse pensar me dá prazer. Descobriremos o que resta, quando tivermos compreendido o prazer.

INTERROGANTE: Se vejo uma mulher, sem pensamento...

KRISHNAMURTI: Êsse senhor deseja saber o que acontece (*risos*). Não riais! Muito importa compreender a pergunta que estamos examinando. Pode-se observar alguma coisa sem prazer, sem dor? Podeis observar alguma coisa? E quando

o fazeis, que acontece? Se não sois cego ou paralítico, tendes reações. Podeis controlar, reprimir, negar, evitar essas reações; mas *há* alguma reação. E tendes de ter essa reação, porque se não a tendes estais morto. Essa reação se torna desejo, e quanto mais uma pessoa pensa nesse desejo, tanto mais dor ou prazer êle proporciona. Se o desejo é doloroso, procurais evitar o pensar nêle; mas, se é agradável, nêle pensais. Não podeis dizer: "Está bem; não quero ter prazer". Tendes de compreender todo o mecanismo dêsse processo altamente complexo e que é a um tempo fisiológico e psicológico. Para observá-lo muito claramente, requer-se claro percebimento. Senhor, alguma vez observastes uma flor?

INTERROGANTE: Não tenho possibilidade de discernir claramente o que entendeis por idéia e ação. Se tenho fome e não tenho a idéia de escolher entre o leite e o pão, como posso fazer tal escolha?

KRISHNAMURTI: Senhor, vós tendes de escolher entre diferentes dentistas, diferentes médicos, não? Há escolha, quando comprais um casaco ou um vestido. Mas, existe alguma outra espécie de escolha? Há escolha quando vêdes uma coisa com tôda a clareza? Por exemplo, se vêdes o que é o nacionalismo, atualmente predominante no mundo, se percebeis tudo o que êle acarreta, tudo o que implica — limitação, disputas, batalhas, orgulho, e tantas outras coisas medonhas — se vêdes o veneno que êle é, então o nacionalismo cai por si. Nenhuma ação se verifica, nenhuma escolha. Só existe a escolha quando há confusão. Quando a mente não está confusa, não há escolha. O que há é a percepção direta.

Estamos usando de palavras muito simples, de sentido não técnico. Quando emprego a palavra "prazer", ela tem o seu significado lexicológico comum.

INTERROGANTE: É possível alcançar a percepção direta e *chegar* à ação, na maneira como a descrevestes?

KRISHNAMURTI: Eu não descrevi a ação. Ela é o que fazemos; o que acontece em cada dia de nossa vida.

INTERROGANTE (outro): Não ouvi a pergunta.

KRISHNAMURTI: Deixai-me, mais uma vez, repetir uma coisa. É muito importante fazer a pergunta correta, não a mim, não

ao orador. E para fazê-la necessita-se de muito ceticismo — não do absurdo ceticismo da mente não amadurecida. Para se fazer a pergunta correta, não deve haver aceitação nem autoridade; e fazer a pergunta correta é uma das coisas mais difíceis, pois nunca fizemos uma pergunta correta. Temos feito perguntas e mais perguntas; mas a pergunta correta implica que não há outra pessoa para a ela responder. Fazer a pergunta correta implica que a mente está libertada de tôda autoridade e comparação e, portanto, habilitada a fazê-la. E no próprio ato de fazê-la, está contida a resposta.

INTERROGANTE: Que é ação espontânea, livre de condicionamento?

KRISHNAMURTI: Em primeiro lugar, não há ação espontânea enquanto há condicionamento. Tão logo nos libertamos do condicionamento... mas, senhor, falais como se uma das coisas mais fáceis do mundo fôsse o libertar-nos de nosso condicionamento. Santo Deus! (*Risos*) Vereis o que isso significa, se o examinardes bem. Considerai um indivíduo condicionado por dez mil anos de hinduísmo; pode essa pessoa fàcilmente "jogar fora" êsse condicionamento? A libertação do condicionamento não é uma questão de tempo. Não é um processo gradual. Quando sabeis que estais condicionado e observais êsse fato, êsse próprio percebimento põe fim ao fato. Vereis que não há então ação nenhuma, porém estais simplesmente em movimento. Não há questão de espontaneidade. Só o homem que se acha na servidão está sempre a falar em espontaneidade.

INTERROGANTE: No começo desta palestra, perguntastes se é possível o homem ficar totalmente livre, sem retornar à sua confusão, e creio que respondestes "sim". No final da palestra falastes sôbre o viajar pelo caminho do descobrimento, e isso implica que haverá momentos de experiência do que *é,* e momentos de não experiência do que *é.*

KRISHNAMURTI: A maioria de nós não percebe que está confusa. Quando estamos vinculados a uma dada fórmula — comunista, católica, hinduísta, ou outra — ou ao mais moderno sistema de pensamento, pensamos que estamos livres de confusão. Não estamos; e nossa confusão só cessará quando não houver nenhum movimento do observador. Há momentos

em que pensamos não estar confusos, porém muito lúcidos; no momento seguinte estamos confusos. Pensamos ter resolvido completamente um problema, e êsse mesmo problema torna a surgir num outro dia. Vemo-nos em plena confusão; e, de dentro dessa confusão, escutamos, buscamos um guia político, religioso, psicológico etc. O que escolhemos nasce de nossa confusão e, por conseguinte, é também confuso. Êste é um problema realmente complexo e espero possamos considerá-lo na próxima reunião.

28 de setembro de 1966.

NOVA IORQUE — III

A CONFUSÃO HUMANA

Dissemos que hoje iríamos tratar da questão da confusão. Antes de começarmos a considerá-la, devemos compreender o que se entende por liberdade, se existe liberdade, e também o que se entende por escolha. Estar livre de alguma coisa — o que em verdade é uma reação — não é liberdade, absolutamente. A mera revolta contra um certo padrão de pensamento, ou uma certa estrutura social, não é liberdade. A liberdade implica um estado mental isento de imitação ou ajustamento, e, por conseguinte, sem mêdo. Podemos estar revoltados e no entanto estar a ajustar-nos, como se vê no mundo atualmente, e essa revolta é chamada "liberdade". Mas essa revolta — seja a revolução comunista, seja qualquer outra revolução social, há de inevitàvelmente criar um padrão. Poderá haver uma diferente ordem social, mas trata-se ainda de um padrão de ajustamento. Ao falarmos de liberdade, entendemos decerto um estado em que não há ajustamento nenhum, nem imitação. A imitação e o ajustamento são inevitáveis onde existe o mêdo; e o mêdo invariàvelmente cria a autoridade: a autoridade da experiência de outrem, a "autoridade" de uma nova droga, ou a autoridade de nossa própria experiência, nosso próprio padrão de pensar.

Devemos ver bem claras as coisas, quando falamos de liberdade. Os políticos falam de liberdade, mas não falam a sério. As pessoas religiosas, em todo o mundo, falam de libertação da escravidão, libertação do sofrimento, libertação de tôdas as angústias humanas. Traçaram um certo roteiro, um

certo padrão de comportamento, de pensamento e ação para a libertação. Mas, nega-se a liberdade quando há ajustamento a um padrão religioso ou social. Há liberdade? Há liberdade quando há escolha? Tôda escolha, a meu ver, é um ato nascido da confusão. Quando me vejo desorientado, na incerteza, é então que escolho. Digo: "Escolho minha liberdade", "Sou livre para escolher". Mas, a escolha não é resultado da incerteza? Por causa de minha confusão, desorientação, incerteza, falta de clarividência — por causa disso atuo. Escolho um guia; escolho determinada linha de ação; vinculo-me a uma determinada atividade. Mas, essa atividade, êsse padrão de ação, a busca de um determinado modo de pensamento resulta de minha confusão. Se não estou confuso, se não há confusão de espécie alguma, não há então escolha; vejo as coisas como são. *Não* atuo por escolha.

A mente capaz de escolher é, com efeito, uma mente muito confusa. Talvez não concordeis comigo, mas permiti-me sugerir-vos ouvir tudo, até o fim, sem concordar nem discordar. Como há dias dissemos, não estamos aqui fazendo propaganda de uma dada filosofia, de uma certa norma de ação, nem tampouco estamos expondo certos princípios. Tudo isso só indica absoluta falta de liberdade. Quando nos vemos confusos, desorientados — como está a maioria das pessoas por êste mundo afora — por causa dessa confusão escolhemos um líder político, um sistema religioso, ou seguimos os ditames da última moda.

Temos de examinar esta questão, verificar o que é clareza e se a mente, que se acha confusa, incerta, é capaz de ver com clareza — condicionada como está por várias influências sociais, padrões religiosos, tem incessante propaganda que nos força a pensar desta ou daquela maneira, condicionada pelos inúmeros líderes políticos e religiosos existentes neste mundo, e por várias seitas. Tudo isso produz confusão na mente. Quando me vejo insatisfeito com um dado padrão de atividade, uma dada linha de pensamento, uma dada filosofia ou dogma, passo para outra série; de maneira que estou sempre inibido, sempre vinculado a alguma coisa. Penso que haverá clareza, um estado livre de confusão, se eu estiver ligado a uma determinada norma de ação.

Acho que, se a gente está confusa (e sabemos quais são as razões dessa confusão: as filosofias, os teólogos com

seus respectivos padrões de pensamento, a dizer-nos o que devemos crer e o que não devemos crer), o ente humano, em geral, se verá desorientado, sem saber o que fazer. A meu ver, a coisa principal é que não estejamos ligados a nenhuma organização — religiosa, política, sectária; ou à droga mais recentemente inventada; não estar ligado a nada. Isso é dificílimo, porque de todos os lados nos vemos pressionados a ligar-nos a alguma coisa. Algo temos de fazer: fazer *isto, aquilo,* tomar a droga mais moderna, recorrer a "tal" filosofia, a "tal" instrutor. Porque o que êles afirmam nos parece tão claro e positivo que, em virtude da nossa confusão, aceitamo-lo, esperando que dessa aceitação resultará uma certa clareza de pensamento, um sentimento de certeza. Pode a mente entrar num estado completamente livre de vínculos?

Como antes dissemos, uma palestra desta natureza só é interessante se somos capazes de ultrapassar a palavra, porque a explicação e a palavra não são a coisa. Pode haver uma centena de explicações das razões de nossa confusão; mas a mente que deseja, que exige estar libertada da confusão, não se satisfaz com explicações, com palavras, com nenhuma autoridade. Podemos nesta tarde descobrir, *por nós mesmos,* se é possível à mente que percebe a sua confusão, que reconhece estar ligada a uma determinada norma de ação, social ou religiosa, quebrar todos os vínculos, não porque alguém disse que deve fazê-lo, porém por compreender que qualquer padrão de pensamento ou ação engendra mais confusão? Se a mente exige clareza, exige estar livre de tôda a sua confusão, por compreender a necessidade de liberdade, essa própria compreensão liberta a mente de seus vínculos, e essa é uma das coisas mais difíceis que há. Estamos comprometidos porque pensamos que tal compromisso nos conduzirá a uma certa clareza, uma certa facilidade de ação. E quando nenhum compromisso temos, sentimo-nos como que perdidos, desorientados, porque em tôrno de nós todos estão comprometidos. Passamos dêste grupo para aquêle grupo, dêste instrutor para aquêle instrutor; seguimos um certo líder ou guia. Todos estão presos nesta rêde, e se não queremos estar comprometidos, precisamos compreender o que todo compromisso implica. Se percebemos um perigo, se o vemos com tôda a clareza, não o tocamos, não nos acercamos dêle. Mas, *ver* com clareza é muito difícil, porque a mente diz "Preciso fazer alguma coisa,

agir; não posso esperar; que devo fazer?". Ora, por certo, a mente que está confusa deve, antes de tudo, perceber que está perturbada e, também, compreender que todo movimento procedente dessa perturbação só irá criar mais perturbação. Não estar ligado a nada significa estar completamente só; e isso exige perfeita compreensão do mêdo. Podemos ver o que está acontecendo no mundo. Ninguém deseja estar só. Não digo estar só com um rádio, com um livro, estar sentado a sós debaixo de uma árvore, ou num mosteiro, com um nome ou rótulo diferente. O "estar só" implica percebimento de tudo o que está implicado nas várias formas de compromisso que o homem busca por causa de sua confusão. Quando um ente humano amadurecido exige a libertação da confusão, há então êsse percebimento dos fatos decorrentes da confusão. Daí vem o "estar só". Então, êsse homem está *só,* e é realmente um homem sem mêdo.

Que devemos fazer? Percebemos muito claramente que tôda ação nascida da confusão só conduz a mais confusão. Isso é muito simples e muito claro. Qual é então a ação correta? Nós vivemos pela ação. Não podemos fazer outra coisa senão agir. Todo o processo do viver é ação. Temos de reconsiderar esta questão da ação. Conhecemos muito claramente a ação que resulta da confusão, ação graças a qual esperamos alcançar a certeza, a clareza. Se percebemos isso, então, se não estamos mais vinculados a nenhuma norma de pensamento, nenhuma filosofia, a ideais de espécie alguma, então que é ação? Esta é uma pergunta legítima, após têrmos dito tudo o que dissemos. A única ação que conhecemos é a ação do ajustamento. Tivemos certas experiências, certos prazeres, adquirimos certos conhecimentos, e tudo isso estabelece a norma de nossa ação. Cremos em certas coisas e, de acôrdo com essa crença, agimos, ajustamo-nos. Tivemos certos prazeres em nossa experiência — sexual ou não sexual, ideológica etc. O prazer dita a norma de nossa ação. A maioria de nossos atos é sempre resultado do passado. A ação nunca está no presente: é sempre um resultado do passado. É essa a ação que chamamos "positiva", porquanto está sempre a seguir, no presente, o que *foi,* e a criar o futuro.

Notai, por favor, que o que estamos dizendo não é nenhuma filosofia profunda. Estamos apenas observando fatos.

Podemos, com efeito, descer a grandes profundezas, mas, primeiramente, temos de limpar o terreno.

A palavra "ação" implica um presente ativo. Ação é sempre "ação no presente"; não significa "agi" ou "agirei". Nossa ação é sempre de ajustamento a uma idéia, um símbolo, uma ideologia, uma filosofia, uma experiência que tivemos, ou a nossos conhecimentos, nossas experiências acumuladas, nossas tradições etc. Existe alguma ação que não seja de ajustamento?

Só quando temos liberdade, temos paixão. Não me refiro à paixão carnal, a qual tem seu lugar próprio; refiro-me a um estado de liberdade em que existe intensa energia e paixão. De outro modo, não podemos agir; de outro modo, somos meros relógios de repetição, meras máquinas — máquinas ajustadas pela sociedade, pelo meio cultural em que fomos criados, ou pela religião organizada. Se percebemos a urgência da liberdade, nesse percebimento há paixão. A paixão está sempre no presente; não é algo já passado ou que teremos amanhã, pois esta é a paixão criada pelo pensamento. Tenho prazer. Ora, há diferença entre a paixão do prazer e a paixão que nasce quando estamos completamente libertados da confusão, quando há claridade total. Essa claridade só se torna possível, com sua intensidade, sua paixão, sua atemporalidade, quando compreendemos o que é ação e se a ação pode ser livre da imitação, do ajustamento aos ditames da sociedade, dos nossos temores, da nossa intrínseca indolência. Gostamos de repetir e tornar a repetir, principalmente aquilo que nos proporciona grande prazer: o ato sexual etc. Isso se torna tanto mais importante, quanto mais superficial a sociedade se torna. É o que está acontecendo no mundo. Quando o progresso é tecnológico, exterior, quando a prosperidade é egocêntrica, o prazer se torna então da mais alta importância, seja o prazer do sexo, seja o prazer da experiência religiosa (*risos*). Não riais, por favor; tudo isso é muito sério. Estamos enfrentando uma tremenda crise na vida. Alguns conhecem essa crise, que não é econômica nem social, porém uma crise na própria consciência. E, para abrirmos caminho através dela, para reagirmos a essa crise como a um desafio, necessitamos de muita seriedade.

Temos de aprofundar esta questão da seriedade, porque a vida é um movimento em ação. Não podemos ficar inertes,

mas é isso o que estamos tentando. Estamos colhidos no movimento do que *foi,* e os moços dizem: "Nós somos a nova geração". Não são. Para compreender tudo isso temos de investigar o que é a ação em liberdade. Existe tal coisa — liberdade? Pode a mente libertar-se de seu condicionamento, e podem também libertar-se as células cerebrais, que vêm sendo fortemente condicionadas há tantos milhões de anos e que têm seus próprios padrões de reação?

Que é ação? Conhecemos muito bem a ação que segue uma idéia, a ação que segue uma fórmula (imposta de fora à mente ou que ela própria criou para si e de acôrdo com a qual atua) — uma fórmula de conhecimento, de experiência, de tradição, e de mêdo à opinião pública. É essa a ação que conhecemos, mas essa ação é sempre limitada. E leva sempre a mais condicionamento.

Existe outra ação que não seja condicionante? Acho que, inevitàvelmente, uma pessoa terá de fazer a si mesma essa pergunta. Vendo-se o que está acontecendo no mundo — miséria, guerras, divisões políticas, divisões geográficas, as divisões criadas pelas religiões, pelas crenças e dogmas — vendo-se tudo isso, pode haver alguma ação não subordinada a êsse padrão?

Como já dissemos, concordar ou discordar não tem significação nenhuma. Podemos voltar as costas ao desafio, à crise, e tratar de divertir-nos, de entreter-nos, de várias maneiras. Cada um de nós está em presença de uma crise, pois somos totalmente responsáveis por tôda a estrutura da sociedade humana. Somos responsáveis por estas guerras; somos responsáveis por estas divisões nacionais e geográficas; somos responsáveis pelas divisões da religião, com seus dogmas, seu temores, suas superstições, porque nos vinculamos a elas. Não podemos evitá-las. Elas estão à nossa frente. Como reagir?

Existe alguma ação não causadora de servidão? Penso que há, e vou agora examiná-la. Mais uma vez, vêde, por favor, que não estamos aceitando nenhuma autoridade. Êste orador não é autoridade, porquanto não há seguidor, nem há instrutor. O seguidor destrói o instrutor, e o instrutor destrói o seguidor. O que estamos tentando é examinar e, nesse processo de exame, descobrir por nós mesmos o que é verdadeiro. Na realidade, não se trata de um processo. Processo implica tempo, uma marcha gradual, passo a passo. Mas, aqui não há

"passo a passo"; não há processo gradual de compreensão. Quando vemos uma coisa muito claramente, agimos, e a clareza do percebimento não é criada por um processo gradual, pelo tempo.

Como dissemos, há a ação positiva, com a qual todos estamos bem familiarizados. Estamos procurando averiguar se há uma ação que não seja positiva, em absoluto, no sentido em que entendemos a palavra "positivo" — que indica, afinal de contas, conformismo. Expressando-o diferentemente: Estamos confusos. A êsse respeito não há dúvida alguma. Em nossas mútuas relações, em nossas atividades, em nossa procura do Deus que devemos adorar — se de fato sabemos adorar — estamos confusos. Essa compreensão — se observardes muito atentamente, como espero estejais fazendo agora — ocasiona a negação do "positivo". Há então uma ação que *não* é positiva. A própria negação do "positivo" é ação negativa.

Deixai-me formular isso de maneira diferente. Existe ação não baseada num processo mecânico? Não me refiro à ação espontânea. Não existe ação espontânea, a não ser, talvez, quando vemos uma coisa perigosa, ou uma criança a afogar-se. Mas, uma coisa dessas não se nos apresenta diàriamente. Cumpre-nos descobrir, encontrar aquela outra forma de ação, porque, de contrário, permaneceremos simples máquinas — como o é a maioria dos entes humanos, com sua rotina diária, freqüentando um escritório durante quarenta anos, com a ação sempre repetida do prazer etc.

Estamos investigando se existe alguma ação que não seja de ajustamento. Para a descobrirmos, a ação positiva tem de terminar. É possível a ação positiva terminar, sem ser por imposição da vontade? Se houver imposição da vontade, uma determinação de pôr têrmo à ação positiva, essa determinação criará um nôvo padrão de ajustamento e, portanto, será uma ação de ajustamento.

Quando digo "Não farei isto", essa asserção da vontade é produto de meu desejo de achar alguma coisa nova; mas o velho padrão, a velha atividade é criada pelo desejo, pelo mêdo, pelo prazer; negando o velho padrão pela ação da vontade. criei o mesmo padrão numa esfera diferente.

Nos cinco mil anos que passaram desde o início da história, o homem sempre escolheu o caminho da guerra: cêrca de

quinze mil guerras, quase três guerras por ano, e ainda não rejeitamos as guerras! Temos guerras "favoritas" e guerras "não favoritas". Não rejeitamos a violência, e isso indica que o homem não deseja a paz. A paz não é uma pausa entre duas guerras, não é a paz do político. A paz é coisa inteiramente diversa. Vem a paz quando estamos libertados do "positivo". Quando totalmente negamos a guerra ou totalmente negamos a divisão dos absurdos religiosos, porque compreendemos perfeitamente a natureza e a estrutura de tudo isso, e não porque não gostamos disto ou daquilo — isso nada tem que ver com "gostar" ou "não gostar" — nessa própria rejeição há negação, e dessa negação decorre uma ação que nunca se ajusta.

A mente confusa que busca a clareza só pode confundir-se cada vez mais, porque uma mente confusa não pode achar a clareza. Está confusa; que pode fazer? Tôda busca de sua parte só a levará a maior confusão. Não parecemos perceber isso. Quando a mente está confusa, devemos deter-nos — deter tôda e qualquer atividade — e essa própria detenção é o comêço do nôvo, que é a ação mais positiva — "positiva" num sentido inteiramente diferente. Tudo isso implica que deve haver um profundo autoconhecimento — conhecimento de tôda a estrutura de nosso pensar-sentir, dos motivos, dos temores, das ânsias, da "culpa", do desespêro. Para conhecermos todo o conteúdo de nossa mente, temos de estar vigilantes — vigilantes, no sentido de observar sem resistência ou condenação, sem aprovação ou reprovação, sem prazer ou desprazer — observar, simplesmente. Essa observação é a negação da estrutura psicológica da sociedade, que diz: "Deveis", "Não deveis". Por conseguinte, o autoconhecimento é o comêço da sabedoria; é, também, o comêço e o fim do sofrimento. O autoconhecimento não pode ser adquirido num livro, nem com procurarmos um psicólogo, para sermos examinados analìticamente. Autoconhecimento é compreender verdadeiramente o que *é* — o que *há* em nós: dores, ânsias; vê-lo sem nenhuma desfiguração. Dêsse percebimento nasce a clareza.

INTERROGANTE: Como podemos começar a conhecer a nós mesmos?

KRISHNAMURTI: Não sei por que dificultamos tudo. Em primeiro lugar, nós não nos conhecemos, absolutamente. Somos todos personalidades de "segunda mão". Vemo-nos à mercê

dos analistas, dos filósofos, dos instrutores. Para conhecermos a nós mesmos, temos de compreender o que é *aprender*. Aprender é muito diferente de acumular conhecimentos. O aprender está sempre no presente ativo. O conhecimento é sempre do passado. A mente que aprende uma língua está acumulando palavras, armazenando. Tôda técnica é assim. Com essa acumulação a mente atua. Coisa muito diferente é o aprender. O aprender nunca acumula. Tenho de acumular, se preciso de aprender uma técnica; e, com essa técnica, com essa capacidade que adquiri, eu opero e aumento a minha eficiência. Isso, decerto, não é aprender. Aprender é um movimento, um estado fluido; e não há essa fluidez no momento em que há o estado de conhecimento, o qual é essencial quando estamos funcionando tecnològicamente. Mas, a vida não é acumulação tecnológica; a vida é um movimento, e para aprendê-la e segui-la, temos de aprender a todo momento. Para aprender, não há acumulação.

Essa é a primeira coisa que cumpre observar. Para que haja autoconhecimento, tem de haver uma ação de aprender, a cada minuto; não tendo aprendido, olho-me e acrescento mais alguma coisa a êsse conhecimento, depois de ter olhado a mim mesmo. Nesse processo é mantida a separação entre o observador e a coisa observada.

Vêde, senhor, desejo conhecer-me. Em primeiro lugar, disseram-me muitas coisas a respeito de mim mesmo: que sou a alma, a chama eterna, e sabe Deus o que mais. Há dúzias de filosofias e de idéias: "eu superior", "eu inferior", "realidade permanente" etc. Desejo conhecer a mim mesmo; portanto, é bem óbvio que tenho de rejeitar *tudo* isso. Tenho de rejeitá-lo, observando a maneira terrível como a mente tem sido influenciada. Somos escravos da propaganda — religiosa, militar, comercial. É o que somos, e para compreendê-lo não podemos condená-lo. Não devemos dizer "Isto é bom", "Isto é mau", "Devo conservar isto", "Não devo conservar isto". Temos de observar.

Para observar, não deve haver condenação, nem justificação, nem aceitação. Então, começo a aprender. Aprender não é acumulação. Então, eu observo. Observo, para ver o que sou; não o que eu gostaria de ser, porém o que sou realmente. Não estou aflito, não digo: "Como é terrível isso que

sou!". Sou *assim*. Não o condeno, nem o aceito. Observo. Vejo as tendências de meu pensar, o padrão de meu pensar, de meu sentir, vejo meus motivos, temores, ansiedades.

Quem é o observador? Isto não é filosofia profunda; é uma coisa comum, de todos os dias. Quem é o observador? Quem é o EU que diz "Eu olho"? O EU que olha são as experiências, condenações, observações, conhecimentos etc. Êle é o *centro*, o observador. Êle se separa da coisa observada. Êle diz: "Estou observando o meu mêdo, a minha "culpa", o meu desespêro". Mas, o observador é a coisa observada. Se não fôsse, não reconheceria o seu desespêro.

Sei o que é desespêro, o que é solidão, e essa memória permanece. Na próxima vez que êle aparece, digo que é uma coisa diferente de mim. A divisão em observador e coisa observada gera um conflito, e saio então por uma tangente, procurando descobrir uma maneira de resolver êsse conflito. Mas, o fato é que o observador é a coisa observada. Isso não é um conceito intelectual, porém um fato. Quando o observador é a coisa observada, então aprender é *agir*. Não aprendo, para depois agir. Mas essa ação só se verifica quando o observador é o objeto observado. Essa ação é a negação do que *foi*, do processo mecânico.

INTERROGANTE: Existe um estado de percebimento, em que o passado não se reafirme contìnuamente?

KRISHNAMURTI: Há percebimento do processo total do tempo, do processo total e não do processo fragmentário, constituído de ontem, hoje e amanhã? Temos de reconsiderar tôda a questão do tempo, mas o momento não é oportuno para o fazermos. Se há total percebimento do tempo, não há então continuidade, como "estou cônscio" ou "estive cônscio" ou "estarei cônscio". Quando estais completamente atento, com vossa mente, vosso coração, vossos nervos, vossos olhos, vossos ouvidos — quando *tudo* está atento, não há nenhum tempo. Não dizeis, então: "Estive atento ontem, e hoje não estou atento". A atenção não é um movimento (*momentum*) contínuo do tempo. Ou estais atento, ou não estais atento. Em geral, estamos desatentos, e nesse estado de desatenção criamos aflições para nós mesmos. Se estais totalmente atento ao que está ocorrendo no mundo — fome, guerras, doenças, tudo — deixa então de existir a divisão do homem contra homem.

INTERROGANTE: Há momentos quase assim, mas no dia seguinte ou no momento seguinte, êles se foram. Como posso conservar aquela "memória" que eu tive?

KRISHNAMURTI: Uma "memória" é coisa morta. Por conseguinte, não é percebimento, não é atenção. A atenção está sempre no presente. Nisso consiste a arte de viver, senhor. Quando estiverdes desatento, não façais nada. Isso requer muita inteligência e muita observação; porque a desatenção é que é a causadora de nossos males e aflições. Quando estais atento, *inteiramente,* com todo o vosso ser, nesse estado a ação é instantânea. Mas a mente se lembra dessa ação e deseja repeti-la, e então estais perdido.

INTERROGANTE: Podeis falar sôbre a relação entre a ação, a energia e a atenção?

KRISHNAMURTI: É o que estou fazendo, senhor. A desatenção é dissipação de energia. Mas, nós somos exercitados pela educação, pela estrutura social e psicológica do mundo, para estar desatentos. Outros pensam por nós; dizem-nos o que devemos fazer, o que devemos crer; dizem-nos como devemos experimentar; mandam-nos fazer uso de drogas. E nós, quais carneiros, os seguimos. Tudo isso é desatenção. Quando há autoconhecimento, quando estamos penetrando profundamente em tôda a estrutura, na natureza de nós mesmos, então a atenção se torna uma coisa natural. Há grande beleza na atenção.

30 de setembro de 1966.

NOVA IORQUE — IV

TEMPO, MORTE, AMOR

DESEJO nesta reunião falar sôbre um assunto que se me afigura sumamente importante. Penso que uma comunidade ou sociedade que não compreendeu o problema do tempo, da morte e do amor, será, òbviamente, muito superficial; e a sociedade ou comunidade que é superficial há de, inevitàvelmente, deteriorar-se. Pela palavra "superficial" entendo o contentar-se meramente com os fenômenos externos, os êxitos externos, a prosperidade, o passar o tempo agradàvelmente, e a exigência de entretenimentos. Os entes humanos que fazem parte de tal sociedade forçosamente hão de deteriorar-se, quer freqüentando a igreja, quer os jogos de futebol. Uma e outra coisa são iguais. As pessoas as freqüentam pela necessidade de entretenimento, de estímulo. A menos que, como entes humanos, resolvamos estas questões fundamentais, a mente estará condenada a deteriorar-se. O problema é êste: É possível deter essa contínua onda de deterioração, não só da mente e do coração, mas também a deterioração proveniente da falta de zêlo, de ardor, de paixão? Ao falar-se na questão do tempo, da morte e do amor, acho da maior importância ter-se presente que a palavra, a explicação não é o fato. Em geral nos satisfazemos muito fàcilmente com explicações; pensamos ter compreendido. A maioria de nós, que tanto temos lido e tantas coisas temos experimentado, tem capacidade suficiente para explicar qualquer coisa. Podemos dar uma explicação para quase tudo, e a explicação parece satisfazer-nos, mas, quando estamos tratando sèriamente de um dado assunto, a mera satisfação resultante de uma explicação verbal me parece totalmente

fútil, denota falta de madureza. Também, se me permitis recapitular êste ponto, muito importa a maneira como escutamos, pois a maioria de nós não costuma escutar realmente. Escutamos com prazer ou desprazer, ou com uma fórmula de idéias, uma filosofia que cultivamos ou aprendemos. Atrás dessas cortinas escutamos, interpretando, traduzindo, rejeitando o que nos desagrada, conservando o que nos agrada, e o ato de escutar nunca se verifica.

Não sei se alguma vez já observastes — quando estais a ouvir alguém que conheceis há muitos anos, com quem tendes uma certa familiaridade — o pouco que escutais. Já sabeis o que a pessoa vai dizer. Já tendes opinião formada, já tendes certas conclusões, certas imagens, que impedem o verdadeiro escutar. Escutar é um ato importantíssimo. Penso que, se soubésseis escutar, não só o que diz o orador, mas também tudo o que vos cerca na vida diária; se soubésseis escutar todos os barulhos, o incessante tagarelar de vosso amigo, de vossa espôsa ou marido, as murmurações de vossa mente, o monólogo que ela entretém contìnuamente, sem condenar nem justificar, porém escutando realmente — êsse escutar traria uma ação bem diferente da ação do pensamento calculista e disciplinado.

Espero possamos nesta tarde escutar dessa maneira, e isso não significa que deveis concordar ou discordar. Pelo contrário, para escutar deve a gente ser altamente sensível, ardorosa, judiciosa, consciente de seu próprio funcionamento, quer dizer, achar-se num estado de atenção e, por conseguinte, de paixão. Só assim pode a mente escutar realmente e transcender as imagens e conclusões verbais, as experiências e teorias. Só então há comunhão entre duas pessoas. Essa comunhão é, com efeito — se posso empregar esta palavra tão "carregada" e tão desvirtuada — *amor*. Espero se estabeleça essa relação entre o orador e vós e, assim, fiquemos aptos a examinar, num pé de familiaridade, esta questão do tempo e da morte.

Não sei se já refletistes na questão da morte. A maioria de nós teme essa coisa que se chama "morte", o desconhecido. Evitamos, afastamos de nós tal questão. Ou chegamos a certas conclusões, racionalizamos a morte e nos contentamos com viver o quinhão de tempo que nos foi proporcionado. Para compreendermos uma coisa que desconhecemos, é óbvio que o

mêdo tem de terminar. Temos de compreender o mêdo, não a explicação do mêdo, não a inteira estrutura psicológica do mêdo, porém a natureza do mêdo. Quando se está tratando de assuntos profundos, de realidades profundas, acho que o que nos deve interessar principalmente é abeirar-nos dêles com uma mente nova, uma mente que não esteja a esperar nem a desesperar, uma mente capaz de observar, de enfrentar os fatos sem o menor estremecimento, o menor mêdo ou ansiedade. A menos que o mêdo seja dissipado — não recalcado ou evitado — não teremos possibilidade de compreender a natureza da morte. A mente deve estar completa e inteiramente livre de mêdo, porque a mente que tem mêdo, que está no desespêro ou nutre a fantasia da esperança, com os olhos no futuro, essa mente está envôlta em nuvens, é uma mente confusa, incapaz de pensar com clareza, a não ser nos assuntos relativos à sua cultura técnica. Aí, ela funciona mecânicamente. Mas, a mente que tem mêdo vive na escuridão; a mente que está confusa, no desespêro, na ansiedade, é incapaz de resolver qualquer coisa fora do processo mecânico da existência. E quer-me parecer que a maioria de nós vive mecânicamente. Preferimos não ocupar-nos com assuntos mais profundos, problemas mais profundos, desafios mais profundos.

É possível estar-se livre em todo o campo da mente, tanto no chamado inconsciente, como no consciente? Como já dissemos, não existe tal coisa — o inconsciente. Só existe êste campo da consciência. Podemos estar cônscios de uma determinada seção do campo, e não estar cônscios do restante. Se não estamos cônscios do restante, não compreenderemos a totalidade do campo. Infelizmente êsse campo foi dividido em consciente e inconsciente, e estamos sempre a fazer êsse jôgo entre o consciente e o inconsciente. Tornou-se moda estudar o inconsciente. Mas se, ao contrário, nos tornarmos cônscios do campo inteiro, não há necessidade alguma do inconsciente. Só a mente que está cônscia de um certo canto do campo e totalmente alheada do restante, só essa mente começa a sonhar — e vêm então as interpretações dos sonhos etc. Se no correr do dia estamos cônscios de cada pensamento, de cada sentimento, de cada motivo, de cada reação — *cônscios,* e não interpretando, nem condenando, nem justificando: simplesmente cônscios de todo o processo — veremos então que não há

nenhuma necessidade de sonhos. A mente se torna então altamente sensível, ativa, não se embota.

Ao investigarmos, examinarmos a questão do mêdo — e espero possamos fazê-lo, todos juntos, nesta tarde — teremos de abarcar o campo inteiro, e não uma dada forma de mêdo, não vosso mêdo particular, vosso mêdo "favorito" ou o mêdo que estais evitando. O mêdo, sem dúvida, só existe em relação com alguma coisa. Não existe sòzinho. Tenho mêdo de vós, tenho mêdo de uma idéia, mêdo de que minha crença seja destruída por uma idéia nova etc. O mêdo está em relação com alguma coisa. Não existe *per se*. E para compreendermos o mêdo em sua totalidade, devemos olhá-lo não fragmentàriamente, não como um mêdo particular, um mêdo neurótico que sinto. Devemos olhá-lo assim como olhamos um mapa-múndi. Depois, podemos passar ao particular, considerar os detalhes, olhar a estrada que estamos percorrendo, a aldeia a que nos estamos dirigindo. Necessitamos de compreensão total, e isso é um tanto difícil, porque estamos acostumados a pensar em têrmos do "particular", de fragmentos.

O contato com o mêdo, o mêdo total, exige atenção total. Pela palavra "atenção" não entendo concentração. A concentração é a coisa mais fácil que há, mas, para prestardes atenção, necessitais de tôda a vossa energia. Para dardes vossa atenção completa, tudo deve achar-se no mais alto grau de acuidade — vosso corpo, vossa mente, vosso coração, vossos nervos. Só então há atenção. Com essa atenção podeis olhar o mêdo; nela não há a concentração fragmentária, dividida, aplicada a um dado assunto; com ela vêdes o todo, a totalidade do mêdo, sua estrutura, sua significação e importância, sua interioridade. Se alcançardes êsse ponto, vereis então que o mêdo termina total e completamente, porque não estais enredado na palavra, no símbolo, no têrmo "mêdo", que também cria mêdo, assim como a palavra "morte" cria o seu mêdo peculiar. Uma pessoa se torna atenta, quando os problemas são urgentes, o desafio imediato. Sentis instantâneamente o desafio, com êle entrais em contato completamente.

De ordinário, nunca estamos em contato com um problema, um desafio, uma questão difícil, porque, quando surge o problema, já temos para êle uma solução. Já temos uma conclusão, uma mente sagaz e "verbal", que enfrenta a palavra,

o desafio, com a resposta já pronta. Por conseguinte, não há contato. "Estar em contato" significa *tocar* a coisa, e não podeis entrar diretamente em contato com uma dada coisa, se houver alguma idéia de permeio.

Para entrar em contato com o mêdo, a pessoa não só tem de compreender a palavra que estimula o mêdo, mas também compreender que a mente está enredada em palavras, porquanto todo o nosso pensar é formulado em palavras, símbolos. Para entrar diretamente em contato com o mêdo, a pessoa deve estar livre da estrutura verbal criada pelo cérebro, pela mente. Se queremos entrar em contato com êle, temos de *tocá-lo*. "Tocar" não é palavra, não é uma conclusão, porém um fato real. Se a pessoa é sagaz, talentosa, erudita, cheia de saber e intelectualidade, não pode tocá-lo de modo nenhum; não há contato direto com êle.

Se escutardes o que se está dizendo naquele sentido direto, descobrireis o campo total da mente, e a mente terá compreendido a natureza da palavra, como a palavra cria o sentimento, e como a mente preconcebe aquilo de que tem mêdo. O verbal, o simbólico, o processo de pensar verbalmente, tudo termina e estais habilitados a entrar diretamente em contato com essa coisa chamada "mêdo".

Como há dias dissemos, nunca estamos em contato com outro ente humano: nossa espôsa ou marido, nossos filhos, quem quer que seja — porque temos imagens do marido, da espôsa, do patrão etc. Essas imagens acham-se em relação umas com as outras. Temos também imagens relativas ao mêdo, à morte, ao amor, e a tôdas as coisas mais profundas da vida.

Muito importa compreender a questão do tempo. Emprego a palavra "compreender" no sentido de entrar diretamente em contato com uma coisa que a mente de modo nenhum pode compreender por meio do pensamento. Não se pode compreender o amor através de palavras, de idéias, de experiências pessoais. Esta questão do tempo é importante, porque para compreender a morte tendes de compreender o tempo; e compreender a morte e o tempo é saber, compreender o que é o amor. Sem a compreensão dessas três coisas fundamentais, a vida pouco significa. Podeis freqüentar um escritório e ter muito

dinheiro, mas isso tem diminuta significação. Quando a vida perde o seu significado profundo, estais então satisfeitos com a atividade superficial, que leva a mais confusão e mais sofrimento. É isso o que realmente está sucedendo no mundo, não só neste país, mas em tôda a Europa, na Índia, e noutras partes.

Estas questões têm de ser resolvidas por cada ente humano, porque cada ente humano é parte integrante da sociedade. Um ente humano não está separado da sociedade; é condicionado pela sociedade que êle próprio criou. Para ser criada uma nova sociedade ou comunidade, os problemas fundamentais da vida devem ser resolvidos.

Quando falamos a respeito do tempo, não entendemos o tempo cronológico. Êste tempo existe, *tem* de existir. Se desejais tomar um ônibus, um trem, ou encontrar-vos com alguém amanhã, necessitais do tempo cronológico. Mas, psicològicamente, existe um amanhã — que é o tempo da mente? Existe realmente "amanhã", psicològicamente? Ou o amanhã é criado pelo pensamento, porque êste, percebendo a impossibilidade de uma mudança direta e imediata, inventa o processo da gradualidade? Vejo por mim mesmo, como ente humano, quanto importa promover uma revolução radical na minha maneira de viver, de pensar, de sentir, e nas minhas ações, e digo de mim para mim: "Preciso de tempo para isso. Amanhã ou daqui a um mês serei diferente". É *êste* o tempo a que nos estamos referindo: a estrutura psicológica do tempo — o amanhã ou o futuro; êste o tempo em que estamos vivendo. O tempo é o passado, o presente e o futuro, não marcados pelo relógio. Ontem eu era; êsse ontem opera através do presente e cria o futuro. Isso é muito simples. Tive uma experiência no ano passado, a qual deixou uma marca na minha mente, e traduzo o presente em conformidade com aquela experiência, aquêle conhecimento, aquela tradição, aquêle condicionamento, e crio o amanhã. Estou prêso nesse círculo. É a isso que chamamos "viver", a isso que chamamos "tempo".

Espero estejais observando vossa própria mente e não meramente ouvindo as palavras do orador. Nesse processo do tempo, a memória é muito importante: a lembrança dos dias felizes da infância, as lembranças de uma experiência profunda, a lembrança que conservei de um certo prazer, que desejo

repetir amanhã. A repetição do prazer "amanhã" é continuada pelo pensamento. O pensamento, pois, é tempo; porque se, psicològicamente, não penso no amanhã, não há amanhã. Vêde por favor que isso não é uma simplificação exagerada. Para se compreender uma coisa muito complexa, uma coisa que requer profundo exame e penetração, deve-se começar com simplicidade; e o primeiro passo é que tem importância, e não o último passo.

O pensamento — que é VÓS — com tôdas as suas memórias, condicionamentos, idéias, esperanças, desesperos; a total solidão da existência — tudo isso constitui o tempo. O cérebro é o resultado do tempo, cronològicamente falando, o resultado de dois milhões de anos. Êle tem suas reações de avidez, inveja, ambição, ciúme, ansiedade. E, para compreender o estado atemporal, aquêle estado em que o tempo parou, temos de investigar se a mente pode ficar totalmente livre de tôda a experiência, que é do tempo.

Espero não estar tornando o assunto complicado. As explicações *são* complicadas, porém o fato real não é complicado; e quem está cônscio, atento, pode ver êsse processo. A vida é um processo contínuo de desafio e reação; e tôda reação é condicionada pelo passado. Todo desafio é nôvo, pois do contrário, não seria "desafio" — mas estamos sempre reagindo do passado, exceto em raras ocasiões, sôbre as quais não precisamos estender-nos. São ocasiões tão raras, que não contam. No cérebro se acumulam, na forma de experiência, todos os desafios e reações; e, na base dessa acumulação, nós agimos, pensamos, sentimos, funcionamos psicològicamente, interiormente, da pele para dentro, por assim dizer.

Cumpre averiguar se é possível viver-se tão completamente que não haja ontem, nem hoje, nem amanhã. Para compreender isso, e vivê-lo, temos de examinar a estrutura da memória, do pensamento. Temos de perguntar a nós mesmos o que é pensar. Que *é* pensar, e por que devemos pensar? Eu sei que se formou o hábito de pensar, raciocinar, julgar, escolher. No nível mecânico, isso é absolutamente necessário, pois, do contrário, não poderíamos funcionar. Mas, é possível viver, dia por dia, libertado do tempo psicológico, entendido como ontem, hoje e amanhã? Isso não significa viver no momento presente; esta é uma de nossas mais absurdas falácias:

O importante é viver *agora.* O agora é o resultado de ontem: o que pensamos, o que sentimos, nossas lembranças, esperanças, temores, tudo o que se acumulou. Se tudo isso não fôr compreendido e dissolvido, não poderemos viver no agora.

Não existe *agora,* por si só, porque a vida é um movimento total, infinito, que dividimos, psicològicamente, em ontem, hoje e amanhã e, conseqüentemente, inventamos o processo gradual para alcançarmos a libertação. Isso é fazer como o homem que fuma ou bebe: gradualmente abandonará o vício; para tanto precisará de tempo. Ou como o homem que é violento, mas tem o ideal da não violência. Enquanto está "alcançando" a não violência, está a disseminar os germes da violência. É isso o que estamos realmente fazendo, e chamamo-lo "evolução". Mas, por favor, não me tomeis por "fundamentalista" (1).

A mente, o cérebro, a estrutura inteira, só compreenderá o estado mental em que o tempo não existe, após ter compreendido a natureza da memória e do pensamento. Poderemos então encarar de frente e compreender a natureza da morte. A morte é agora uma coisa que está distante, "lá longe". Voltamos-lhe as costas; fugimos dela; temos teorias a seu respeito; racionalizamo-la; ou temos esperanças relativas à vida após a morte. Na Ásia, na Índia, crêem na reencarnação. É a esperança dêles, lá. Isso não significa compreender a beleza da morte. Empregando a palavra "beleza", o orador não se está fazendo sentimental a respeito da morte. O que está implicado na idéia de uma vida futura é a existência de uma entidade permanente, da alma, de uma certa coisa que tem continuidade. A essa entidade se tem dado diferentes nomes, no Oriente e no Ocidente; entretanto, em essência, trata-se da mesma coisa: algo que é permanente, que tem continuidade.

Há a morte física, do organismo que se gasta por causa das tensões e pressões a que está sujeito, por causa de maus tratos, de drogas, de abusos de tôda ordem. Gradualmente o mecanismo se desgasta, morre. Êsse é um fato evidente, mas a esperança entra em cena e diz: "Há uma continuidade. Nem

(1) *Fundamentalist*: Têrmo empregado como antônimo de *"modernist"* (modernista). (Cf. *Practical Standard Dictionary,* Funk & Wagnals). (N. do T.)

tudo está acabado. Eu vivi, lutei, acumulei, aprendi, desenvolvi meu caráter (não sei por que desenvolvemos um caráter, coisa tão irrelevante), e aquela entidade permanente subsistirá até tornar-se perfeita" (o que quer que isso signifique).

Existe, de fato, uma entidade permanente? Conheço os crentes, mas os crentes não são os porta-vozes da verdade. São meros "dogmatistas", teólogos, ou gente cheia de esperanças fantásticas. Se examinardes a vós mesmos para verificardes se existe alguma coisa permanente, vereis que não há nada permanente, nem exterior nem interiormente. Embora cada um de nós anele a segurança interiormente, estamos a negá-la com as nossas nacionalidades, com a guerra. No Vietnã está-se a negar totalmente a segurança física, embora cada uma das partes em luta anseie pela segurança. Existe segurança permanente, afora a *idéia* a ela relativa? Se não há, e de fato não há, que é então que tem continuidade? A memória, experiências mortas, as cinzas do passado? Se credes na reencarnação e suas diferentes formas, tal a ressurreição, nesse caso é de enorme importância a maneira como estais vivendo hoje, o que hoje credes, como agis, o que fazeis. Tudo é de enorme importância, porque na próxima vida tereis de pagar por tudo. Tal crença (reencarnação), afinal, é uma maneira de evitar o fato real, que é a morte. Há a morte do organismo físico; e, a fim de descobrir o que há além, pode a psique inteira, com tôdas as suas tendências, prazeres, idiossincrasias, memórias, experiências, morrer em cada dia, *completamente,* sem discussão, sem constrangimento — morrer, simplesmente?

Já experimentastes morrer para um prazer, para qualquer coisa que anelais, que vos proporciona enorme satisfação, deleite; morrer, sem reação, sem *motivo,* sem discussão: morrer, simplesmente, para tudo aquilo? Se fordes capazes de fazê-lo, sabereis o que significa a morte: esvaziar a mente, totalmente, de tôdas as coisas do passado. Isso pode e deve ser feito. Essa é a única maneira de viver, pois o amor é isso, não? O amor não é pensamento. O amor não é desejo, prazer. O prazer, o desejo têm continuidade por causa do pensamento. E quando o pensamento "pensa" num dado prazer, sexual ou de outra natureza, êle *quer* ser amado. Isso é um apetite. Um apetite tem seu lugar próprio, mas infelizmente muito se fala a respeito do amor: nas igrejas, nos livros, nos filmes.

Se amássemos, não haveria a guerra. Educaríamos nossos filhos de maneira totalmente diferente, em vez de meramente condicioná-los com um certo conhecimento técnico. Ninguém mais se preocuparia com essa coisa chamada "sexo", não a discutiria tão apaixonadamente como se se tratasse de uma descoberta inteiramente nova. Conhecemos o amor apenas como apetite sexual, com sua carnalidade, suas exigências, frustrações, desesperos, ciúmes e todos os tormentos da mente humana, às voltas com essa coisa chamada "amor". O amor não tem absolutamente nada que ver com a fórmula concebida pelo pensamento, e êle só pode nascer quando a memória, como pensamento, com tôdas as suas exigências e prazeres, termina, psicològicamente. O amor é então coisa inteiramente diferente. Não podemos falar a seu respeito; não podemos escrever, sem cessar, livros a respeito dêle. Amor divino, amor humano — tal divisão não existe, mas, para alcançarmos o amor, não só devemos estar livres do mêdo, mas também deve verificar-se a terminação do tempo e, por conseguinte, a compreensão da vida. Só é possível compreender a vida quando se compreende a morte. Essa coisa que chamamos "viver" é ansiedade, é desespêro, sentimento de culpa, infinito anelar, total solidão, um campo de batalha. No mundo dos negócios, em nossa diária existência no lar, nos campos de batalha do mundo inteiro, estamos a entredestruir-nos; é isso que chamamos "viver". Na realidade, é uma medonha confusão, uma coisa mortal. Quando êsse suposto viver termina — e só pode terminar quando para êle morremos *totalmente,* não parcialmente ou para certos fragmentos dêle — então vivemos. A morte e o viver coexistem; e para que a morte e a vida continuem a coexistir, tem-se de morrer para tudo todos os dias. A mente se torna então fresca, nova, inocente. Essa inocência não vem por efeito de nenhuma droga, nenhuma experiência. Ela paira acima de tôda e qualquer experiência. O que a si próprio ilumina não necessita de *nenhuma* experiência.

INTERROGANTE: Por que fomos postos aqui? Por que vivemos?

KRISHNAMURTI: Por favor, como dissemos outro dia, não façamos perguntas desinteressantes. O que interessa é *como* vivermos, e não por que fomos postos aqui. Naturalmente sabeis muito bem como nos tornamos existentes — pois temos pai e mãe. Mas, aqui *estamos,* e a morrer lenta ou ràpida-

mente, a deteriorar-nos, em meio a nossa prosperidade, a nossas atividades egocêntricas. É possível vivermos neste mundo, e não num mosteiro, sem isolar-nos em conclusões, crenças, dogmas, ou numa certa nacionalidade, ou prestando "bons serviços"? É possível? Esta é que é a verdadeira questão.

INTERROGANTE: Como é que se morre cada dia?

KRISHNAMURTI: Existe algum método? Se existe, então o método produz seu resultado próprio. Se sigo determinado método, se me dizem qual é a maneira de morrer todos os dias e se me dão um método para seguir passo a passo, que acontece? Morro realmente, ou estou apenas praticando um certo "método de morrer"? Muito importa compreender isso. Os meios são o fim; não são duas coisas separadas. Se o meio é mecânico, o fim é mecânico. Se o meio é uma maneira de garantir-nos prazer, ganhos, lucros, então o fim também será isso. O meio cria o seu fim próprio, e temos de rejeitar completamente êsse meio, ou o meio total, que é o tempo. Por conseguinte, não há *como* morrer.

Vêde, senhor. Tendes um certo hábito: hábito sexual ou hábito de beber, de fumar, de falar; afetações, temperamentos. Podeis morrer para isso, abandonar completa e instantâneamente o fumo, a bebida, o prazer? Sei que há métodos de deixar de fumar aos poucos. Isso não é pôr fim a uma coisa. Pôr fim a um hábito é acabar com êle *completamente.* Isso acontece quando a morte chega. Com ela não se discute.

Pode-se viver tão completamente cada dia, que não haja ontem nem amanhã? Isso requer muita meditação e percebimento interior. Não é questão de concordar nem de discordar, nem de perguntar "como" se faz. Ninguém pode dizer-nos nada a êsse respeito. A coisa exige muita energia, discernimento, compreensão, percebimento, e a mais alta sensibilidade, que é inteligência. Certas drogas — L.S.D. etc. (mas eu não as tomei) tornam a pessoa sensível num determinado canto do vasto campo da vida. No resto do campo ela permanece insensível, embotada; e, pelo fato de tornar-se altamente sensível numa dada área, vendo côres, visões, e tendo experiências, supõe a pessoa que isso representa tôda a substância da vida. Mas, para compreender a totalidade da vida, ela tem de ser totalmente sensível, física e psicològicamente. Pensa-se que se pode ser altamente sensível, psicològicamente, porém, fìsica-

mente, brutal, embotado e insensível. A vida não pode ser dividida em fragmentos, cada fragmento em conflito com os demais. Só conhecemos êsse conflito, êsse esfôrço incessante até à morte. Na família, no trabalho, mesmo nos momentos tranqüilos de nossa vida, nunca há um instante de silêncio, um estado isento de esfôrço.

INTERROGANRE: Dissestes outro dia que o homem que morre no Vietnã é VÓS. Podeis dizer mais alguma coisa a êste respeito?

KRISHNAMURTI: Não estamos falando sôbre o homem que morre no Vietnã; estamos falando sôbre o homem que *vive* aqui, agora. O homem que morre no Vietnã é o resultado de nossa vida. Nós não queremos paz. A respeito dela falamos interminàvelmente, mas, para têrmos paz, temos de viver pacìficamente. Isso significa que não deve haver competição, ambição, divisão em nacionalidades, preconceitos de côr. Como não vivemos pacìficamente, há guerras, no Vietnã, na Índia, na Rússia e noutras partes. Em verdade, estamos educando nossos filhos para morrerem, serem mortos — no escritório, na família ou no campo de batalha; e a isso chamamos viver. Passamos por entes altamente civilizados, sofisticados. O sofrimento é nossa sina, e para terminarmos o sofrimento, temos de terminar o tempo; temos de compreender a natureza da morte. Onde há amor, não há sofrimento, para o próximo, para o homem a vosso lado ou à vossa frente. Onde está o amor, está terminado o sofrimento, não há adoração do sofrimento.

INTERROGANTE: Senhor, se o homem não faz esfôrço algum, então deve ser por acidente que compreende alguma coisa?

KRISHNAMURTI: Por que fazemos esfôrço? Primeiramente, compreendamos isso, em vez de querermos saber se não devemos fazer esfôrço. Nós *estamos* fazendo esfôrço. Desde o momento em que nascemos até morrermos, há esfôrço, luta. Por quê? Se compreendermos corretamente esta luta, psicològicamente, interiormente, então a existência exterior terá um significado inteiramente diferente. Temos de compreender o esfôrço, essa luta constante. Há esfôrço quando há contradição. Há esfôrço quando há comparação: Sois melhor do que eu, sois muito mais inteligente, ocupais um cargo melhor, sois famoso e eu não sou nada e, portanto, tenho de alcançar-vos.

Isso é um fato, e não uma suposição. É assim que funcionamos em cada dia de nossa vida. Adoramos o êxito. As revistas estão cheias de histórias de êxitos, e desde o momento em que começamos a ir para a escola até à morte, estamos a comparar, a lutar, em incessante conflito, porque há uma divisão, uma contradição entre aquêle que compara e aquilo com que êle se compara. Pela comparação pensamos que compreendemos, mas na realidade não compreendemos.

O viver sem comparação exige enorme inteligência e sensibilidade, porque não há então exemplo, não há alguma coisa que *deveria ser,* não há ideal, não há herói. Começamos com o que realmente *é*; e para compreender *o que é* não há nenhuma necessidade de comparação. Quando comparamos, destruímos *o que é.* É o que acontece quando comparamos um menino com seu irmão mais velho, muito inteligente; se o fazemos, destruímos o menino mais nôvo. É isso o que estamos sempre fazendo. Estamos a lutar, a lutar por quê, psicològicamente? Para pôr fim à violência? Para têrmos mais experiência? Pôr fim à violência é entrar diretamente em contato com ela, dentro em vós mesmo, e isso não se pode fazer se há um ideal, como o da não violência ou da paz. Êsse oposto cria conflito, mas, se sois capaz de olhar a violência, completamente, com atenção *total,* não há então conflito, nem luta. Ela termina. São os ideais absurdos, extravagantes, que estão a destruir o contato direto com a realidade.

Podeis viver uma vida isenta de conflito, e isso não significa vegetar. Pelo contrário, a mente se torna altamente vigilante, inteligente, enérgica, apaixonada . O conflito dissipa essa inteligência.

INTERROGANTE: Há diferença entre amor e compreensão?

KRISHNAMURTI: Uma palavra pode abranger tôdas as coisas; mas, uma palavra está sempre sujeita a corromper-se. Podeis empregar a palavra "amor" ou a palavra "compreensão". Entretanto, em verdade, não importa qual a palavra de que nos servimos, porque tôdas as palavras — por exemplo, "Deus", "morte", "experiência", "amor" — estão carregadas do significado que diferentes pessoas lhes atribuíram. Quando se compreende o estado real, então as palavras perdem tôda a sua importância.

INTERROGANTE: O mundo está tão densamente povoado, que pergunto a mim como se pode viver sem política e sem participação nos negócios da comunidade social?

KRISHNAMURTI: Só há um problema político: a unidade humana. Mas, não haverá possibilidade de estabelecer-se a união da humanidade, enquanto houver nacionalidades e exércitos; enquanto não houver um govêrno único, nem democrático, nem republicano, nem laborista; enquanto não nos interessarem verdadeiramente os entes humanos — não importa se vivam na Rússia, na Índia, na China ou na Inglaterra. Temos agora a possibilidade de fornecer alimento, teto e roupa a tôda a população da Terra, mas não o estamos fazendo, e bem sabeis por que razões: nacionalidades, preconceitos religiosos etc. etc.

INTERROGANTE: O conhecimento técnico e o conhecimento psicológico não são interdependentes? Podem ser separados um do outro?

KRISHNAMURTI: Esta é uma questão importantíssima. Como pode um ente humano, em meio a êste caos tremendo, viver com suprema inteligência, como um bom cidadão, não de uma dada comunidade, porém do mundo? O mundo não é América, Rússia ou China. Como pode viver neste mundo, cercado de tanto caos e tantas aflições? Eis o problema. Deve ingressar no partido comunista, no partido democrático ou noutro partido? Há necessidade de ação. Como poderemos agir juntos? De que lado começar? Do lado técnico, ou de um lado totalmente diferente — um lado que não é do tempo, de nenhuma classe, de nenhuma experiência? Se pudermos resolver êste problema, resolveremos todos os nossos problemas.

INTERROGANTE: Que nome tem êsse "lado" a que vos referis?

KRISHNAMURTI: Pensais, senhor, que é indispensável um nome? Chamai-o X, chamai-o Deus, chamai-o Amor — qualquer nome serve. O nome não é a realidade. Será suficiente dar-lhe um nome? Milhares de pessoas já o têm feito.

INTERROGANTE: Dai-nos uma fórmula (*risos*).

KRISHNAMURTI: Já falamos de fórmulas e ideologias. Comunidade baseada numa ideologia já não é uma comunidade. Nela, todos brigam entre si pela conquista de posição e de prestígio. Estamos falando de coisas muito diferentes. Dissemos que o que se faz necessário é uma mente nova, e não uma nova téc-

nica, um nôvo método, uma nova filosofia, ou uma nova droga. E essa mente nova não nascerá se não soubermos morrer para tudo o que é velho, morrer *completamente,* esvaziar a mente de todo o passado. Então, não necessitareis de nome nenhum para aquela coisa; vós a estareis *vivendo*; sabereis então o que é a bem-aventurança. Neste mundo em que estamos vivendo, tão cheio de caos, só a mente inocente é capaz de resolver êstes problemas, e não a mente complicada.

3 de outubro de 1966.

NOVA IORQUE — V

A RENOVAÇÃO MENTAL

É FATO NOTÓRIO, não só neste país, mas também na Europa e na Índia, que, embora a parte mecânica do cérebro se esteja desenvolvendo ràpidamente, está-se a processar uma deterioração noutros setores da vida. As relações gerais entre os entes humanos estão, com efeito, a deteriorar-se, moral e èticamente. Como sêres humanos devemos, não só resolver êste enorme problema, mas também ver, fora dêle, o que se pode fazer, se é possível deter a deterioração, a desintegração de uma mente dotada de tão notáveis aptidões. Já levamos anos e anos a cultivar o lado mecânico-tecnológico da vida. Os problemas aí existentes podem ser fàcilmente resolvidos, mas temos outros problemas que nunca tratamos de resolver. Pela vida tôda ficamos a aumentar ou a fugir de nossos problemas, e com êles morremos. É possível a mente libertar-se totalmente de todos os problemas? São os problemas que ficam sem solução os causadores da destruição, da deterioração da mente.

É possível resolver cada problema ao surgir, sem lhe proporcionar a oportunidade de enraizar-se na mente? Referimo-nos aos problemas não mecânicos, aos problemas mais profundos da vida. Quantos mais dêsses problemas formos levando conosco, tanto mais pesado se torna o nosso fardo e tanto mais evidente é que a mente e a totalidade de nossa humana existência se tornam mais e mais complexas e confusas. Está havendo pressões maiores e uma confusão maior. Naturalmente, o cérebro, assim como a totalidade da mente — que é a consciência como um todo — se deterioram. Pode um ente

humano, que tem de viver neste mundo com tôdas as suas influências, resolver êstes problemas?

Só existe problema quando é inadequada a reação ao desafio; de outra maneira, não temos problemas. Quando somos incapazes de corresponder totalmente ao desafio, qualquer que êle seja, então, devido ao inadequado da reação, temos um problema. A êsses desafios, que são sempre novos, reagimos mecânicamente ou com nossa acumulação de conhecimentos ou de experiência, de modo que não há uma reação direta.

Isso está acontecendo no mundo inteiro. Exteriormente, um progresso fantástico; exteriormente, mudanças extraordinárias, entretanto, psicològicamente, interiormente, não se vê mudança nenhuma, ou quase nenhuma. Há contradição entre o que se está passando interiormente, e as vastas mudanças que estão ocorrendo exteriormente. Interiormente, estamos manietados pela tradição; nossas reações procedem de nosso fundo animal, e são limitadas. Um dos nossos maiores problemas é o de renovar, de rejuvenescer a psique, o todo da consciência. É possível resolvê-lo?

O homem sempre tentou ultrapassar os seus problemas, quer fugindo dêles por meio de vários métodos, quer inventando crenças que êle espera possam renovar a mente que está sempre a deteriorar-se. Procura passar por várias experiências, esperando encontrar uma que transcenda tôdas as outras e lhe dê a total compreensão da vida. Experimenta tantos meios diferentes — drogas, meditação, devoção, sexo, saber — e, todavia, malgrado todos êsses métodos, não parece êle capaz de dissolver o fator central, responsável pela deterioração. É possível esvaziar de todo a mente, para que cotidianamente se renove e já não crie problemas para si; para que seja capaz de enfrentar cada desafio de maneira tão completa e total, que dêle não fique resíduo algum que se torne em outro problema? É possível passar por tôdas as espécies de experiência que os entes humanos têm e, no fim do dia, não restar um único resíduo, para ser levado para o dia seguinte, salvo o conhecimento técnico? Não confundamos as duas coisas. Se isso não fôr possível, então, naturalmente, a mente se deteriorará; outra coisa não lhe acontecerá senão desintegrar-se. A questão é: Pode a mente, que é o resultado do tempo, da experiência, de tôdas as influências, da cultura, do condicionamento social, eco-

nômico e climático, libertar-se e ficar sem nenhum problema, sempre nova, sempre capaz de enfrentar imediatamente todo desafio que se lhe apresenta? Se disso não formos capazes, morreremos; chegará a seu fim uma vida atormentada. Nós não resolvemos as nossas aflições; jamais satisfazemos verdadeiramente os nossos apetites; estamos sempre presos a essa roda de preenchimento e frustração; nossa vida foi sempre um campo de batalha.

Temos de encontrar solução para esta questão, não por meio de alguma filosofia, porque, naturalmente, nenhuma filosofia pode resolvê-la, embora possa fornecer explicações. Resolvê-la é libertar-se de todos os problemas e tornar a mente sumamente sensível, ativa. Nessa própria atividade, é ela capaz de liquidar todos os problemas que surgem.

Sabemos o que se entende por um problema: a reação inadequada a um desafio. Os desafios se apresentam interminàvelmente a tôdas as horas. Quanto mais vigilantes estamos, quanto mais refletidos somos, tanto mais agudos se tornam os problemas. Vendo-nos incapazes de resolvê-los, inventamos teorias; e quanto mais intelectuais somos, tanto mais sagaz é a mente, para inventar uma estrutura, uma crença, uma ideologia que nos sirva de via de fuga. A vida é cheia de experiências, que constantemente assaltam a mente. Como em geral a nossa vida é tão vazia, tão cheia de solidão e tédio — uma existência sem significação, lastimosa — desejamos mais e mais experiências, cada vez mais amplas e profundas. A peculiaridade da experiência é que ela nunca é nova. Experiência é o que já *foi* e não o que realmente *é*. Quando tivestes uma experiência, vós a reconhecestes e dissestes: "Uma experiência!". O reconhecimento implica que já a conheceis, que já tivestes tal experiência, e, por conseguinte, não há nada nôvo no experimentar. É sempre o conhecido que é capaz de reconhecer uma experiência; é o passado que diz: "Já tive esta experiência" — e, por conseguinte, pode dizer que isso é uma experiência.

Tanto na Europa como neste país, L.S.D. está proporcionando novas experiências, e os que tomam essa droga andam sempre no encalço dessas novas experiências, a "fazer a viagem", como dizem êles. Tais experiências resultam do condicionamento dêles, de sua limitada consciência e, conseqüentemente, não constituem uma coisa totalmente nova. Se fôsse

uma coisa totalmente nova, êles não a reconheceriam como "experiência". Pode a mente achar-se num tal estado de atividade, que esteja livre de tôdas as experiências?

Nós somos o resultado do tempo; e, no decorrer dêsse tempo, temos cultivado tôdas as tendências humanas. A civilização, a sociedade, as religiões têm condicionado a mente. Estamos sempre a traduzir todo desafio em têrmos de nosso condicionamento e, assim, se nos observamos, o que em geral acontece é que cada pensamento, cada movimento da mente é limitado, condicionado, e o pensamento jamais pode ultrapassar a si próprio. Se não tivéssemos experiências, adormeceríamos. Se não houvesse desafios, embora com reações inadequadas e todos os conseqüentes problemas, adormeceríamos. É isso o que está acontecendo à maioria de nós. Reagimos inadequadamente; temos problemas; os problemas se tornam de tal vulto que somos incapazes de resolvê-los, e êles, por conseguinte, nos tornam embotados, insuficientes, confusos. A confusão e a falta de adequadas reações crescem mais e cada vez mais, e ficamos dependendo da experiência como o meio de produzir a claridade, de promover uma transformação grandiosa, fundamental.

Pode qualquer espécie de experiência operar uma mudança radical na psique, na consciência? Eis o problema! Nossa consciência é o resultado do passado; nós *somos* o passado. E a mente que está funcionando no campo do passado não poderá em tempo algum resolver qualquer problema. Necessitamos de uma mente totalmente nova; faz-se necessária uma revolução na psique. Pode essa revolução realizar-se por meio da experiência? É isso o que estamos esperando; é isso o que desejamos. Estamos à procura de uma experiência que nos transforme. Por isso é que freqüentamos a igreja, que tomamos drogas ou nos sentamos para meditar — porque o que anelamos, o que intensamente desejamos é efetuar uma transformação dentro em nós mesmos. Vemos a necessidade dessa transformação e passamos a depender de uma autoridade externa ou de nossa própria experiência.

Pode alguma experiência, de algum modo, operar essa revolução total na psique? Pode alguma autoridade externa, algum agente externo — por exemplo, Deus, uma idéia, uma crença — efetuar essa transformação? Pode a autoridade, como

idéia, como "graça de Deus", operar alguma mudança? A autoridade pode transformar a mente humana? Muito importa compreender isso, porque a autoridade é para nós muito importante. Ainda que nos revoltemos contra a autoridade, estabelecemos nossa autoridade própria, e ficamos seguindo essa autoridade, deixamos crescer os cabelos etc.

Existe a autoridade da lei, a qual naturalmente temos de aceitar. E há a autoridade psicológica, a autoridade do homem que sabe, do sacerdote, por exemplo. Hoje ninguém mais liga importância ao sacerdote. Os indivíduos chamados "intelectuais", de idéias claras, pouco se importam com o sacerdote, a igreja e tôdas as suas invenções, mas têm sua autoridade própria — a autoridade do intelecto, da razão ou do conhecimento — a qual seguem. O homem que tem mêdo, que está na incerteza, que não tem clareza nas atividades de sua vida, êsse deseja que alguma autoridade lhe diga o que deve fazer: a autoridade do analista, do livro, ou da mais nova extravagância.

Pode a mente ficar livre da autoridade e, portanto, livre do mêdo e da vontade de seguir? Se puder, estará acabada a imitação, que sempre se torna mecânica. Afinal de contas, a virtude, a ética, não é uma imitação do que é bom. No momento em que se torna mecânica, não é mais virtude. A virtude é uma coisa que deve existir de momento em momento, tal como a humildade. A humildade não pode ser cultivada, e a mente que não tem humildade é incapaz de aprender. A virtude, pois, não conta com nenhuma autoridade. A moralidade social não é moralidade nenhuma; ela é imoral, porque admite a competição, a avidez, a ambição, e, por conseguinte, a sociedade está fomentando a imoralidade. A virtude é algo que transcende a memória. Sem a virtude, não há ordem, e a ordem não obedece a nenhum padrão, nenhuma fórmula. A mente que segue uma fórmula, disciplinando-se para alcançar a virtude, cria para si própria os problemas da imoralidade.

Uma autoridade externa — salvo a lei — que a mente objetiva como Deus, como moral etc., torna-se destrutiva, para a mente que quer compreender o que é a verdadeira virtude. Temos nossa autoridade própria — nossa experiência, nosso conhecimento — a qual procuramos seguir. Há essa constante repetição e imitação, que todos nós conhecemos. A autoridade

psicológica — não a autoridade da lei, do policial mantenedor da ordem — a autoridade psicológica que cada um de nós tem, se torna destruidora da virtude; porque a virtude é uma coisa que está viva, a mover-se. Assim como não podeis cultivar a humildade, assim como não podeis cultivar o amor, assim também a virtude não pode ser cultivada. A virtude não é mecânica; e sem a virtude não há base para o claro pensar.

Isso traz à balha o problema da disciplina. Para a maioria de nós, disciplina é recalcamento, imitação, ajustamento, conformismo, e por conseguinte há perene conflito; mas há uma disciplina que não é recalcamento, que não é contrôle, que não é ajustamento. Vem essa disciplina quando há absoluta necessidade de ver claramente. Estamos confusos, e com essa confusão atuamos, aumentando assim cada vez mais a nossa confusão. O perceber que estamos confusos e abster-nos de agir, exige enorme disciplina.

O ver uma flor exige muita atenção. Se desejais realmente olhar uma flor, uma árvore, vosso próximo, vossa mulher ou marido, tendes de olhar; e não podeis olhar se o pensamento interfere nesse ato. Compreendei isso; percebei êsse fato. A própria observação do fato exige disciplina. Nessa disciplina não há imposição por parte da mente, que me manda "ser ordeiro, disciplinado, a fim de olhar". A psique necessita de seguir uma autoridade, um guia, para fazer o que é correto. Tal autoridade acaba com a virtude, e sem a virtude não temos possibilidade de pensar claramente, de viver uma vida de extraordinária sensibilidade e atividade.

Dependemos da experiência, como o meio de promover essa revolução na psique. Pode alguma experiência promover mudança na consciência? Em primeiro lugar, por que necessitamos de experiência? Porque nossas vidas são vazias. Tivemos experiências sexuais; freqüentamos igrejas; lemos livros; fizemos centenas de coisas sem importância; e desejamos agora uma experiência suprema que venha dissipar tôda esta confusão. Que entendemos por experiência, e por que a exigimos?

Esta é uma questão muito séria. Tende a bondade de examiná-la junto comigo. Descobri, por vós mesmos, porque desejais experiência, não só as experiências que o L.S.D. proporciona, mas também outras formas de experiência. Tais experiências devem ser, naturalmente, agradáveis, deleitáveis;

ninguém deseja experiências tristes. Por que? E quem é que está experimentando? Quando estais experimentando, num estado de experiência, existe um observador que diz: "Estou experimentando"? Tôdas as experiências estão sempre no passado, nunca no momento presente, e tôda experiência que tendes é reconhecível, pois, de contrário, não seria uma experiência. Se a reconheceis, ela já é conhecida; de contrário, não poderíeis reconhecê-la.

A mente que exige experiência como meio de promover uma revolução radical na psique está apenas a pedir uma continuação do que *foi*; por conseguinte, não há nada nôvo na experiência. A maioria das pessoas necessita da experiência para manter-se desperta; de outro modo, adormeceria. Se não houvesse desafio, se não houvesse reação, se não houvesse prazer e dor, ficaríamos vegetando, como vacas. A experiência nos conserva despertos, pela dor, pelo sofrimento, por tôdas as formas de descontentamento. De um lado, ela atua como estimulante; de outro lado, impede a mente de ter clareza, de ter uma revolução.

É possível mantermo-nos totalmente despertos, intensamente ativos, inteligentes, sensíveis? Se a mente é sensível, extraordinàriamente sensível, não necessita de experiência. Só a mente embotada, a mente insensível, exige experiência, porque espera que por meio dela irá alcançar experiências de iluminação, maiores e cada vez maiores.

A mente é o resultado de muitos séculos, de milhares e milhares de anos. Sempre funcionou no campo do conhecido. Dentro dêsse campo do conhecido, não existe nada nôvo. Todos os deuses que a mente inventou são do passado, do conhecido. Pode a mente, por meio do pensamento, da inteligência, da razão, promover uma transformação?

Necessitamos de uma tremenda mutação psicológica, não uma mudança neurótica; e a razão, o pensamento, não pode realizá-la. Nem o saber, nem a razão, nem as sagazes atividades do intelecto poderão operar essa radical revolução na psique. Se nem a experiência nem a autoridade podem produzi-la, o que é então que a produzirá? Esta é uma pergunta fundamental e não uma pergunta que pode ser respondida por outra pessoa; mas, no examiná-la, e não no tentarmos responder a

ela, encontraremos a resposta. Para fazer tal pergunta, precisamos de ser muito *sérios*; porque, se fazemos a pergunta com um *motivo,* com o desejo de certos resultados, o motivo dita a resposta. Por conseguinte, devemos fazer a pergunta sem nenhum motivo, sem desejarmos nenhuma vantagem; e isso é dificílimo, porque tôdas as nossas atividades e exigências têm motivos pessoais, ou um motivo pessoal identificado com um motivo superior, porém sempre motivo.

Se o pensamento, a razão, o conhecimento e a experiência não podem realizar uma radical revolução na psique, que é que poderá realizá-la? Tal é a única revolução que resolverá todos os nossos problemas. Estou examinando a pergunta; não estou *respondendo* a ela. Não há resposta, mas no investigar da própria pergunta encontraremos a resposta. Temos de ser "intensos", apaixonados, altamente sensíveis e, portanto, altamente inteligentes, para podermos fazer uma investigação, e não podemos ser apaixonados se temos um motivo; pois, nesse caso, a paixão é apenas o resultado do desejo de alcançar um resultado e, por conseguinte, se torna um prazer. Onde há prazer, não há paixão. A própria intensidade com que fazemos a nós mesmos aquela pergunta cria a energia necessária ao exame.

Para examinar-se qualquer coisa, principalmente coisas não objetivas, coisas interiores, necessita-se de liberdade, de liberdade *completa* para olhar; e essa liberdade não é possível quando o pensamento, como reação de experiências ou conhecimentos anteriores, interfere no ato de olhar. Se tendes interêsse, acompanhai um pouco o orador, não como autoridade; olhai simplesmente os fatos.

Se desejais olhar uma flor, qualquer pensamento a ela relativo vos impede de olhá-la. As palavras "rosa", "violeta", o nome da flor, da espécie da flor, vos impedem de olhar. Para olhardes, não deve haver interferência da palavra, que é a objetivação do pensamento. Deveis estar livre da palavra; o olhar exige silêncio; de contrário, não se pode olhar. Se olhais vossa espôsa ou marido, tôdas as lembranças que guardastes, aprazíveis ou dolorosas, interferem no olhar. Só quando olhais sem a imagem, existe um estado de relação. Vossa imagem verbal e a imagem verbal da outra pessoa, não estão em relação nenhuma. São inexistentes.

Permitis-me sugerir uma coisa? Por favor, escutai! Não tomeis notas! Não estamos numa sala de aulas. Estamos, juntos, fazendo uma viagem de exploração de uma das coisas mais difíceis e que, portanto, exige tôda a vossa atenção. Se estais a tomar notas, isso significa que pretendeis refletir a respeito do assunto mais tarde e, conseqüentemente, que não o estais fazendo agora; não estais sentindo a urgência do problema, e a mente que não sente a urgência de atender aos problemas fundamentais, está morta, é uma mente estúpida, embotada, ainda que muito sagaz e erudita. Essa urgência cria a energia e a paixão necessárias para *olhar* o problema.

Para observar, precisamos estar livres da palavra, sendo a palavra símbolo, com tudo o que encerra — conhecimento etc. Para olhar, observar, temos de estar em silêncio; de contrário, como é possível *olhar* alguma coisa? Êsse silêncio ou pode ser produzido por um objeto tão imenso que torna a mente silenciosa; ou êle resulta de que a mente compreende que, para olhar qualquer coisa, tem de quietar-se. Ela é então como a criança que ganhou um brinquedo nôvo, que a absorve inteiramente. A criança torna-se quieta; tão interessante é o brinquedo, que a absorve; mas, isso não é o estado de quietude. Tire-se-lhe o objeto da absorção, e ei-la de nôvo irrequieta, a fazer barulho e travessuras. Para olharmos qualquer coisa necessitamos de liberdade; e a liberdade requer silêncio. A mesma compreensão disso produz sua disciplina própria. Não há interpretação, por parte do observador, daquilo que está a observar — sendo o "observador" tôdas as idéias, memórias, experiências, que o impedem de olhar.

O silêncio e a liberdade são inseparáveis. Só a mente que está tôda em silêncio — não por meio de disciplina ou contrôle ou por causa da exigência de experiências extraordinárias, pois tudo isso são futilidades — só a mente que está tôda em silêncio pode responder àquela pergunta. Só o silêncio total produzirá a revolução total na psique — não o esfôrço, nem o contrôle, nem a experiência, nem a autoridade. Êsse silêncio é extraordinàriamente ativo; não é mero silêncio estático. Para o alcançardes, tendes de fazer o necessário. Ou o fazeis instantâneamente, ou tomais tempo para analisar-vos e, nesse caso, já perdestes o silêncio. A análise — psicanálise ou auto-análise — não dá a liberdade, tanto mais porque requer tempo — de hoje para amanhã e daí para diante, gradualmente.

A mente — vossa mente e minha mente — é resultado do tempo, resíduo de tôda a experiência humana, produto de nossa infinda luta humana. Vossos problemas são os mesmos problemas do indiano, na Índia. Êle está a passar pela mesma aflição infinita que vós. Êsse desejo de encontrar a Verdade, de descobrir se é possível uma revolução radical na mente, só será correspondido quando houver liberdade total e, por conseguinte, não houver mêdo. Só existe a autoridade quando existe o mêdo. Com a compreensão do mêdo, da autoridade e da rejeição de todos os desejos de experiência — e essa é realmente a plenitude da madureza — torna-se a mente completamente silenciosa. Só nesse silêncio — que é *sumamente* ativo — pode verificar-se uma revolução total na psique. Só então está a mente apta a criar uma nova sociedade. Torna-se necessária uma nova sociedade, uma nova comunidade, constituída de pessoas que, embora vivendo no mundo, a êle não pertençam. A vós é que cabe o dever de criar essa comunidade.

INTERROGANTE: Dissestes no comêço que devemos aceitar a autoridade da lei. Compreendo isso em relação a coisas como regulamentos do tráfego etc.; mas a lei quer obrigar-me a ser soldado, e não posso aceitar tal exigência.

KRISHNAMURTI: Êste é um problema existente no mundo inteiro. Os governos exigem que vos alisteis no exército e tomeis parte na guerra. Que ireis fazer, principalmente se sois jovem? Nós, os mais velhos, já demos o que podíamos dar. Mas, e os moços? Esta é uma pergunta que se faz em tôdas as partes do mundo.

Pois bem; aqui não há nenhuma autoridade. Não vou aconselhar-vos sôbre o que deveis ou não deveis fazer, se deveis alistar-vos ou não, se deveis matar ou não. Vamos examinar a questão.

Na Índia, em tempos passados, existiu uma comunidade cujos membros diziam: "Nós não mataremos". Não matavam animais para comer. Consideravam muito importante não magoar o próximo, falar com bondade, ter sempre um certo respeito à virtude. Aquela comunidade existiu por muitos séculos, principalmente no sul, representada pelos brâmanes. Mas, tudo isso é do passado. Que deveis vós fazer: contribuir ou não contribuir para a guerra? Quando comprais um sêlo

dos correios, estais contribuindo para a guerra; quando ganhais dinheiro, estais contribuindo para a guerra; quando trabalhais numa fábrica, estais produzindo obuses para a guerra; e com vossa maneira de viver, vossa competição, ambição, vossa egocêntrica prosperidade, estais produzindo a guerra. Quando o govêrno vos ordena alistar-vos no exército, cabe-vos decidir se deveis fazê-lo ou deixar de fazê-lo e sofrer as conseqüências. Conheço um rapaz, na Europa, onde todos os rapazes têm de servir no exército um ano, ano e meio ou dois anos. Êsse rapaz disse: "Não desejo isso, e não o farei. Prefiro fugir". — Êle fugiu, e isso significa que jamais poderá retornar à sua pátria. Deixou com a família os seus bens. Nunca mais tornará a ver a família. O decidir alistar-se ou não alistar-se torna-se uma questão insignificante quando há problemas muito mais importantes a considerar.

O problema mais importante é como deter as guerras, definitivamente, não esta ou aquela guerra. Vós tendes a vossa guerra "favorita", e eu tenho minha guerra "favorita". Sou, por acaso, cidadão inglês e odeio Hitler; por conseguinte, luto contra êle, mas não luto contra os vietnamitas porque essa não é minha guerra favorita, já que, polìticamente ou a outros respeitos, nada tenho a ganhar com ela. A questão mais importante é esta: O homem escolheu o caminho da guerra, do conflito. A não ser que isso seja alterado *totalmente,* apresenta-se inevitàvelmente o problema a que se refere o interrogante. Para ocorrer essa alteração total, *completa,* tendes de viver pacìficamente, não deveis matar, nem por atos, nem por palavras. Quer dizer, deve cessar a competição, a divisão de governos soberanos, o exército. "Mas", direis, "não tenho poder para tanto; não posso conter a guerra; não posso acabar com o exército". Todavia, o que me parece importante é que, ao verdes a estrutura total da violência e da brutalidade humana, cuja manifestação final é a guerra, se *perceberdes* isso *totalmente,* então, nesse próprio ato de ver, fareis o que é correto. "O que é correto" poderá acarretar conseqüências várias; mas, não importa. Contudo, para poderdes ver a estrutura total da violência e da brutalidade, necessitais de plena liberdade; e êsse próprio ato de olhar disciplina a mente, pois traz sua disciplina própria. Dessa liberdade nasce o silêncio e, com êle, tereis a resposta à vossa pergunta.

INTERROGANTE: Que quereis dizer ao afirmardes que devemos aceitar a autoridade da lei?

KRISHNAMURTI: Como, por exemplo, os regulamentos sôbre o tráfego...

INTERROGANTE: Oh!

KRISHNAMURTI: ... os impostos...

INTERROGANTE: Sim, tudo.

KRISHNAMURTI: Não coloqueis a mim ou a vós numa posição de repúdio da lei. Dissemos, propositadamente, que o problema é muito mais importante do que êste. O homem vive há cinco mil anos num estado de guerra, e poderá êle viver pacìficamente? O viver pacìficamente, todos os dias, exige extraordinária vigilância, percebimento de cada problema.

INTERROGANTE: A tentativa de revolucionar a psique pode ser também denominada "expansão da consciência"?

KRISHNAMURTI: O expandir da consciência exige um *centro* que esteja cônscio de sua expansão. No momento em que existe um centro, como ponto de partida da expansão, isso já não é expansão, porquanto o centro limita sempre sua própria expansão. Se há um centro que me serve de ponto de partida, embora eu chame isso "expansão", êsse centro será sempre fixo. Posso expandir-me dentro de um certo raio, mas, visto que o centro é sempre fixo, não há expansão. Não se deve fazer uso da palavra "expansão".

INTERROGANTE: A revolução não requer também a existência de um centro?

KRISHNAMURTI: Não, senhor; foi isso que já tive o cuidado de explicar. Vou tornar a dizê-lo muito resumidamente. Vós sabeis o que é espaço. Quando olhais para o céu, existe um espaço, o qual é criado pelo observador que está a olhar. Aqui está êste objeto, um microfone, a criar espaço ao redor de si. Porque êle existe, êsse espaço existe. Estamos neste salão. Nêle há espaço por causa das quatro paredes, e fora dêle há espaço. Só conhecemos o espaço que existe por causa do centro, que está a criar espaço ao redor de si. Ora, o centro pode expandir êsse espaço por meio da meditação, da concentração etc. e tal; mas o espaço é sempre criado pelo objeto, como o microfone que cria o espaço em tôrno de si. Enquanto

existir centro, observador, êle criará espaço em redor de si; poderá chamar êsse espaço "dez mil milhas" ou "dez passos", mas trata-se sempre do espaço restrito ao observador. O expandir da consciência, um dos truques mais fáceis, fica sempre dentro do raio que o centro cria. Em tal espaço não há liberdade nenhuma, porque tal liberdade é semelhante à liberdade que tenho *dentro* dêste salão. Não sou livre. Só há liberdade e, por conseguinte, um espaço imensurável, quando não existe observador; e a revolução a que nos referimos é a revolução da psique, da própria consciência, na qual atualmente existe sempre o centro que fala em têrmos de "eu" e "não eu".

INTERROGANTE: "No comêço era o verbo". Que significação tem isso para vós?

KRISHNAMURTI: Por que deve ter alguma significação para vós aquilo que outrem diz? Se estais a investigar, a olhar, a observar, nunca se apresentam questões dêste gênero. Ainda que na Bíblia esteja dito "o verbo" (a palavra) etc., se compreenderdes o que é a autoridade, dela ficareis livre para olhar, e transcendereis a palavra. Para descobrirdes a realidade última que o homem, há milhares e milhares de anos, chama "Deus", deveis estar livre da crença; deveis estar livre da autoridade. Então estareis apto a descobrir se existe Deus.

5 de outubro de 1966.

NOVA IORQUE — VI

O AUTOCONHECIMENTO

NESTA TARDE vamos examinar uma matéria talvez um tanto complicada. Quando se dão explicações, deve-se ter sempre em mente que a explicação não é o fato. Fàcilmente nos deixamos persuadir por explicações a crer ou a não crer, a aceitar ou rejeitar; entretanto, não devemos aceitar nem desprezar as explicações. Quando estamos examinando certos fatos psicológicos, devemos lembrar-nos de que a palavra e as explicações se tornam barreiras, sendo antes um obstáculo do que uma ajuda à investigação pessoal. Vamos examinar juntos um assunto que exige muita atenção, sensibilidade, cuidadosa observação. A meu ver, a erudição e o conhecimento profundo de diferentes filosofias e ideais não resolvem de maneira nenhuma nossas imensas complexidades e problemas psicológicos. Para compreenderem-se êstes problemas, requer-se uma séria intenção de examinar com tôda a atenção não tanto o que se está dizendo como aquilo que está realmente sucedendo enquanto escutamos. Como já dissemos, o escutar é uma das coisas mais difíceis que há: escutar realmente, sem prazer nem desprazer, sem intromissão de nossas idiossincrasias, nossos conhecimentos e insignificantes exigências, que, com efeito, impedem o escutar. Quando uma pessoa vai a um concêrto — e não sei por que o faz — escuta com prazer. Diz: "Já ouvi tocar esta música; apraz-me ouvi-la de nôvo"; há lembranças, certas experiências aprazíveis que a pessoa teve; e essas lembranças impedem o ato real de escutar uma nota, ou de escutar o silêncio entre duas notas. O silêncio é muito mais importante

do que a nota; mas o silêncio é invadido pelos barulhos da memória e, por conseguinte, a pessoa deixa completamente de escutar.

Para se escutar realmente, necessita-se de atenção, mas não da atenção forçada, cultivada, exercitada. A atenção e, portanto, o escutar só se tornam possíveis quando há liberdade, e não quando há algum motivo. O motivo projeta sempre suas próprias exigências e, por conseguinte, não há atenção. A atenção também não é interêsse. Se há interêsse, então a atenção se torna concentração, e a concentração, se a observamos, é fechada, limitada. Por meio dessa concentração limitada, parecemos esconder todo pensamento e todo sentimento, a fim de escutar, e isso impede o verdadeiro ato de escutar. Quando se escuta realmente, verifica-se uma real transformação. Se nos observamos, podemos ver que nunca escutamos realmente. Só quando forçados, quando numa situação que nos obriga a escutar, então, com resistência ou agradável expectativa, escutamos.

Como vamos examinar juntos vários assuntos, devemos examiná-los sem o interêsse que tem sempre, por detrás, um motivo qualquer. Só um fato podemos examinar: aquilo que está realmente ocorrendo. Para examiná-lo, é necessária observação, temos de olhar e, em conseqüência, escutar. Ao escutarmos, que é um ato de observação total, cessa tôda interferência do pensamento. Essa própria observação é, então, um "catalisador" (1). Importa compreender isso, porque, em geral, estamos tão condicionados que aceitamos tudo o que nos dizem. Queremos uma certa coisa positiva, uma orientação, um método, uma fórmula, um sistema. Mas, se percebemos o inteiro significado de um sistema, de uma fórmula, cuja observância só produz uma atividade mecânica, podemos então abandonar o chamado método positivo. Por estarmos fortemente condicionados pela propaganda, e também por nossos próprios temores e incerteza, tudo aceitamos fàcilmente. Precisamos que alguém nos diga o que devemos fazer, como pensar e a respeito de que pensar. Nada disso vamos fazer nesta tarde, porque êsse pensar mecânico não leva à madureza nem

(1) *Catalyst* (química): substância que, sem se alterar, acelera uma reação (Dic. "Webster Collegiate"). (N. do T.)

à liberdade. Seguir alguém que nos dê uma orientação positiva — é isso o que, há séculos e séculos, nos recomendam as igrejas, as seitas de tôda espécie, a religião, o *guru* etc. Êsse é um fato muito elementar e muito óbvio. E, ao percebermos a natureza destrutiva de tal estrutura, rejeitamo-la totalmente.

Como aqui não estamos pensando em conformidade com fórmulas, nem seguindo nenhuma orientação, temos de ser sensíveis e de rejeitar essa atitude mecânica em relação à vida e à ação. Talvez possamos, nesta tarde, olhar sem nenhum desejo positivo, observar ou escutar não apenas o que diz o orador, mas também o que em nós mesmos se manifesta, nossos movimentos de pensamento e de sentimento, nunca aceitando nem rejeitando e sem deixar-nos desanimar ou entusiasmar por aquilo que vemos. Se não conhecermos, se não observarmos, em sua totalidade, nossos íntimos movimentos, cada movimento de pensamento, de sentimento, nossas palavras e gestos, e o que atrás das palavras e dos pensamentos se esconde — se não observarmos tôda essa estrutura psicológica, não teremos nenhuma base real para a ação. O que teremos será sempre, ùnicamente, a aceitação do que *foi,* do que será, do inevitável. Mas, ao compreendermos tôda essa estrutura, a significação de nós mesmos, está então lançada, profundamente, essa base e podemos, então, prosseguir, ou não prosseguir.

O autoconhecimento é sumamente importante: o conhecimento alcançado por nós mesmos e não por meio de outrem. Tendes de reaprender a conhecer-vos. Aprender não é um movimento de conhecimentos acumulados. O aprender só pode estar, sempre, no presente ativo; não é guardarmos o que aprendemos através da experiência, de nossas atividades anteriores, da memória. Se estais meramente a acumular, não há o verdadeiro aprender, não podeis ver por vós mesmos, e daí prosseguir. Se assim não fizerdes, a ação será mera idéia. Separa-se a ação da idéia, e daí o conflito, o ajustamento da ação à idéia.

Se isto está mais ou menos claro, não verbalmente, como idéia, porém como fato real, podemos então continuar nossa viagem. Essa viagem, nós *temos* de fazê-la; temos de penetrar em algo muito profundo e urgente. Percebemos, os mais de nós, a total futilidade e sem significação da existência que estamos levando. Em todo o mundo, os intelectuais andam a inven-

tar filosofias: como viver, o que pensar, que espécie de mundo devemos ter etc. É o divertimento dêles. Do mesmo modo procedem os teólogos; e também, natural e inevitàvelmente, os sacerdotes. Mas a nossa vida, o fato real, nossa existência diária é uma coisa monótona, inteiramente inexpressiva. Temos, decerto, nossas lembranças, nossos prazeres e diversões — mas isso constitui uma parte insignificante de nossa existência. Bem no fundo, se retirarmos essa camada superficial, encontramos enorme descontentamento, com nossa vida, nossa insignificante e artificial existência; e isso causa-nos desespêro. Em razão dêsse desespêro, começamos a buscar; dizemos que alguma coisa deve haver, alguma esperança segundo a qual possamos viver. Damos assim, intelectual ou emocionalmente, significação à nossa vida — com o que ficamos impedidos de escutar, de observar o inteiro conteúdo de nosso ser. Em nosso descontentamento e desespêro, apelamos para várias filosofias e métodos de meditação. Começamos a buscar; experimentamos uma coisa e outra; tomamos essa droga especial que se chama L.S.D., ou outra, e seguimos experimentando, esperando que um dia descobriremos a chave que nos abrirá tôdas as portas. É o que estamos fazendo. Desejamos experiências verdadeiramente religiosas, alguma coisa de sobrenatural, de misterioso, porque nossas vidas são tão vazias e monótonas, tão insignificantes e vulgares. Buscamos, por causa de nosso descontentamento; e não sabemos para que lado nos voltarmos, porquanto ninguém mais crê em nada do que se diz. As religiões se dissiparam em fumo; êsse é um assunto que nem merece exame.

Buscamos, porque estamos descontentes, corroídos pela trivialidade, pela sem significação desta nossa existência (afora os conhecimentos técnicos de que necessitamos para ganhar a vida e ter algum dinheiro, nossa existência nada tem de significativo). Há em nós êsse vazio, essa solidão e desespêro; e a fim de preenchê-lo, buscamos.

Provàvelmente, aqui estais a escutar, em busca de algo com que preencher êsse vácuo. Essa busca é uma coisa terrível, porquanto não conduz a parte alguma. Em vosso desespêro, solidão, aflição, já batestes a muitas portas: as filosofias orientais, o Zen, e agora esta pessoa a quem estais escutando, esta pessoa aqui sentada a vossa frente a falar-vos. Escutais o que todos dizem, e bateis a tôdas as portas. Na realidade,

o que sucede é que quando buscais achais o que desejais. Portanto, a primeira coisa que se deve fazer, assim me parece, é perceber que *não* deve haver busca de espécie alguma. Esta é uma pílula difícil de engolir, porque já fomos acostumados e condicionados para buscar — psicològicamente, interiormente. Direis: "Se não posso buscar, se percebo que a busca nenhuma significação tem, que posso fazer? Vejo-me inteiramente desorientado!" A busca se torna um outro meio de fuga ao fato real — o que *sois*.

É decisivo compreender isso. Porque todo movimento de busca dá-nos a idéia de que estamos realmente a mover-nos, a atuar; mas o que de fato sucede é que não estais em movimento, absolutamente. O que está ocorrendo, quando buscais, é um processo mental, do qual esperais resultados satisfatórios. O buscar é um estado estático; não é um estado ativo. O estado real é essa terrível solidão e vazio, êsse incessante desejo de felicidade, de descobrir uma realidade permanente. O buscar é próprio da mente que tem mêdo de si própria — do que é. O homem que está *vivo* — no sentido profundo desta palavra — o homem inteiramente sem mêdo, é a luz de si mesmo; não tem nenhuma necessidade de buscar.

Em meio a essa solidão, êsse sentimento da absoluta sem significação da existência, pode uma pessoa descobrir — não por meio de filosofias, nem de psicanálise, nem de alguma religião organizada — pode uma pessoa descobrir, por si própria, e sem sombra de dúvida, se a vida tem alguma significação? E qual *é* essa significação, se existe? Històricamente, o homem sempre andou a buscar isso a que chama "Deus". Hoje em dia já passou da moda falar nessa entidade, que já não merece sequer referência, porquanto a mais ninguém interessa. Ela foi sempre monopólio das religiões organizadas, e estas se dissiparam em fumo — ou incenso. Já não tem (aquela entidade) significação alguma. Todavia, o homem continua a buscar, a desejar descobrir algo sem o que a vida é absolutamente sem significação, ainda que êle invente filosofias ou tome a mais moderna droga estimulante, para tornar-se ligeira ou altamente sensível num outro canto do campo e ter uma certa experiência.

Se uma pessoa depende de qualquer espécie de estímulo, inclusive da parte dêste orador, êsse estímulo conduz inevitàvelmente ao embotamento da mente. É necessário investigar.

É necessário examinar e, por meio dêsse exame, descobrir uma certa realidade. Se projetamos nosso próprio condicionamento, nossos temores ou esperança, ver-nos-emos de volta ao mesmo círculo de antes.

Em primeiro lugar, temos de perceber a total superficialidade de nossas vidas — não o que outrem nos mostra, porém o fato real, o que *é*; temos de perceber a sem significação de freqüentar um escritório durante quarenta anos, e lutar, lutar, até o fim, até à morte; ou de preencher os esporádicos momentos em que se não está ocupado em ganhar dinheiro, a entreter-se com uma dada filosofia ou idéia; ou, se a pessoa tem dinheiro, de viajar para certos lugares, para aprender a meditar e a estar vigilante. Tudo isso é sem significação, tão infantil! Mas, nós *temos* de investigar; temos de descobrir se há algo de verdadeiramente significativo, não inventado pela mente. Isto é muito fácil: Para descobrirmos se há algo de significativo, tem de findar o buscar, para enfrentarmos então o que *é* — o que *há* realmente em nós.

Por causa de nosso desespêro e angústia inventamos uma rêde de vias de fuga, crenças, dogmas; ou simplesmente vamos vivendo para o momento presente, e morrendo, a racionalizar tôda a nossa existência. A mente deve estar livre da crença, para poder examinar. O examinar exige liberdade; de contrário, não é possível examinar nada. Para podermos olhar, escutar, temos de estar inteiramente livres de nosso condicionamento, de nossas buscas, a fim de podermos examinar nossas exigências e temores. É difícil abster-nos de todo movimento de busca ou de realização, porque desejamos alcançar nossos alvos; desejamos uma rápida solução para tudo. Tomamos uma droga e pensamos ter encontrado a solução de tôda existência pelo fato de têrmos certas experiências. Tais experiências são a sombra do real; por que continuarmos por êsse caminho?

O percebimento de tôda essa estrutura, sem fugir por meio de uma conclusão, de uma palavra, ou pelo movimento de busca de uma solução, exige enorme atenção. Essa atenção não se conquista pela prática — que se torna um ato mecânico. Com a atenção percebemos, por nós mesmos, a total futilidade do que estamos fazendo; êsse percebimento tem de verificar-se num certo nível. Percebemos que os meios mara-

vilhosos que o homem tem inventado para fugir de si próprio, e que o impedem de olhar a si mesmo — ouvir concertos, contemplar quadros etc. — não constituem tôda a substância da vida. A consciência é sempre limitada, por mais que possamos ou esperemos expandi-la, por meio de drogas, pela prática de certas disciplinas. Existe sempre o observador; o observador é o *centro*; e onde existe um centro, a expansão será sempre limitada.

Como há dias dissemos, todo objeto cria espaço ao redor de si. Tenho espaço em tôrno de mim, porque o objeto aqui está. Êste salão, com suas quatro paredes, cria espaço; e há espaço do lado externo das paredes. Só conhecemos o espaço derivado de um centro. Quando de noite olhamos as estrêlas, quando contemplamos um belo pôr do Sol, conhecemos o espaço por causa do observador; êsse espaço é sempre limitado. Podemos expandi-lo por meio de vários artifícios da memória, de drogas variadas, mas êle é sempre limitado e, por conseguinte, não há liberdade. Contudo, existe um espaço no qual há liberdade completa, quando nenhum observador, nenhum centro existe. Conforme já explicamos, o experimentador é a coisa experimentada, ou a experiência. O observador, o pensador, o experimentador está sempre a criar espaço em redor de si, sendo êsse o único espaço que êle conhece. Dentro dêsse espaço, tudo faz para fugir da prisão que êle próprio criou. Mas o observador, o experimentador é a coisa experimentada, a coisa observada e, por conseguinte, as experiências que êle está a buscar, a desejar, a esperar, ficam sempre dentro dos limites daquele espaço criado pelo observador. Podemos ver isso muito simplesmente, por nós mesmos, quando nos observamos, quando observamos um edifício, uma flor à beira do caminho, ou quando temos ou desejamos ter uma experiência; há sempre o observador. Mas, o observador é o objeto observado; não são duas coisas separadas. Muito importa compreender isso, porque, então, o observador não cria ou exige experiência alguma; e não existe nenhum centro, *de onde* observar, experimentar, acumular lembranças, para ter um ponto de partida.

Quando uma pessoa diz que tem mêdo, é o observador que diz "Tenho mêdo" e deseja fazer alguma coisa a respeito do mêdo. Não é dêste assunto (o mêdo) que estamos tra-

tando; mas, o mêdo é diferente do observador? O observador *é* a coisa observada. O observador, o centro, com seu pensamento, suas lembranças aprazíveis e dolorosas, criou êsse mêdo e o colocou fora de si próprio. Há conflito entre o observador, o centro que diz "Devo ser diferente. Estou irritado e devo livrar-me da irritação", e a coisa observada. Há separação entre o observador e o objeto observado e, portanto, conflito. A mente que está em conflito, em qualquer nível que seja, mesmo físico, produz um certo embotamento, um certo cansaço. Perde a penetração. Já não é ativamente sensível. Está a consumir-se pelo conflito, a única coisa que ela conhece, exterior e interiormente.

Exteriormente, êsse conflito se manifesta na forma de guerra, busca de êxitos, competição; e, interiormente, a mesma coisa estamos fazendo, achamo-nos no mesmo estado: queremos alcançar objetivos, tornar-nos isto ou aquilo. Nessa luta e conflito incessantes a mente se deteriora. Mas, quando a mente percebe, compreende a natureza do observador e da coisa observada, termina o conflito; e a cessação do conflito é essencial para que a mente se torne completamente tranqüila. Podemos então descobrir o significado da existência; não antes disso, não quando somos ambiciosos, ávidos, invejosos, "aquisitivos", quando estamos a buscar mais e sempre mais experiência. Tôdas essas infantilidades deixam de existir quando o observador percebe que aquilo que êle observa *é* o observador; que "aquêle que busca" é a "coisa buscada". Ao *perceber-se* isso há uma ação de espécie totalmente diferente; já não há aquela atividade incessante e sem significação. A mente examinou e compreendeu o significado da busca, e está também livre do mêdo. Por conseguinte, há completa quietação, tranqüilidade, silêncio da mente — tranqüilidade não alcançada por nenhuma espécie de exercício, de mesmerismo ou auto-hipnose. Ela surge porque compreendemos tudo aquilo. A meditação se torna então uma atividade extraordinária. A mente agitada, a mente que tem problemas, a mente que está sempre e incansàvelmente a buscar, a indagar, a criticar e a não criticar, a aceitar etc., essa mente termina quando o observador, que está criando êsse movimento, percebe que o experimentador é a coisa experimentada, a experiência.

Êsse processo, em seu conjunto, é uma espécie de meditação — sem auto-hipnose, sem nenhuma exigência ou desejo,

sem busca e sem se dizer: "Quero isto, não quero aquilo". Só então poderá o homem encontrar-se com aquilo que vem buscando há séculos e séculos, e que nada tem que ver com crença ou religião organizada — com nenhuma dessas infantilidades. Naturalmente, para encontrá-lo é preciso existir o amor. O amor não é desejo, nem é prazer. Temos de compreendê-lo, em vez de puritanamente renunciarmos ao desejo ou ao prazer, pois isso é mero recalcamento. Para se compreender esta malfadada palavra "amor", é necessário compreender a natureza do morrer; porque a vida *é* morrer. Não se pode compreender tôda a profundeza da vida, se não há o morrer para o passado, que é memória, que é o observador. Sem essa compreensão, a vida é sem significação. Pode uma pessoa ter mais carros, mais banheiros, mais prosperidade e mais guerras; mas a vida nada significa. Pode-se inventar uma significação, entretanto ela é, com efeito, sem significação. Para alcançar-se essa significação, essa imensa realidade — e ela *existe,* não porque êste orador o diz; existe, independentemente de asserções ou não asserções — para alcançar-se essa realidade, temos de libertar-nos do animal, do animal agressivo, violento, homicida e tudo o mais que somos. Se não conseguirmos isso, não importa o que fazemos — podemos procurar todos os analistas, entrar em todos os templos, recorrer a tôdas as modernas filosofias — nossa vida continuará vazia e sem significação.

INTERROGANTE: O Mestre Buda, penso eu, o conseguiu sem matar "o animal".

KRISHNAMURTI: Senhor, é preciso muito cuidado com essas coisas. Nada se ganha em citar autoridades. Não se sabe realmente o que disse Buda ou o que disse Cristo etc. Deixai de lado *tôda e qualquer* autoridade, para descobrirdes por vós mesmo. Eu não disse "matar" o animal. Isso já se tem tentado. Todos os monges dêste mundo têm tentado fazê-lo — isso ou o contrário: soltar as rédeas ao desejo. Mas, é necessário compreender tôda a estrutura do animal que em nós subsiste, não intelectual ou sentimentalmente, porém realmente, pondo-nos diretamente em contato com êle: com nossos mesquinhos ciúmes, ansiedades, esperanças.

Para o olhardes e compreenderdes, necessitais de zêlo, de lhe ter afeição. Não podeis zelar uma criança, se não lhe tendes afeição. Êle (o animal) pode ser feio, pode ser estú-

pido, pode ser tudo; mas, tendes de olhá-lo e, para o fazerdes, necessitais de zêlo. Isso significa que não tendes de destruir nada em vós, nada tendes de recalcar ou de controlar, de nada tendes de fugir. Êste é um dos vossos condicionamentos: reprimir ou "soltar as rédeas". Tendes de compreender a natureza do prazer, que é desejo; compreendê-lo, e não reprimi-lo, sem sublimá-lo, nem dêle fugir. E para compreendê-lo, tendes de olhá-lo com zêlo.

INTERROGANTE: Se eu, o observador, olho uma árvore como "coisa observada", a árvore e eu somos uma só e a mesma coisa?

KRISHNAMURTI: Ouvistes dizer que o observador é a coisa observada. Vós o ouvistes, mas não o *escutastes*. Há enorme diferença entre "ouvir" e "escutar". Não aprendestes a coisa; apenas a ouvistes dizer, e ela se tornou uma idéia. É isso o que ocorre imediatamente: a idéia, o dizer: "A árvore sou eu? Eu, o observador, olho a árvore, e a árvore sou eu". Mas, é claro que a árvore não *é* vós.

Já olhastes uma árvore, a beleza do pôr do Sol, sem observador nenhum? De ordinário, quando olhais uma coisa, que sucede realmente? Vossas lembranças acodem aos borbotões. "Ah! que maravilhoso poente contemplei outro dia na Califórnia; aquela luminosidade da montanha!". Ou o pôr do Sol vos absorve inteiramente e, temporàriamente, ficais em silêncio. Nesse silêncio vos lembrais daquele prazer e dizeis: "Eu gostaria de repeti-lo" — tal como o prazer sexual. É isso o que acontece: a coisa se torna uma repetição, porque nela pensais, desejais repetir aquêle prazer; e nessa armadilha ficais aprisionado. Mas, para olharmos realmente uma árvore, ou as dobras de uma montanha, o pensamento como memória tem de cessar. Se temos conhecimentos de botânica, êstes mesmos conhecimentos nos impedem de olhar a árvore. Quando olhais a árvore sem o "observador", a árvore não é vós, e vós não sois a árvore; não há espaço entre o observador e a coisa observada. Não dizeis então: "Sou a árvore", ou "Devo identificar-me com a árvore". Isso nada significa.

INTERROGANTE: Essa separação entre o observador e o objeto observado existe também na mente de uma criancinha?

KRISHNAMURTI: Infelizmente não podemos volver à infância.

Mas, estamos a examinar o que ocorre com as pessoas adultas, como vós — o que ocorre quando *olhais*. Há sempre espaço entre vós e vossa espôsa ou marido; entre vós e vosso próximo. Nesse espaço é que está contido todo o conflito, tôda a separação — separação, não entre prêtos e brancos, entre morenos e amarelos, mas também entre as imagens formadas pela memória, pelo mêdo, pela lisonja, pelo insulto. A separação denota falta de amor. Um madeireiro olha para a árvore com olhos diferentes dos do cientista. O sentimentalista a olha diferentemente; e assim o artista. Mas, nunca olhais verdadeiramente, porque olhais através do espaço criado pelo observador; a relação é tôda outra quando não há observador, quando o observador percebe que a coisa a que observa *é* êle próprio.

Quando sabeis que amais, quando o sabeis como observador, como uma entidade que ama alguma coisa — uma árvore, uma mulher, um homem, uma criança — isso é amor? Dividimos o amor em divino e mundano, sexual e não sexual, numa coisa sublime ou numa coisa absurda. Vivemos fragmentados. Essa existência fragmentária é a maldição de nossa vida. A vida é um movimento total e não um movimento fragmentário, em conflito com outro fragmento. Para se compreender o movimento total, o causador da fragmentação deve deixar de existir.

INTERROGANTE: Quando se vê uma coisa na maneira como dizeis, isso não é atenção?

KRISHNAMURTI: O interrogante está perguntando o que é "atenção total". Por que o perguntais? Não estou dizendo que não deveis perguntar; mas, por que perguntais? Não podeis descobrir por vós mesmo o que é a atenção total?

Comecemos com uma coisa muito simples: Estar cônscio. Que significa isso? Estou cônscio das dimensões dêste salão, de sua iluminação, da forma, da altura dêle; e estou também cônscio das côres dos trajos das pessoas aqui sentadas, de seus rostos, suas aparências, seus sorrisos, seus óculos etc. etc. Estou cônscio. Começo a dizer: "Gosto; não gosto; aquilo é bonito; aquilo não é bonito". Estou cônscio *com escolha*. Digo: "Êste é um bonito salão *ou* não bonito; aquela é uma bela côr, *ou* não bela". Começa a escolha; e onde há escolha há confusão. Esse é um fato que se verifica constantemente, não só exterior,

mas também interiormente. Posso olhar, estar cônscio, sem escolha, sem escolha de *espécie alguma*? É claro que, fìsicamente, quando faço uma compra, tenho de escolher entre êste casaco e aquêle casaco etc.; mas, interiormente, por que razão fazer escolha? Posso olhar alguma coisa, estar cônscio de alguma coisa, sem nenhuma escolha?

Quando vós fazeis esta pergunta, ninguém pode a ela responder. A *vós* é que compete responder! E, se responderdes, vereis que existe um estado de percebimento sem escolha. Quando houver percebimento *com* escolha, examinai-o mais profundamente; começareis então a descobrir o que é concentração. A concentração é uma forma de resistência, de exclusão, com um *motivo,* de prazer, de ganho, de mêdo. Se penetrardes mais fundo, vereis que há uma anteção na qual nenhum esfôrço existe, porque não há nenhum *motivo* a forçar-vos a prestar atenção. Quando estais atento *totalmente* — com vossos nervos, vosso corpo, vossos ouvidos, vosso coração, vosso cérebro, vossa mente — *completamente* atento (e nesse estado não há desejo de êxito, não há *motivo* nenhum), vereis que não existe nenhum observador. Estar atento dessa maneira é, em si, disciplina — não a disciplina da compulsão, da imitação, do mêdo, do ajustamento a um padrão.

INTERROGANTE: Já experimentei dêsses estados de percebimento sem escolha, e tenho ansiado por retornar a êles, mas duvido bastante de que sejam verdadeiramente significativos.

KRISHNAMURTI: O percebimento sem escolha tem significação, pois só nesse estado é possível examinar — examinar o que diz o político, o que diz o sacerdote, o que diz a propaganda, o que diz vossa espôsa ou marido, ou o que dizem vossa memória, vossa voz interior, vossos sonhos, tudo. Tudo tem enorme significação, se estais cônscio sem escolha; porque vosso pensar se torna então claro no mais alto grau. Já não sois persuadido ou influenciado por vossos próprios motivos ou pelos da sociedade. Podeis, então, olhar sem deformar o que olhais. É o que fazeis quando vos vêdes numa crise real. Quando recebeis um choque, tôda a vossa atenção se põe de prontidão; estais vigilante. Naturalmente, se o choque é forte demais vos paralisa. Isso é coisa diferente. Diz ainda o interrogante que tem tido essa experiência do percebimento sem escolha, e deseja repeti-la.

INTERROGANTE: Sei que o percebimento sem escolha é significativo, mas duvido de que o inteiro processo da vida seja significativo.

KRISHNAMURTI: Senhor, estive explicando, em tôda esta tarde, que a vida, em seu todo, tem significação, importância, quando se encontra aquela coisa que o homem tem buscado. De contrário, nada significa. Não pode ser encontrada aquela coisa, se a mente está confusa, se está em guerra consigo mesma. E o interrogante deseja retornar àquêle estado de percebimento sem escolha. Se estais cônscio dêsse desejo de voltar ou de reconquistar aquêle estado de percebimento sem escolha, não estais num estado de atenção sem escolha. No momento em que dizeis "Desejo repetir *tal coisa*" — o que desejais repetir é algo que tivestes, que se tornou uma lembrança, que não é real. O prazer daquela experiência persiste e desejais a repetição dêsse prazer. A repetição de qualquer prazer se torna mecânica, e o percebimento sem escolha não é mecânico, absolutamente. Pelo contrário, é atenção, de momento em momento. Quando não há atenção, há desatenção; e é na desatenção que vêm tôdas as aflições.

INTERROGANTE: Que efeito pode ter a revolução da mente de uma só pessoa em tôda a raça humana?

KRISHNAMURTI: Como já explicamos, o indivíduo é a entidade "localizada", o americano, o russo, o indiano — a entidade local, condicionada, atual. O ente humano é muito mais velho. Perguntais se — se ocorrer uma mutação da mente humana — essa mutação influirá na consciência total, não só do indivíduo, mas do homem.

Esta pergunta implica várias coisas: Primeiro, como alterar a sociedade? Vêdes que a sociedade precisa de ser alterada, mas como? É possível alterá-la? Percebendo-se os "direitos adquiridos" dos políticos, dos militares, dos sacerdotes, dos homens de negócio, é possível essa alteração? Vós sois a sociedade — psicològicamente falando. A estrutura psicológica da sociedade é o que, psicològicamente, criastes. Não é uma coisa diferente de vós. Vós tendes conflito; vossa vida, vossa existência diária é um campo de batalha; e o campo de batalha do Vietnã é o prolongamento de vossa vida de cada dia. Dizeis: "Quero alterar tudo isso". Pode-se fazer essa alteração, ou deveis interessar-vos pelo ente humano total, êsse ente humano

que vive há dez mil ou há dois milhões ou há não sei quantos anos? Se fôr possível a mutação nêle, tudo então dará certo. A mera alteração de uma entidade local, do indivíduo, não terá muita influência. Se vos limitardes a cultivar o vosso quintal, pouca coisa será feita. Mas, se vos interessais pelo ente humano total, então, essa mutação da psique influirá sem dúvida na sociedade.

INTERROGANTE: Não é exato que, na sociedade moderna, necessitamos de conhecimentos acumulados, conhecimentos técnicos, e que dêstes resulta a desatenção?

KRISHNAMURTI: Não, senhor. Já expliquei com todo o cuidado que necessitamos de conhecimentos técnicos, que precisais saber aonde ides esta noite, onde é a vossa casa, qual é o vosso nome.

INTERROGANTE: Dissestes que necessitamos dêsses conhecimentos técnicos, mas dissestes também que necessitamos da atenção total.

KRISHNAMURTI: Vós necessitais do conhecimento; e, também, deveis estar livre do conhecido, para não viverdes meramente no conhecido. Podeis tomar uma droga, esperando ultrapassar o conhecido; mas, não podeis ultrapassá-lo, com êsses fáceis truques.

INTERROGANTE: Por que é mais fácil observar o pôr do Sol e a árvore, como observador identificado com o objeto?

KRISHNAMURTI: Isto é muito simples. É porque a árvore e o poente não têm nenhuma influência em vossa vida (*risos*). Sei olhar a árvore, mas não sei olhar minha mulher ou marido, meu próximo (*risos*). Sei que isso é engraçado, mas experimentai fazê-lo uma vez: *olhar* para vossa espôsa ou marido, para vosso próximo. Olhai-os! Não vos identifiqueis com o que vêdes, mas olhai-os, e vereis acontecer o maior dos milagres: Estareis olhando a vida de maneira totalmente nova; olhando a árvore, a pessoa, pela primeira vez; olhando tudo como se antes nunca o tivésseis olhado!

INTERROGANTE: Compreendo que a auto-observação traz a clareza. Quando o corpo morre, perde-se também a clareza?

KRISHNAMURTI: A morte é uma coisa sobremodo complexa. Não se pode responder em dois minutos a uma pergunta destas e passar a outro assunto. É a mesma coisa que compreender a

vida. A vida é uma coisa imensa, com suas dores, seus desesperos e ansiedades, seus prazeres e alegrias. É uma coisa *tremenda*! E, para compreenderdes o viver, deveis *interessar-vos* pelo viver, escutar todo o movimento do viver. Quando se compreende isso, êsse imenso movimento da vida, vê-se então que êsse movimento faz parte do morrer.

INTERROGANTE: A criança não é dotada de mais percebimento Sem escolha do que o adulto, e tem menos preconceito?

KRISHNAMURTI: Depende da criança (*risos*), e depende do adulto.

INTERROGANTE: Refiro-me à condição da infância. Não estou falando de nenhuma criança em particular.

KRISHNAMURTI: A criança é condicionada pelos pais, pela sociedade, pelo meio cultural em que vive, pela escola que freqüenta, e pelas outras crianças que a cercam. Ela é condicionada, e êsse condicionamento aumenta à medida que se torna mais velha. As paredes se vão tornando mais espêssas, à medida que crescem as ambições, a avidez. Ela se torna cada vez menos observadora, menos curiosa, menos vigilante. É o resultado da moderna educação. Tecnològicamente, a criança é educada; e, pràticamente, despreza-se o todo da vida.

INTERROGANTE: Quereis dizer que quando temos o conhecimento técnico, em tal momento não temos possibilidade de estar cônscios?

KRISHNAMURTI: Muito ao contrário, senhor! Sem dúvida, é possível estar-se cônscio sem escolha quando se está sendo educado tecnològicamente. Quanto menos "mecanizada", mesmo tecnològicamente, tanto mais ativa é a pessoa, e tanto mais produz. Se se der a um operário a mesma tarefa, dia após dia, êle ficará entediado dela e produzirá menos. Mas, se lhe derdes o mesmo trabalho e a possibilidade de aprender mais alguma coisa a respeito dêle, produzirá mais. É o que se está fazendo nas fábricas. É uma das táticas, um dos truques que se estão pondo em prática. Separei o conhecimento técnico do percebimento, por causa desta pergunta inevitável: Que faremos, se se destruir êsse conhecimento? Para obviar a essa pergunta, eu os separei, mas depois examinei a coisa e disse que ela não podia ser dividida. A vida não pode ser dividida em fragmentos.

INTERROGANTE: Senhor, há tantos milhões de entes humanos a debater-se na confusão e a viver materialìsticamente que me parece haver pouca esperança de que apareçam pessoas esclarecidas em número suficiente para fazerem algo de bom.

KRISHNAMURTI: Por que tanta preocupação com a multidão? Sois daqueles que desejam prestar "bons serviços", sem real interêsse em si próprios e em suas relações com o mundo?

Nós criamos êste mundo com os nossos pensamentos e os nossos sentimentos. O ente humano total, que é cada um de nós, tem de mudar, tem de passar pela transformação de que estivemos falando. Não vos preocupeis com os outros. Já se tem feito propaganda demais. Propaganda nunca é a verdade: é mentira! Quando houver amor, saberemos, por nós mesmos, quais são as verdadeiras relações entre os homens. Sem têrmos amor, queremos promover uma mutação na sociedade; queremos mudar o homem; queremos "prestar bons serviços"; queremos desfraldar bandeiras. Quando amarmos, não haverá problema algum. Faremos o que quisermos, e nenhum mal advirá.

7 de outubro de 1966.

OJAI — I

OS PROBLEMAS DO VIVER

NÃO SEI o que representam para vós estas reuniões. Aqui nos encontramos nesta tarde para tratar de coisas muito sérias, e não para fazer um piquenique (1) ou passar algumas horas divertidas. É de presumir que aqui nos congregamos para examinar os numerosos problemas com que se defrontam os entes humanos, no mundo inteiro. E, como temos de examiná-los, não só em detalhe, se houver tempo, mas também muito séria e decididamente, não devemos vir para estas palestras com qualquer idéia de nos entretermos intelectualmente ou excitar-nos emocionalmente, porém, antes, com o propósito de examinar a sério, com todo o cuidado e compreensão, os numerosos problemas humanos. Assim, por certo serão proveitosas estas reuniões.

Antes de tudo o mais, deve ficar claramente entendido entre nós que não se vai tratar de nenhuma filosofia especial. Êste orador não pertence ao Oriente nem ao Ocidente. Não vem oferecer nenhuma filosofia individual, nem "idéias formuladas", para aceitação ou rejeição. O que me parece necessário é que, juntos, consideremos os problemas enormemente com-

(1) As palestras de Ojai realizam-se ao ar livre — no OAK GROVE — e os ouvintes, pela maior parte, a elas assistem sentados na relva — e também, naturalmente, levam suas "provisões de bôca". Daí o aspecto de "piquenique" a que se refere K. — O "Oak Grove" (literalmente: bosque de carvalhos, ou carvalhal) é, segundo descrição feita noutra publicação, um espaçoso anfiteatro formado por carvalhos. (N. do T.)

plexos de nossas vidas e a urgência que estão a exigir. Quase todos nós procuramos evitar êsses problemas, ou porque não os compreendemos ou porque a fuga se nos tornou um hábito tão arraigado que muito fàcilmente, sem reflexão ou intenção, nos deixamos cair nessa rêde de fugas que o homem vem cultivando há tantos e tantos séculos.

É necessário examiná-los, êsses problemas, não apenas emocional ou intelectualmente. Porque o intelecto não resolve problema nenhum; só é capaz de inventar enormes quantidades de idéias e teorias. E a emoção tampouco pode resolver os urgentes problemas que estamos enfrentando. O necessário, assim me parece, é têrmos uma mente capaz de exame. Êsse exame exige estejamos livres de nossas opiniões pessoais, que nossa mente não seja dirigida por nossos temperamentos e inclinações, nem compelida pelas circunstâncias. Trata-se, pois, de uma tarefa dificílima, porquanto estamos acostumados a examinar as coisas do ponto de vista de nossos gostos ou aversões pessoais, de nossos compromissos ou em conformidade com certas filosofias ou fórmulas. Por essa razão, estamos sempre a traduzir os problemas segundo nossas limitações; mas, para que êles sejam traduzidos e compreendidos profunda e plenamente, penso que cada um de nós deve olhá-los, não como indivíduo, porém como ente humano. Vejo uma enorme diferença entre essas duas coisas. O indivíduo é a "entidade local" — o americano do Este, do Oeste ou do Centro, o remoto indiano com suas opiniões, suas limitações, suas superstições, suas inumeráveis religiões, doutrinas e crenças. Os indivíduos estão separados por suas nacionalidades, pelo espírito sectário, não importa se católico ou protestante; separados por suas divergências nacionais, seus partidos políticos republicanos, democráticos etc. etc. Nessa estrutura vive o indivíduo. Mas, eu considero o ente humano mais importante que o indivíduo. Onde quer que vivam, na Rússia, na China, na Índia, na América, em qualquer parte do mundo, os entes humanos têm o mesmo fator comum de sofrimento e de alegria, de aflição e desespêro, a mesma e infinita solidão que lhe impõe a moderna existência e a total futilidade da vida que hoje se vive em todo o mundo — vida de guerras e ódios implacáveis, de divergências nacionais, de extremo desespêro. Nesse nível vive o ente humano, embora o indivíduo também dêle participe; mas, se considerarmos ùnicamente o indivíduo, nossa investi-

gação não será muito profunda. Isso é como uma pessoa cultivar apenas o seu pequeno quintal. É necessário cultivá-lo, mas êsse pedacinho de terra está em relação com o todo, com a Terra, na qual o ente humano vive, com suas penas, seu desespêro e agonia, seu interminável sofrer, seu amor passageiro, e a morte.

Assim, se considerarmos êstes problemas como entes humanos, e não como americanos separados do resto do mundo, separados do Oriente imenso e faminto, talvez então possamos resolver inteligente e adequadamente os nossos problemas. Vamos, pois, viajar juntos. Nessa viagem, cada um de nós tem de prestar tôda a atenção a cada passo que dá. Portanto, não estareis aqui, nesta tarde, meramente a ouvir um orador, porém estaremos todos participando num exame dos problemas da vida. Assim, a responsabilidade é tanto vossa como do orador. Não podeis ficar simplesmente a ouvir o que deveis fazer ou não deveis fazer, o que deveis crer ou não crer, ou o que deveis seguir etc. — pois isso denotaria uma certa falta de madureza, uma certa infantilidade. Para participarmos no exame de qualquer problema devemos, todos nós, tanto o orador como vós, não só estar vigilantes, atentos, mas também perceber a urgência do problema e aplicar-nos de mente e coração, com tudo o que temos, à sua compreensão. Porque o que iremos fazer, em tôdas estas palestras, é investigar, examinar e, por conseguinte, fazer descobrimentos, cada um por si. Pois aqui não há nenhum guia, nenhum filósofo, nenhum instrutor; ninguém pode guiar-nos, pois isso já foi tentado em vão. Têm existido instrutores e *gurus*; têm existido sistemas, salvadores, sacerdotes, pequenos chefes sectários, com suas idiossincrasias e filosofias; e, dentre todos êsses sacerdotes, guias, instrutores e salvadores, nenhum resolveu os problemas humanos relativo à guerra, a nossa diária aflição, nosso desespêro, nossas íntimas agonias e solidão. Têm-nos proporcionado meios de fuga, narcóticos que em nós fazem surgir vagas esperanças ou visões de uma vida nova; entretanto, nenhuma mudança se operou ainda. O mesmo acontece com aquêles que recorrem ao L.S.D., esperando por êsse meio refugiar-se numa certa realidade, ter uma grandiosa visão da vida; entretanto, nenhuma dessas numerosas drogas pode alterar fundamental e radicalmente a mente humana.

Vamos, pois, fazer uma viagem de exploração; e o explorar exige liberdade. Êste é o primeiro requisito: liberdade para investigar. Isso, evidentemente, significa estar livre de tôda e qualquer ligação, intelectual ou de outra natureza, livre de tôda e qualquer filosofia ou dogma, para que a mente possa *olhar*. Porque a mente só está apta a olhar, a explorar, quando, pelo menos por ora, não se acha enredada em seus próprios problemas ou esperanças, vinculada a nenhuma filosofia, nenhum dogma, nenhuma igreja. E esta me parece ser uma das coisas mais difíceis. O olharmos nossos problemas atentamente, como entes humanos, requer não só liberdade, mas também atenção. Prestar-lhes atenção implica, por certo, dar-lhes nossa mente e coração, nossos nervos, ouvidos, olhos, tudo. E para se dar essa atenção total, não deve haver nenhum motivo ou persuasão. Isso tem de ser feito com naturalidade, porquanto a urgência do problema é tamanha, que êle precisa ser resolvido. Se, porém, temos algum *motivo* — e nossa atenção em geral se baseia em algum motivo limitado — os problemas continuarão existentes.

Cabe-vos, pois, como ouvintes, uma enorme tarefa, visto que a maioria de nós não deseja resolver os seus problemas — os problemas do amor, da morte, do viver. É sôbre isso que vamos discorrer. Eis o que vamos investigar: se é possível aos entes humanos libertarem-se completamente de seu desespêro, quer dizer, libertarem-se totalmente do mêdo e viverem, assim — agora e não no futuro — uma vida não limitada pelo tempo, como ontem, hoje e amanhã; e se é possível libertar a mente dos incontáveis séculos de condicionamento pela propaganda das igrejas, das religiões, da sociedade, pelas insinuações dos "outros", das revistas, dos jornais, dos políticos, dos sacerdotes: ter uma mente livre. De contrário, o homem estará condenado a uma eternidade de penas, aflições e sofrimento.

Estamo-nos interrogando se é possível aos entes humanos viverem neste mundo — sem se refugiarem num mosteiro ou numa dada filosofia, sem tomarem drogas — se lhes é possível mudar radicalmente. Porque quanto mais inteligente a pessoa, quanto mais cônscia dos problemas mundiais, tanto maior o desespêro, a falta de significação desta vida, e assim, as drogas se convertem num meio de fuga. Pela fuga pensamos estar resolvendo os problemas. Pelo contrário! — Existe então

alguma possibilidade de promovermos uma radical mudança de nossa maneira de pensar, de viver, de sentir?

Se consideramos o estado atual do mundo, torna-se bem evidente que, quanto mais cônscios ficamos de todos êsses complexos problemas, tanto mais desejamos uma mudança — mudança profundamente revolucionária e não simplesmente no nível econômico ou social, pois as mudanças desta espécie nunca resolvem verdadeiramente nenhum problema humano, como o provou a revolução comunista: após a matança de milhões de entes humanos, voltou-se ao mesmo padrão de ontem. Mas nós nos estamos referindo a uma revolução que deve operar-se num nível de todo diferente — na psique, na própria mente; e precisamos saber se nos é possível operar essa mudança, essa revolução, sem sermos guiados por nossas inclinações e temperamentos, ou impelidos pelas circunstâncias, pela sociedade.

Temos possibilidade de mudar numa certa medida, num certo grau, por fôrça das circunstâncias, de influências, de uma dada compulsão, uma dada invenção. Isso se verifica contìnuamente em nossa vida. Determinada compulsão do ambiente impele-nos a mudar, a modificar-nos — a gôsto ou a contragosto; mas tal modificação não altera os problemas fundamentais da vida. Em primeiro lugar, um dêsses problemas fundamentais é a liberdade. Requer-se intensa investigação, enorme inteligência e sensibilidade para descobrir o que significa ser livre. Revolta não é liberdade. Revolta contra a atual estrutura da sociedade, inteiramente burguesa, mediana; revolta contra a prosperidade; revolta que consiste em andar de cabelos compridos e roupas sujas etc. etc. — nada disso, por certo, é liberdade. E, aparentemente, consideramos a liberdade como "estar livre *de* alguma coisa" — de nossos desesperos, nossos estados psicológicos. Sempre consideramos como liberdade a possibilidade de passar de um estado para outro; é isso que chamamos "liberdade". Se a examinarmos mais de perto, veremos que tal liberdade é meramente uma reação; e tôda reação provoca, invariàvelmente, outras reações. Nessa armadilha ficamos aprisionados e, por conseguinte, não há liberdade nenhuma. A liberdade não resulta de outra coisa, ela existe *per se,* por si própria. Percebe-se que a vida é totalmente sem significação. Pode uma pessoa ter dinheiro, posses, viver numa casa confortável, com três refeições ao dia etc., mas por tudo isso

passa um fio de total desesperança... a extrema futilidade de freqüentar assìduamente um escritório durante quarenta anos... de passar a vida a cozinhar e a lavar pratos... Sei que tudo isso se faz automàticamente, ou por obrigação ou porque achamos que "faz parte da vida, e assim tem de ser até o fim". E, no final, foi uma vida sem nenhuma significação, excetuados alguns prazeres, sexuais ou de outra natureza — o prazer de contemplar o céu azul, a luz a coar-se por entre as fôlhas, as estrêlas da noite, e o movimento das águas ao luar. Isso, com efeito, proporciona grande deleite, mas passa ràpidamente e só fica a lembrança — cinzas... Queremos libertar-nos do tédio infinito da vida e, por conseguinte, aquela liberdade se traduz em revolta, em dizer-se que há moços e velhos, que os velhos não compreendem a nova geração etc. etc.

A liberdade não vem como resultado de revolta. Vem naturalmente, quando há a intenção, o sentimento de urgência, a atenção necessária para examinarmos como entes humanos a estrutura psicológica de que somos constituídos — o que realmente somos. Pois nós somos o resultado de uma estrutura social. A sociedade *é* vós, e vós *sois* a sociedade. Construístes esta sociedade de acôrdo com vossas idiossincrasias, vossa avidez etc. A estrutura psicológica de que somos constituídos é o resultado de milhares de anos de sociedade, de comunidades, com suas crenças, dogmas, superstições; com suas esperanças; com seus deuses etc. É *ela* (a estrutura social) que o homem tem de compreender, e cada um precisa penetrar muito fundo, para libertar-se da confusão nela existente. A pessoa pode fugir, recorrer à bebida, experimentar novas religiões, tomar L.S.D. etc.; mas, se não está livre dessa estrutura psicológica, tôda fuga é vã. Só pode haver compreensão quando há *urgência.* E quando existe essa urgência, há atenção; daí é que vem a liberdade. Pode-se então olhar; pode-se então ir muito mais longe, começar-se a investigar se alguma realidade existe. Uma certa coisa existe além de tudo o que o pensamento tem concebido. O homem, através do processo histórico, sempre indagou acêrca dessa coisa existente além desta vida diária de monotonia e rotina. Mas, êsse indagar foi sempre uma fuga da existência de cada dia, de seus desesperos, aflições e conflitos. O que buscou foi sempre uma invenção, uma projeção de seus próprios desejos, esperanças. Só a mente

livre e, portanto, a mente nova pode descobrir alguma coisa além daquilo que o homem criou com seu mêdo, seu desespêro e tédio, além daquilo que êle chama "Deus".

Nestas palestras, cabe-nos a tarefa de investigar sem sermos estimulados a fazê-lo. Quem precisa de estímulo está na dependência de outrem, está vinculado e, conseqüentemente, já deixou de investigar. Investigamos uma coisa ao sentirmos sua urgência. Notai o que está ocorrendo no mundo. Está-se travando uma guerra; homens estão a matar-se mùtuamente. E há pessoas que dizem: "Esta não é *minha* guerra, a guerra que aprovo; prefiro outra". Há os que justificam a matança. Isso vem sucedendo há cinco mil anos. Em Babilônia, há cinco mil anos, diz um arqueólogo, um homem escrevera num tijolo que esperava que "esta" fôsse a última guerra. Isso, há cinco mil anos! E até hoje continua o homem a escolher a guerra como a norma da vida — não só a guerra no exterior, mas também a guerra no interior de cada indivíduo. Nossa vida é um campo de batalha de ressentimentos, ódios, conflitos, lutas, infinda competição. Pode-se rejeitar a guerra exterior — os homens inteligentes em geral a rejeitam; os que o fazem não pertencem a nenhuma religião, nenhuma classe, nenhum grupo, nenhuma nacionalidade, nenhum sistema de pensamento. Podemos rejeitar a guerra externa, mas internamente nos vemos empenhados numa batalha com nós mesmos e com outros. Tal é o fato. E êsse fato somos incapazes de enfrentar, de examinar a fundo e compreender, a fim de nos libertarmos dêle completamente. Temos mêdo de compreendê-lo, de examiná-lo, porque daí poderá resultar uma revolução totalmente diferente daquela que desejamos. Portanto, evitamo-lo, e continuamos a fazer guerra; é a norma de nossa vida. Podemos falar em amor, freqüentar a igreja e praticar outras infantilidades, mas continuamos a viver de uma maneira produtiva de guerras. Viver sem guerra significa viver pacìficamente, sem competição, sem inveja, sem ressentimentos. É nosso hábito guardar ressentimentos e levá-los conosco pelos anos afora.

Assim, se desejamos criar um mundo diferente (e temos de criá-lo, pois é a única esperança que resta ao homem), precisamos de uma mente diferente, uma mente capaz de observar tudo isso, de observar como o homem dividiu o mundo em nacionalidades, raças, côres, religiões. Capaz de observar tôdas

essas invenções e rejeitá-las *total e definitivamente,* porque só então é possível viver-se em paz. Só então se tornará possível um mundo sem guerras, sem inveja. Neste país há imensa prosperidade, e no Oriente não se vê nada disso: só fome e miséria; e, naturalmente, há também inveja. A prosperidade egoística só pode causar mais guerras e mais sofrimentos. Só há um único problema político: a unidade humana. Unidade, não em conformidade com os métodos democráticos, comunistas ou outros, porém a real unidade humana. Mas, ela não é possível quando o pensamento é guiado pelas inclinações e temperamentos ou compelido pelas circunstâncias. Qual o fator que operará a revolução radical da mente? Essa mutação radical, fundamental da mente, só será possível quando formos capazes de examinar, não uma dada coisa, porém a nós mesmos — mas não por intermédio de um psicólogo ou analista, pois isso não dará resultado nenhum. Poderá, temporàriamente, aliviar os problemas de certos tipos de neuróticos, mas até isso passa a ser um nôvo problema. Para resolver qualquer problema é necessário observar sem o tempo, ver a coisa imediatamente e dêsse modo operar a mutação total em si mesmo.

Já falei o suficiente para esta tarde. Podeis, se o desejardes, fazer perguntas.

PERGUNTA: Se tivésseis de escolher entre a "igreja interior" (*inward church*) e a guerra, que partido tomaríeis?

KRISHNAMURTI: O interrogante fala em "igreja interior", e pergunta-me se eu tivesse de escolher entre ela e a guerra, qual das duas escolheria.

Em primeiro lugar, precisamos compreender a palavra "escolha". Vêde, por favor, que não estou fugindo à pergunta. Onde há escolha, há sempre confusão. É só a mente confusa que escolhe. A mente lúcida, que vê as coisas com clareza, não faz escolha (*risos*). Não, senhores, não riais, como se isto fôsse um simples dito engraçado. A maioria de nós se acha em grande confusão, porque tantas coisas nos têm sido ditas pelos "entendidos", pelos especialistas, pelos sacerdotes, pelos livros, pelas religiões, pela propaganda; tudo é contraditório e nós somos o resultado de tôda essa contradição. E, assim, por causa de tal contradição e de tal confusão, dizemos: "Tenho de escolher entre isto e aquilo, entre esta "igreja interior"

(prestai atenção, senhor, até o fim) e a guerra". Decerto, antes de escolher, tenho de descobrir qual é o elemento, o fator que escolhe. Quem é a entidade que escolhe? Essa entidade é o *centro,* que diz "Quero", "Não quero", "Farei isto, entrarei na guerra" ou "Não entrarei na guerra". Ora, pode uma mente confusa escolher? E, quando escolhe, sua escolha não será sempre confusa? Tende a bondade de escutar o que estou dizendo. Só escutar; não vos estou pedindo que concordeis comigo.

Uma das coisas mais difíceis é escutar. Porque, afinal de contas, senhor, vós tendes vossa própria opinião e de acôrdo com ela dizeis: "Isso é verdade". Mas, nós não estamos procurando convencer-vos de coisa alguma; estamos apenas examinando. Dissemos que quando uma mente está confusa — como o *está* a mente da maioria das pessoas — a escolha feita do meio dessa confusão só pode produzir mais caos e mais confusão. Mas se, ao contrário, a pessoa é capaz de olhar, olhar com muita clareza, com uma mente lúcida, não carregada de opiniões pessoais (e é muito difícil isto: ser livre de opiniões pessoais), com uma mente capaz de prestar tôda a atenção, então não há escolha alguma. Não escolheis então entre essa "igreja interior" e a guerra exterior. Então só há ação; e essa ação vem quando não há escolha nenhuma.

INTERROGANTE: Dizeis ser necessário as pessoas pensarem claramente. Como podem elas pensar com clareza quando não gozam boa saúde e estão a tornar-se mais doentes em cada dia que passa, em todo o mundo e principalmente neste país?

KRISHNAMURTI: Senhor, tenho de repetir a pergunta; podeis encurtá-la?

INTERROGANTE: Pois não. A gente dêste país e de todo o mundo está doente e cada vez mais doente. Como pode pensar claramente, se está doente?

KRISHNAMURTI: Não pode, naturalmente. É óbvio que a enfermidade física torna o problema confuso. Mas, para se estar de boa saúde, fisicamente, é necessário estar também de muito boa saúde psicològicamente. A mera saúde física não resolve o problema. Não se pode separar a saúde física da saúde psicológica.

INTERROGANTE: Falastes em "urgência" ao discorrerdes sôbre a liberdade. Podeis explicar mais um pouco o que entendeis por "urgência"?

KRISHNAMURTI: Quando sentimos uma dor física aguda, há *urgência* e, portanto, agimos. Não há necessidade de nenhuma "motivação" intelectual etc. Agimos. E a urgência psicológica — muito mais importante do que a urgência física — dessa descuramos completamente; retardamos a "urgência" do homem que sente mêdo, a urgência de resolver essa situação, de descobrir se há possibilidade, psicològicamente, de libertar-se totalmente do mêdo. É dessa urgência que eu falo — a urgência de investigar a pleno a questão do mêdo, descobrir tudo o que ela implica. Não se trata só do mêdo — que não examinaremos agora, por ser um problema sobremodo complexo. Neste problema está também incluído o inteiro processo, o inteiro mecanismo do pensar: o que produz o mêdo, se é o pensamento ou o perigo puramente físico. Assim, o investigar e resolver êsse problema exige *urgência.*

INTERROGANTE: Krishnaji, històricamente, sente-se na hora atual essa *urgência.* Històricamente, estamos chegando ao fim de uma era, a era Judaico-Cristã, e a entrar numa nova era da humanidade. Ora, vêdes que essa mutação de que falais irá verificar-se um tanto automàticamente, se não a obstarmos?

KRISHNAMURTI: Antes de tudo, não vejo como êsse "processo histórico" esteja chegando ao fim, uma vez que as Igrejas têm enormes direitos adquiridos; direitos adquiridos em bens terrenos e também sôbre cada um de nós. Se desprezarmos determinada igreja, determinado conjunto de crenças, inventaremos nossas crenças próprias, porque somos entes assustados. A mente que não esteja livre do mêdo pode perceber a futilidade de uma dada organização religiosa, mas essa mente, porque teme, porque está em busca de confôrto, de solução para o seu desespêro, inventará para ela um substituto. Isso, como nos revela a História, sempre aconteceu. O que nos interessa, senhor, não é saber se certas atividades religiosas cessarão, porém, sim, se o homem, o ente humano, poderá libertar-se do mêdo, totalmente, em todos os pontos de seu ser. Esta matéria, que provàvelmente examinaremos em nossa próxima reunião, requer

muita compreensão e investigação isenta de preconceitos pessoais, de mêdo, de esperança.

INTERROGANTE: Quando há a urgência criada pelo mêdo, ou de outra espécie, requer-se ação e — como pode nesse momento haver percebimento?

KRISHNAMURTI: Também estas duas palavras, "ação" e "percebimento", requerem profunda investigação. Que é ação? E que significa "percebimento"? Percebimento significa *ver* as árvores, as côres, as pessoas etc. — externamente, objetivamente; e significa também ver o que se está passando interiormente: não é estar cônscio só do exterior e não estar cônscio do interior. Se percebo o que se passa no exterior e não percebo o que se passa em meu interior, daí resulta contradição; e essa contradição, evidentemente, causa confusão etc. Esta questão exige não só muita exposição verbal, mas também real experimentação, porque o estado de percebimento implica "não escolha". Quando estais cônscio de uma árvore, podeis vê-la botânicamente, com o conhecimento, o pensamento; mas, êsse percebimento não vos faz *ver* a árvore inteira. Não entrais em contato com a árvore, porém com a imagem que criastes acêrca da árvore. O mesmo acontece nas relações: podeis estar cônscio de uma certa pessoa, porém na realidade só estais cônscio da imagem que a respeito dela criastes. O exame desta questão do percebimento exige muito tempo. E exige também *ação*; e esta, por sua vez, é uma palavra "tremenda", uma palavra fortemente "carregada". Nossa ação se baseia em geral numa idéia, numa fórmula. Tenho uma idéia relativa ao que devo fazer ou não fazer, ou minha ação se baseia numa técnica que aprendi etc. etc. Há, pois, a fórmula, a idéia, à qual corresponde a minha ação. Há separação entre a idéia e a ação; e, para se averiguar o que é "ação", tem-se de perguntar: A idéia é verdadeiramente necessária?

Um momento, senhor; ainda não terminei. Ainda não acabei de responder a vossa pergunta. Tende, pois, a bondade de escutar. A pergunta corretamente feita responderá a tôdas as outras perguntas. E, também, permiti-me solicitar-vos que não tireis fotografias. Isto aqui não é um circo. É de crer que somos pessoas sérias.

É muito fácil, senhores, fazer uma pergunta. E nós temos de fazer perguntas, infinitamente; porque o perguntar, indagar,

indica um certo ceticismo. É necessário ceticismo, não aceitação — o que não significa negar ou rejeitar tudo. Fazer uma pergunta correta é uma das coisas mais difíceis; e, no fazer a pergunta correta, no próprio ato de fazê-la encontra-se a resposta. Mas, nunca fazemos perguntas fundamentais; nunca fazemos uma pergunta e com ela *ficamos,* sem procurarmos uma resposta fácil. Não há ninguém, nem na Terra nem no céu, que possa responder a uma pergunta fundamental, senão vós mesmos. E uma pergunta correta exige uma grande abundância de inteligência e de sensibilidade. Mas, isso não significa que o orador queira impedir-vos de fazer perguntas.

Estamos neste momento perguntando: Que é percebimento e que é ação? A ação que conhecemos está sempre baseada nesta fórmula: primeiro a idéia, o conceito, o que "deveria ser", "o que foi", e depois a ação em conformidade com essa idéia. Assim é nossa vida. Somos violentos — um fato óbvio — e temos o conceito de "não violência", com o qual queremos compreender a violência. Mas, tal conceito é absurdo, irreal. A não violência é irreal para o homem que é violento. A compreensão da violência é urgente, imediata, e a ação de uma mente que cultiva a não violência e continua violenta, está contìnuamente a semear a violência.

O essencial é a compreensão da violência, e essa compreensão não vem através da não violência. A violência tem de ser enfrentada; tendes de *olhá-la.* E quando conheceis, quando percebeis tudo o que a violência implica, ela cessa, então, imediatamente; e isso suscita a questão do tempo, que precisamos examinar, porquanto nos servimos do tempo como meio de resolver os nossos problemas. Mas, agora não é o momento oportuno para o fazermos.

INTERROGANTE: Podeis desenvolver vosso pensamento a respeito do amor, a que tantas vêzes já vos referistes?

KRISHNAMURTI: Trataremos disso, talvez, nas palestras vindouras. Mas, era de supor que a maioria de vós perguntasse: "Percebo a urgência da transformação da revolução radical, da mutação da mente. Vejo-a. É uma necessidade. Como operá-la?". Era de esperar que fôsse esta a questão mais urgente, não? É possível a um ente humano que se acha tão fortemente condicionado, como comunista, capitalista, católico, ou o que

quer que seja, quebrar completamente êsse condicionamento, não numa data futura, porém imediatamente? É possível? Só é possível se, em primeiro lugar, se compreende a natureza e estrutura dêsse condicionamento, seu significado. E tem-se, então, também, de investigar a questão do tempo e qual a entidade que irá operar a transformação etc. São êstes os problemas que a questão encerra.

Convém pararmos agora. Prosseguiremos, se Deus quiser, amanhã, às onze horas.

29 de outubro de 1966.

OJAI — II

PARA ONDE VAMOS?

A Califórnia tem um dos mais aprazíveis climas do mundo, se bem um pouquinho quente, principalmente no sul — e devia estar fadada a produzir uma sociedade maravilhosa; uma sociedade totalmente diferente da que agora existe; uma sociedade altamente disciplinada (faço com muita cautela o emprêgo dessa palavra, cujo significado apreciaremos adiante); uma sociedade não totalmente materialista como a atual; uma sociedade não egocêntrica, não "aquisitiva"; uma sociedade em que haja uma profunda vida interior, em vez desta perpétua busca de entretenimentos, de sensações de tôda espécie. A mim, que andei por tôdas as partes do mundo, exceto atrás da "cortina vermelha", a mim me parece que o mundo está cada vez mais a imitar a América. Êste mundo de cinema, divertimentos, futebol etc., está sendo imitado em tôda parte. E uma pessoa verdadeiramente séria, principalmente se vive neste clima, não pode deixar de fazer a si própria esta pergunta: Que está a América produzindo, afora carros, viagens à Lua, progresso técnico, prosperidade, grandes concertos, museus etc. etc.; que está *dando* realmente? Com exceção da literatura, que é uma forma de entretenimento, com exceção de novos dogmas sectários, de experiências no domínio dos narcóticos, do L.S.D. etc. etc., que está realmente produzindo êste país? Não devemos sabê-lo, perguntá-lo, indagá-lo, não só de nós mesmos, mas também daqueles que estão tentando criar um mundo diferente, uma sociedade diferente, dos políticos principalmente? É bem evidente que os políticos, e tampouco os sacerdotes, jamais

criarão um nôvo mundo. Devemos interrogar-nos — interrogar, não por simples curiosidade, porém do fundo de nosso desespêro e ansiedade, que significação tem tudo isso. Para aonde estão indo os entes humanos? Temos feito esta pergunta a vários americanos eminentes, porém êles não têm resposta para ela; e tampouco se obtém resposta no Oriente. Todos têm uma certa fórmula especulativa, uma certa esperança; mas, não se pode construir uma sociedade na base de esperanças ou fórmulas. Uma sociedade só pode ser edificada por um pequeno grupo de pessoas, pessoas dedicadas, não persuadidas pela ambição, pela avidez, pelo "princípio do prazer". E, já que viestes ouvir estas palestras e explicações, eu gostaria de saber qual é a *vossa* resposta — não uma resposta especulativa, uma resposta baseada numa esperança, num certo mito fantástico.

Considerando-se o mundo — não só o que se passa neste país, na Ásia, mas também na Rússia, onde estão ocorrendo grandes mudanças e onde se acentua cada vez mais a tendência para a direita — considerando-se tudo isso, não podemos deixar de interrogar-nos se a nova semente já estará a germinar, se já estará a nascer uma nova cultura, uma nova sociedade, uma mente nova, não moldada pelo velho padrão, não pertencente a religião alguma, a nenhum grupo, classe, seita, isenta das infantilidades que hoje praticamos. Não sei se alguém já fêz esta pergunta; cada um provàvelmente anda sobremodo ocupado com seus próprios problemas ou está prêso na armadilha, a dar voltas e mais voltas, sem ter tempo, nem lazer, nem vontade de investigar. Êstes, é claro, não podem responder àquela pergunta. Mas, aquêles que já a fizeram sèriamente a si próprios, principalmente numa terra como esta, onde há tanta folga, onde uma pessoa pode ficar sentada debaixo de uma árvore a contemplar o céu azul, onde o clima é suave, onde há abundância de comida, de roupa, grande prosperidade — que resposta poderão dar? Estará tudo perdido? Já estará o país em declínio, sem nunca ter amadurecido? E aqui temos outra palavra difícil: "madureza". Quem é que vai responder à pergunta? Algum filósofo, algum cientista? Alguém que estudou a fundo a História e está cheio de conhecimentos, e sabe o que a sociedade deve ser e deverá ser? Ou, temos de apelar para algum clarividente, algum visionário, algum impos-

tor possuidor de meia dúzia de idéias? Quem vai dar a resposta? E bem me parece que os entes humanos, em todo o mundo, já não têm fé em coisa alguma — nem nos deuses que o homem inventou por mêdo, nem nos cientistas, nem nos políticos, nem nos livros, nem nos teólogos, com seus pensamentos condicionados. Como não se pode mais ter fé em ninguém, como, fundamentalmente, também não temos fé em nós mesmos, porque andamos tão confusos e incertos, tão atormentados por inumeráveis desejos; e como, enfim, de modo nenhum devemos deixar-nos guiar por alguém — cada um de nós tem de descobrir a resposta por si mesmo, como ente humano. Se respondeis como indivíduo (prestai atenção, por favor!) se respondeis como indivíduo, nesse caso vossa resposta provém de um ponto de vista pessoal, de uma inclinação, de um temperamento, de alguma experiência individual e, portanto, condicionada, estreita, insignificante, de alguma esperança egoísta; será uma resposta algo infantil, sem madureza, uma resposta sem significação, porquanto o problema é muito maior do que a mente individual que está tentando resolvê-lo. O desafio é imenso; temos de enfrentá-lo, e êle deve ser enfrentado com a compreensão de todo êste mundo humano — de guerras, fome, nações subdesenvolvidas, superpovoamento, o luxo dos ricos e o sofrimento dos pobres etc. etc.: compreensão do mundo, do que nêle se está passando, de fato, presentemente. Se pudermos observá-lo *totalmente,* e não parcial ou individualmente, como americano, católico, hinduísta, budista, comunista etc.; observar o fenômeno em sua totalidade, penso que encontraremos então a resposta — a qual pode não corresponder a nosso gôsto, pode não ser a que desejamos. De contrário, se não fôr encontrada uma resposta *real,* significativa, nossas vidas se tornarão muito sem valor e sem significado.

Tudo isso temos de compreender. Pela palavra "compreender" não entendo compreensão intelectual. É bastante fácil perceber intelectualmente por que razão tôdas as civilizações e culturas pereceram e, dêsse estudo, chegar a uma conclusão: "A América deveria ser 'assim' ". Isso não é compreensão, porém, meramente, uma análise intelectual do que "deveria ser". Tampouco nasce a compreensão de uma atitude emocional, sentimental, esperançosa. A compreensão nada tem absolutamente que ver com o intelecto ou as emoções, tomados

separadamente. E, visto que as pessoas são em geral emotivas, suas reações são sentimentais, de certo modo cruéis, irrefletidas.

Estamos empregando a palavra "compreensão". A compreensão só pode verificar-se quando há uma crise enorme, para a qual não encontramos solução, de modo que nossa mente se torna inteiramente silenciosa; e, então, nesse silêncio, nasce a compreensão. Isso já deve ter sucedido a muitos de nós. Às vêzes nos vemos em presença de um problema cuja solução não temos possibilidade de encontrar: fazemos consultas, conversamos com pessoas, investigamos, utilizamos todos os métodos de análise etc. etc. — e não encontramos solução alguma. E, depois de têrmos, por assim dizer, jogado para o lado o problema, nasce, sùbitamente, uma compreensão, uma claridade; porque a mente, num dado momento, se tornou sobremodo quieta em relação ao problema, e é só então que pode haver compreensão.

Mas, para esta pergunta, que constitui um enorme desafio que se apresenta a todo o mundo, nenhuma resposta tendes. Podeis afetar que tendes uma resposta ou responder de acôrdo com as idéias católicas ou protestantes; entretanto, o velho problema continua o mesmo. Para se compreender êste problema imenso, para se promover a total quietação da mente — o estado em que ela pode observar sem ser de um ponto de vista individualista — necessita-se de muita disciplina. Não estamos empregando a palavra "disciplina" no sentido militar, nem tampouco no sentido religioso, ortodoxo. De modo geral, essa palavra implica submissão, cultivo de certos hábitos, recalcamento, coerção, ajustamento. Tudo isso está, geralmente, implicado na palavra "disciplina"; mas, nós a estamos empregando num sentido todo diferente. O radical da palavra "disciplina" significa "aprender" (1); e ninguém tem possibilidade de aprender, se está meramente a ajustar-se, a recalcar, a controlar. Portanto, mais uma vez, é necessário compreender o significado da palavra "aprender". Porque, se não houver a disciplina correta, nenhuma possibilidade tem a mente de encontrar a resposta correta, a resposta que contém o significado, a estrutura, o todo da vida.

---

(1) Lat. *discere* — aprender, (radical *disc*) — *Cf.* "*disc*ípulo", "*disc*ente": aquêle que *aprende*. (N. do T.)

Para compreender, há necessidade de disciplina. Segui com paciência o que estou dizendo; prestai-lhe atenção. A compreensão não é produto do intelecto, nem da emoção ou do sentimento. Como dissemos, a compreensão vem quando a mente está perfeitamente quieta, sem movimento algum em qualquer direção. Quando observais uma árvore — se alguma vez já o fizestes — quando olhais uma árvore, vossa mente nunca observa essa árvore; o que observa é a imagem que ela criou a respeito da árvore. Essa imagem está sempre em movimento, jamais quiescente. Está-se-lhe sempre a adicionar ou a subtrair alguma coisa. Só quando está muito quieta, num estado de real observação, completamente imóvel, a mente observa a realidade que é a árvore.

Qualquer problema — principalmente êste que ora nos defronta: a crise da consciência humana — só pode ser resolvido radicalmente com aquela compreensão resultante da disciplina. Mas, por "disciplina" não entendemos adestramento, submissão, coerção, ajustamento, mediante intimidação, ameaça de punição etc. A disciplina vem naturalmente quando há aprender. O aprender, decerto, está sempre no presente ativo. Estou sempre aprendendo, sempre no presente ativo. Êsse presente ativo do aprender cessa quando se torna passado: *aprendi.*

Continuai a prestar atenção, por favor; porque iremos entrar numa matéria que poderá tornar-se um pouco difícil, se não compreenderdes primeiro isto.

O que geralmente acontece é que, depois de têrmos aprendido, de têrmos acumulado conhecimentos, tecnologia, atuamos; ou, nesse atuar depois de aprender, aprendemos mais coisas, que acrescentamos ao já sabido. Exato? É isso o que estamos sempre fazendo. Aprendo da experiência, guardo essa experiência na memória, como conhecimento, e tôda nova experiência é traduzida de acôrdo com o que tenho acumulado e, assim, estou sempre a aumentar meus conhecimentos e, por conseguinte, nunca *aprendendo.* Aprender é presente ativo, é ação, um movimento que está sempre no presente; por conseguinte, aprender é ação — não é atuar depois de aprender. A ação tem então significado totalmente diferente. Está-se, então, sempre aprendendo, e a vida, por conseguinte, é sempre nova; nunca há um

momento posterior ao aprender, nem ação baseada nesse passado, de modo que nunca há conflito com o presente ou com o futuro.

Isso exige enorme atenção e percebimento. À maioria de nós é muito fácil acumular e armazenar dados, experiência (que chamamos "conhecimento") e, depois, atuar de acôrdo com êsse conhecimento adquirido. Isso é ação mecânica. Não requer muita energia. Não requer muita atenção, percebimento, intensidade. Mas, se se compreende o significado da palavra "aprender", o que há, então, é um movimento real no presente, sempre no presente; por conseguinte, nunca há um momento de conhecimento acumulado e de ação nêle baseado.

Aprender é estar sobremodo cônscio, não daquilo que já sabemos (prestai atenção agora) e que se torna o chamado "inconsciente". Entendeis? Está-vos parecendo uma espécie de quebra-cabeças? *Bien.* Para mim, não existe "inconsciente". Esta é uma das coisas muito em moda hoje em dia: investigar, examinar, analisar o inconsciente, examinar os sonhos; sabeis de tudo o que se anda fazendo a êsse respeito. Só há consciência. Ela é comparável a um campo. Ou tomamos o campo globalmente, para olhá-lo, observá-lo, ou tomamos apenas um canto dêle e chamamos a *isto* "inconsciente", *àquilo* "consciente", a *isto* "ação", *àquilo* outra coisa que temos de examinar.

O aprender é uma coisa extraordinàriamente vital, que produz abundante energia, porque nêle não há conflito. Entendeis? Nossa energia está agora sendo dissipada, perdida, entre o que foi acumulado pela experiência, pela instrução etc. etc., e a ação; e, por essa razão, existe uma contradição: no ajustar a ação ao conhecimento. Onde há contradição, há desperdício de energia; e nossa vida é uma contradição, por conseguinte uma constante dissipação de energia.

Espero não estejais meramente a ouvir palavras, porém observando vossa própria atividade mental. Porque seria uma coisa inteiramente vã virdes assistir a estas palestras para apenas ouvir palavras e, depois, vos irdes, aprovando o que ouvistes ou dizendo "Ora, tudo isso é velharia". Mas, se estais cônscios, não só daquilo que o orador está dizendo, mas cônscios também de vós mesmos, em relação com o que se está dizendo, então o ato de escutar tem enorme importância; estais então descobrindo por vós mesmos o que realmente está sucedendo. É também de enorme importância descobrir como se deve escutar.

Nós quase nunca escutamos. Ou estamos por demais ocupados com nossos problemas pessoais, nossos pontos de vista individuais, nossas diversões, ou em defender-nos, proteger-nos (isto é, proteger a imagem que formamos de nós mesmos); ou, quando escutamos, estamos interpretando, concordando ou discordando, chegando a uma conclusão ou comparando o que ouvimos com o que já sabemos. E, assim, nunca estamos a escutar verdadeiramente. Se estais cônscios de tudo isso a que acabamos de referir-nos, êsse próprio percebimento é disciplina. Já dissemos que a palavra "disciplina" significa "aprender" — e não: ter aprendido. Mas, como temos dito, o aprender exige muito percebimento — percebimento do mecanismo de nosso próprio pensar e sentir; percebimento sem escolha, é claro. No momento em que escolhemos ou dizemos "Gosto", "Não gosto", estamos pondo em cena o fator escolha. Mas se, ao contrário, estais simplesmente cônscios de vossos mecanismos de pensar, sentir, ter prazer, desprazer, experiência, conhecimento etc., simplesmente cônscios, sem escolha alguma, estais então no "estado de aprender"; nesse aprender não há dissipação de energia. Pelo contrário, vossa mente está extraordinàriamente vigilante, ativa, e, por conseguinte, altamente sensível. E a mente que está viva, sensível, que está aprendendo e tão repleta de energia, não necessita de droga nem de estimulante de espécie alguma; porque, então, o aprender é, em si, um desafio; e a reação a êsse desafio é o ato de aprender.

Essa mente pode responder à pergunta, ao desafio: Tem o viver verdadeira significação — não uma significação inventada, como a dos existencialistas, dos católicos, dos viciados das drogas etc. etc. — porém a significação real e profunda por vós mesmo descoberta? Por influência dessa mente poderá então nascer uma sociedade diferente.

Nossa sociedade, como atualmente constituída, não tem significação alguma: três refeições por dia, uma casa, confortos etc. Se desejais penetrar mais fundo nesta matéria, tendes de compreender bem o "princípio do prazer".

Desejais fazer perguntas, ou preferis que eu continue?
AUDITÓRIO: Continuai! continuai!

KRISHNAMURTI: É muito fácil me mandardes continuar (*risos*). O que quereis fazer é só escutar. Mas, se estivésseis trabalhando realmente, cooperando, penetrando na matéria passo a

passo, não me pediríeis então que continuasse. Estaríeis fazendo perguntas, com o fim de *descobrir*. Estamos tão acostumados a ser entretidos por outros: no campo de futebol, no cinema, nas igrejas, nas revistas etc. — sempre querendo ser entretidos. Mas, para trabalhar esforçadamente é preciso ser-se sério. E por esta razão é que temos de examinar a questão do prazer, o que não pode ser feito em dez minutos, porém noutra ocasião talvez o façamos Sem se compreender o prazer, o aprender, a disciplina, e tôda a respectiva estrutura e significado, nunca encontraremos, como entes humanos, a verdadeira saída, a verdadeira solução. Assim, talvez queirais agora fazer-me perguntas a respeito do que estivemos dizendo nesta manhã, para, através das perguntas, tornarmos a examinar os problemas.

INTERROGANTE: Se a questão é de o indivíduo aprender por si mesmo, atuar por si mesmo, saber por si mesmo o que deve fazer, no próprio instante em que surge a necessidade — se fica ocupado com tudo isso, como pode "sair para a vida", para formar uma sociedade?

KRISHNAMURTI: Pergunta êsse cavalheiro: Se um indivíduo fica ocupado com a observação própria do aprender e, por conseguinte, aprendendo, como pode êle sair para formar uma nova sociedade?

INTERROGANTE: Eu disse "sair para a vida".

KRISHNAMURTI: Sair para a vida?

INTERROGANTE: Quer dizer, formar uma nova sociedade.

KRISHNAMURTI: Senhor, viver é aprender, não? A vida é um movimento — movimento infinito. Como um rio imenso e profundo, de grande caudal, ela está a fluir incessantemente. E aprender a respeito da vida é observá-la, sem escolha, é acompanhá-la, infinitamente. E êsse movimento consistente em acompanhar a vida, *é* a criação de uma nova sociedade. Não tendes de aprender primeiro, para depois "sairdes". Vêde, senhores, nós não observamos realmente o que pensamos, o que sentimos, os nossos motivos. Não vai nisso nenhuma crítica pessoal, mas o fato é que não o fazemos. Se alguma vez percebemos tudo isso e se se trata de um percebimento discriminativo, isso já não é percebimento. Percebimento é estar cônscio de tudo: das pessoas aqui sentadas, das côres, das árvores, da luz que brilha na fôlha, do barulho; é ver as mon-

tanhas, o movimento do vento nas fôlhas. Percebimento não é concentração. Esta matéria, também, não podemos considerar agora. Mas, separar a vida e o indivíduo, para estudar exclusivamente o indivíduo, é criar um abismo de contradição e aflições. O indivíduo, o ente humano — vós e eu — é a vida. Infelizmente, esta vida foi dividida em nacionalidades, grupos, seitas, crenças, isto e mais aquilo.

Aprender a respeito de todo o movimento da existência é estar cônscio dêsse imenso campo. Não se trata de separar a vida da ação, o aprender do criar, porém, sim, de olhar, todo inteiro, o campo da vida. Compreendeis, senhores? Um minuto, senhor! Sei que estais cheio de "perguntas e respostas".

INTERROGANTE: Trata-se da mesma pergunta; eu queria formulá-la diferentemente.

KRISHNAMURTI: E eu estou respondendo à mesma pergunta. Senhor, observar o mundo, em sua *totalidade,* não como Vietnã, Rússia ou China; olhá-lo, não como indivíduo ou como cristão, católico, hinduísta, budista etc.; perceber em seu todo êsse enorme movimento humano, de agonia, desespêro, amor, tragédia, ciúme, enfim todos os tormentos e ânsias da humanidade; perceber tudo isso globalmente, eis o verdadeiro problema. É possível ver êsse *todo* não intelectualmente? Se o perceberdes com um simples olhar, num relance, tereis a resposta. Não estareis mais olhando o mundo como indivíduo; já não estareis pensando no mundo como Oriente e Ocidente, comunista e não comunista etc.

A questão é de sabermos se é possível olhar tôdas essas divisões, contradições, sofrimentos e batalhas — olhar tudo isso como um todo. Se fordes capaz de olhá-lo dessa maneira total, tereis então uma resposta total, e não uma resposta parcial. E só essa resposta poderá resolver *qualquer* problema. Mas essa percepção da totalidade exige atenção *completa.*

Quando uma pessoa está realmente atenta — e com isso queremos dizer quando está dando sua mente, seu coração, seus olhos, seu cérebro, tudo — nessa atenção não existe nenhum observador e, por conseguinte, o observador é a coisa observada. Só há atenção. Trataremos também disso noutra ocasião.

INTERROGANTE: É possível operar uma mudança, criar uma nova sociedade, pelo emprêgo da fôrça? A fôrça não é produto do mêdo?

KRISHNAMURTI: O interrogante indaga: É possível criar uma nova sociedade pelo emprêgo da fôrça, da compulsão, da ameaça de punição — uma vez que tudo isso se baseia no mêdo? Evidentemente, não se pode criar nada de nôvo...

INTERROGANTE: Eu queimei o meu EGO e, por isso, desejo perguntar-vos: Considerais o mundo em situação tão desesperadora que necessite dessa transformação da mente? E a segunda pergunta seria esta...

KRISHNAMURTI: Oh, senhor, basta uma pergunta! (*risos*). O interrogante indaga: Como é possível transformar totalmente uma sociedade?

INTERROGANTE: Não é isso. Considerais o mundo em situação tão desesperadora que necessite dessa transformação da mente?

KRISHNAMURTI: Quem fará essa transformação? Os sacerdotes já a tentaram; tentaram-na os teólogos, por muitos e muitos séculos — como se fôsse possível recebermos a transformação de um agente exterior. Essa transformação... já se tem acenado com o céu e ameaçado com o inferno para consegui-la; mas nenhum resultado se conseguiu, e ninguém mais crê que outrem possa transformar uma pessoa. Tudo isso é pura infantilidade; são coisas passadas e acabadas. Cada um tem de transformar a si próprio.

INTERROGANTE: Dissestes, e cito vossas palavras: "Para mim não existe inconsciente". Ora, a pergunta que vos faço é esta: Para mim existe um inconsciente, êsse fervilhar que vem de dentro da maioria de nós. A pergunta é: Como se pode alcançar êsse ponto de percebimento em que só há consciência, sem o inconsciente?

KRISHNAMURTI: Senhor, que é o inconsciente? Não respondais de acôrdo com Freud ou Jung e demais analistas, porém dizei o que *é* realmente nosso inconsciente? Já o examinastes a fundo? E, também, a questão é esta: Como descobrireis o que é o vosso inconsciente, sem precisardes de que alguém vo-lo diga? Percebeis a diferença? Alguém me diz que estou com fome, isso muito difere do verdadeiro estado de sentir fome, não achais? Posso descobrir o que é o meu inconsciente, e qual o instrumento que o descobrirá — o censor, o observador, o analista, o pensador? E o pensador é diferente

do pensamento? Quando consideramos isso que se chama "inconsciente" — que é êle, e por que tem essa tremenda importância? Êle é uma coisa tão trivial, tão insignificante, tão sem valor como a mente consciente. Por que lhe atribuirmos tamanha importância? A pergunta é: Como, em primeiro lugar, analisar o inconsciente... um momento, senhor, estou chegando a êste ponto... e, depois de observá-lo, transformá-lo, todo, em "consciente". É isso, senhor?

INTERROGANTE: É.

KRISHNAMURTI: Aí está. Precisamos considerar êste assunto com muita atenção. Como podeis examinar o desconhecido? Entendeis esta pergunta? Dizemos que o inconsciente jaz muito profundamente sepultado. Como podemos examiná-lo? Por meio dos sonhos? Por meio das comunicações e sugestões que êle transmite ou projeta? E, por que sonhais? Por que deveis sonhar? É preciso descobrir em primeiro lugar como encontrar-nos com o inconsciente e como observá-lo. É possível à mente consciente observar o inconsciente? Tende a bondade de seguir-me. Quando a mente consciente *olha* o inconsciente, ela já está condicionada, já possui seus próprios desejos e fins, seus próprios motivos, ansiedades, meios de proteção — e é com isso que olha; e o que ela olha é a si própria. Por conseguinte, a questão é esta: É possível observar uma coisa oculta, que não pode ser percebida pela mente consciente? Entendeis minha pergunta? Vêde, senhor, existe uma coisa oculta que chamamos "inconsciente". Como posso conhecê-lo? Quer dizer, como posso entrar realmente em contato com êle, sem ser por meio de idéias, pelos ditos de outros — entrar em *real* contato com êle? Para se entrar em contato com uma coisa, realmente, imediatamente, necessita-se da total quietação da mente consciente. Exato? Evidentemente! E, quando a mente consciente está totalmente tranqüila, *há então* o "inconsciente"?

INTERROGANTE: Como se consegue isso? *Como*? A palavra "Como" é a parte mais importante desta pergunta.

KRISHNAMURTI: Vêde, primeiramente, senhor, o que ocorreu — se me estivestes seguindo. No momento em que a mente consciente se encontra totalmente quieta, sem nenhum movimento de prazer, experiência, conhecimento etc., não há então nenhum inconsciente. Ora, o interrogante pergunta: Como conseguir isso? "Como?" é a pergunta mais insidiosa que há;

porque, quando se pergunta "como?", quer-se um método, um sistema. E, assim que começamos a seguir um sistema, um método, uma prática, estamos dentro da armadilha dêsse sistema, método, prática e, portanto, incapacitados de *descobrir.* Estamos presos. Mas, se perceberdes a coisa realmente, perceberdes que só a mente que está totalmente quieta é capaz de observar; se compreenderdes isso, perceberdes num relance a verdade respectiva — tornar-se-á então inexistente o inconsciente. Mas, se disserdes: "Mostrai-me o caminho que devo percorrer para consegui-lo" — isso é como uma pessoa ir para o colégio para tornar-se inteligente (*risos*).

INTERROGANTE: Eu gostaria de saber, quando a mente está quieta, em silêncio, o que acontece com o corpo?

KRISHNAMURTI: O corpo está também quieto. Nós separamos o corpo, a mente, o coração, o sentimento e o pensamento. Entendeis? Esta é realmente uma questão muito complexa. Pode-se quietar o corpo por meio de vários artifícios: por meio de tranqüilizantes, pílulas, ou o próprio "tranqüilizante interior" da pessoa; por meio do pensamento, da repetição de palavras, do sentar-se numa certa postura, respirando de uma certa maneira. É perfeitamente possível quietar o corpo. Isso já se tem feito e, entretanto, no final de tudo, a mente permanece a mesma mente insignificante e sem valor. O que nos interessa é o processo integral e não apenas uma parte dêle.

INTERROGANTE: Qual o lugar que compete à memória, na educação?

KRISHNAMURTI: Já falamos durante uma hora e um quarto. Penso que basta, não? Poderemos considerar êste assunto na próxima reunião, se porventura desejardes então fazer esta pergunta.

30 de outubro de 1966.

OJAI — III

DA PAIXÃO ARDOROSA E SEM MOTIVO

VAMOS CONTINUAR com o que estávamos dizendo em nossas reuniões de sábado e domingo? Falávamos sôbre a enorme importância de promover na mente humana uma revolução radical. A crise — e há sempre crises no mundo, principalmente agora — é, a meu ver, uma crise na consciência, uma crise que já não admite as velhas normas, os velhos padrões, as velhas tradições, nem determinada maneira de vida — americana, européia ou asiática. E, considerando-se o atual estado do mundo — de aflição, conflito, destruidora brutalidade, agressão, espantosos progressos na tecnologia etc. — quer-me parecer que, embora o homem tenha cultivado o mundo exterior e sôbre êle adquirido um certo domínio, interiormente continua tal como era: há nêle um considerável remanescente do animal; continua a ser brutal, violento, agressivo, ambicioso, competidor, e foi nessa base que edificou a sociedade. Quanto mais se observa êsse fato — e qualquer um pode observá-lo, a menos que seja totalmente cego, surdo e mudo — tanto mais claramente se percebem as enormes contradições dos entes humanos e os grandes problemas que estão a exigir-lhe atenção não só no nível intelectual ou emocional, mas também noutro nível diferente: o nível dos fatos reais. E para se compreender o que é real, o que não é intelectual nem emocional, necessita-se de intensa paixão.

Paixão, para a maioria de nós, significa apenas satisfação mental ou física, a qual depressa declina e tem de ser sempre renovada. Em geral, as paixões são despertadas por circuns-

tâncias externas ou por nosso especial temperamento, nossas idiossincrasias e apetites. Essa espécie de paixão definha muito ràpidamente. Tôda paixão que tem um "motivo" chega necessàriamente a seu fim. E, para compreender êsse extraordinário e complexo problema da existência, necessitamos daquela intensa paixão que não provém do intelecto e tampouco do sentimento ou da emoção; que não pode ser despertada pelo devotar-nos a uma determinada norma de ação ou pertencer a um certo grupo político ou religioso. Isso poderá, com efeito, proporcionar uma certa intensidade, um certo ardor, uma certa impulsão, mas referimo-nos a uma paixão mais difícil de alcançar; porque a paixão que se requer para qualquer ação deve ser sem motivo. Em geral buscamos satisfação intelectual, emocional, física, e o confôrto, sob várias formas. Ideológica ou psicològicamente, exigimos essa satisfação, a qual, enquanto nos preenche, desperta-nos uma certa intensidade. Mas essa intensidade ràpidamente declina e tem de ser sempre renovada, estimulada, impulsionada, de modo que estamos sempre em busca de uma certa finalidade, uma certa continuidade da paixão. Uma vida sem êsse intenso ardor, essa paixão, é inteiramente insignificante. Busca a pessoa, ordinàriamente, uma idéia, um conceito a que dedicar-se de corpo e alma, e daí resulta uma certa intensidade, uma certa paixão. Mas, no meio de tudo isso, está o desejo de satisfação, de prazer. E parece-me que a sociedade, da qual somos partes integrantes, como entes humanos (pois a sociedade não difere do ente humano: psicològicamente ambos formam uma unidade), a inteira estrutura da sociedade, com sua moral, seus deuses, sua cultura, suas diversões — está baseada no prazer. Pode haver alguma ocasião rara em que a mente funciona sem "motivo", sem desejo de satisfação, mas nossa vida e nossa conduta se baseiam, pela maior parte, no desejo e na busca da continuidade do prazer.

Espero que os presentes a estas palestras e às vindouras façam algo mais do que ouvir palavras. Ouvir parlavras e mais palavras não é *escutar*. É como ouvir um barulho passageiro entre as fôlhas. Quando ouvimos, aceitamos ou rejeitamos o que se diz; ou o traduzimos em conformidade com nosso conhecimento, nosso "fundo"; ou o comparamos com o que já sabemos; ou a cada idéia opomos outra idéia. Tôdas estas características do ato de ouvir negam o ato de escutar. O escutar é coisa totalmente diferente. Quando escutamos, não há com-

paração; não há aceitação ou rejeição. A característica do escutar é a atenção; quando estamos prestando atenção total, com nossa mente, coração, nervos, olhos, ouvidos — nesse estado de atenção consiste o ato de escutar. Êsse ato de escutar afasta tudo o que não é verdadeiro — isto é, quando prestamos tôda a atenção a uma coisa: quando estamos escutando *totalmente.* Quando se está prestando atenção, não há margens de desatenção. Ao escutardes com tôda essa intensidade, escutais as árvores, o vento, a brisa entre a folhagem; escutais o mais leve sussurro em tôrno de vós. Do mesmo modo, quando escutais outra pessoa, êsse próprio ato de escutar produz uma atenção total, na qual se pode ver o inteiro significado e estrutura do que se está dizendo; escutais não só as palavras do orador, mas também escutais vossa espôsa, vosso marido, vossos filhos, o político, o sacerdote, tôdas as coisas que vos cercam. Não há então escolha alguma. Só há clareza. Não há confusão, porém claro percebimento.

Espero escuteis dessa maneira o que se está dizendo aqui, em vez de ouvir algumas dúzias de palavras ou de idéias; porque as idéias e as palavras não são o fato. Idéias e palavras jamais operam uma revolução radical, uma mutação da mente. Eu não me estou ocupndo com idéias, opiniões e juízos. O que nos interessa é a radical revolução da mente. Essa revolução tem de realizar-se sem esfôrço, porque todo esfôrço tem atrás de si um motivo, e a revolução que se opera com um "motivo" não é uma verdadeira revolução, uma mutação, porém mera "continuidade modificada". A mutação, a transformação radical da mente só pode verificar-se quando não há motivo algum e quando começamos a compreender a estrutura psicológica da sociedade, da qual fazemos parte e que faz parte de nós. Para compreendê-la, é necessário o ato de escutar não apenas o que diz o orador, porém aquilo que realmente está ocorrendo em nós mesmos.

A maneira de escutar é da responsabilidade (se se me permite esta palavra) do ouvinte, porque estamos viajando juntos. Estamos juntos explorando a estrutura psicológica do homem; porque, pela compreensão dessa estrutura, de seu significado, estaremos talvez aptos a promover uma mudança na sociedade. E a sociedade, sabe Deus, necessita de uma total mutação, uma revolução total.

Como antes dissemos, todos os nossos conceitos, ações e impulsos se baseiam no prazer; e, enquanto não se compreender a natureza e a estrutura do prazer, haverá sempre mêdo — mêdo, não só em nossas mútuas relações, mas também mêdo da vida, da totalidade da existência. Assim, sem a compreensão do prazer, não podemos estar livres do mêdo. Não estamos rejeitando o prazer; não estamos advogando um viver puritano, nenhuma maneira de recalcar ou de substituir o prazer; e tampouco estamos rejeitando isso que se chama "grande satisfação" (*great satisfaction*). Estamos examinando; e todo exame requer que estejamos livres de opiniões, pois de contrário, não se pode examinar. Não podeis dizer: "Mas, como viver privado do prazer?". Quando se está certo de que não se pode ou se pode viver privado do prazer, já está criado um obstáculo ao exame e, por conseguinte, ao descobrimento e à compreensão de uma coisa, de um problema. Estamos examinando o prazer, não o estamos condenando. E, se não compreendemos real, radical e sèriamente êsse "princípio do prazer", existente tanto no homem como no animal, viveremos sempre encerrados entre as fronteiras do mêdo. Isso é bem óbvio.

Antes de mais nada, o prazer é uma coisa extraordinária que temos de compreender. E, para compreendê-lo, necessita-se de muita atenção, agilidade mental, sutil percepção. Há prazer na agressão. Há prazer na violência. Prazer existe na ambição, no autopreenchimento, no domínio, na arrogância, no buscar qualquer satisfação. Há várias formas de prazer que não temos necessidade de examinar em detalhe; mas, pode-se ver que a totalidade de nosso íntimo pensar e sentir baseia-se nesse "princípio do prazer". Nêle se fundamentam as nossas relações, e igualmente a nossa moral; e os deuses que a mente por mêdo inventou, os salvadores, os mestres, os guias e líderes etc. etc., tudo está essencialmente baseado nesse prazer. A asserção da vontade faz parte daquele prazer; e a renúncia, o sacrifício estão também baseados no prazer. Portanto, é necessário compreendê-lo; e, para compreendê-lo, não deve haver nem a retenção nem a rejeição daquela característica, daquele princípio do prazer. E isso é dificílimo, porque já estamos fortemente condicionados para aceitar o "motivo" do prazer, com êle funcionar. Conseqüentemente, estamos sempre a limitar a nossa atenção. Olhamos a vida fragmentàriamente — como negociante, artista, psicólogo, cientista, político, sacerdote, mãe de

família, professor etc. etc. Só damos atenção aos fragmentos e procuramos relacionar um fragmento com o conjunto dos demais fragmentos, sendo isso o que se chama "identificação". Enquanto existirem fragmentos separados, não será possível ver a totalidade. Se digo: "Preciso experimentar um certo prazer e conservá-lo a todo custo", não compreenderei o padrão total do prazer. Nós aqui queremos ver a totalidade do prazer, tudo o que êle implica: dor, frustração, agonia, remorsos, dolorosa solidão quando nos é negado o prazer. E, naturalmente, procuramos fugir de tudo isso, de maneiras várias, o que, por sua vez, significa dar continuidade ao prazer. A mente que se acha prêsa nessa armadilha, condicionada por êsse "princípio do prazer", não pode decerto ver o que é verdadeiro; não pode pensar com clareza e, por conseguinte, não tem paixão. A paixão, ela a traduz em atividade sexual ou em realizações fragmentárias em que busca o seu preenchimento. Se não há compreensão do prazer, só há entusiasmo e sentimentalismo, de onde decorrem a brutalidade, a insensibilidade etc.

Que é então o prazer? Pois, se não compreendemos o prazer, não pode haver amor. O amor não é prazer; nem tampouco desejo; o amor não é memória. E o prazer nega o amor. Por conseguinte, parece-me importante compreender êsse "princípio". Sem dúvida, prazer é desejo — desejo nascido muito naturalmente ao vermos uma coisa que nos dá estímulo, sensação, a qual nos faz desejá-la. A continuidade dêsse desejo é prazer, e êsse prazer é mantido pelo pensamento. Vejo uma certa coisa, e dêsse contato vem uma sensação; a sensação é o desejo mantido pelo pensamento. Podeis observar isso em vós mesmos. Não estais ouvindo nada de extraordinário. Trata-se de um óbvio fato diário. Vêdes um belo carro, uma bonita casa, um rosto belo; dá-se a sensação, o contato: contato, sensação e desejo. O pensamento entra então em ação; porque o pensamento é a reação da memória; essa memória está baseada noutras experiências de prazer e de dor. O pensamento dá continuidade ao desejo e à busca de satisfação. Cada um pode observar isso muito simplesmente em si próprio. Não se necessita de ler livros de psicologia a êsse respeito. Não sei por que se lêem livros de psicologia, por que se procuram os analistas etc. Só se tem de observar, pois tudo está à nossa frente; e o estado de observação não nos pode ser ensinado por ninguém. Se sois ensinados a observar, deixais

de observar: tendes então meramente a técnica da observação, a qual vos impede de ver *realmente* os fatos.

Essa idéia de procurar alguém para se ser ensinado, analisado, psicològicamente informado a respeito de si próprio, parece-me completamente infantil. Sei que o que estamos dizendo é contrário à moda atual, mas, quando observais a vós mesmos — não a outrem, porém a vós mesmos (porque "vós mesmos" sois a humanidade inteira, com tôdas as suas penas e aflições, sua existência de solidão e desespêro e inteiramente sem significação), nessa observação sentir muita ansiedade em resolver tudo o mais ràpidamente possível. Não temos a paciência nem a intenção necessárias à clara observação; mas, quando observamos com essa clareza, a vida se nos vai revelando infinitamente. Então, já não estamos na dependência de *ninguém* — psicólogo, teólogo ou sacerdote — nem de nenhum dogma. Estamos então observando o movimento da vida, o qual é "nós mesmos". Entretanto, infelizmente, não somos capazes de olhar com clareza, porque somos sempre movidos por aquêle "princípio do prazer".

Para compreender o prazer, temos de compreender a estrutura do pensar, porque é o pensamento que dá continuidade ao prazer. Tive ontem a experiência do prazer — de diferentes espécies de prazer — e o pensamento se mantém ocupado com aquêle prazer e exige a sua continuidade. A lembrança daquele prazer de ontem está reagindo e, por meio do pensamento, a exigir a sua renovação; e o pensamento é tempo.

Espero não estar tornando a coisa muito difícil e abstrata. Não a considero abstrata, embora possa parecer um tanto complexa. Entretanto, em verdade, ela não é sequer complexa, quando acompanhamos realmente não tanto o que diz o orador como aquilo que está de fato a ocorrer dentro em nós mesmos. Afinal de contas, o que o orador está dizendo é um espelho no qual olhais a vós mesmos. E se olhardes realmente, vereis que o prazer é mantido pelo pensamento. Pensa-se no passado prazer, na passada satisfação, nos deleites e alegrias de ontem — cuja continuidade o pensamento exige no presente. O pensamento projeta o prazer de amanhã; e o pensamento cria o passado, o presente e o futuro, isto é, o tempo. Há o tempo marcado pelo relógio, o tempo cronológico. Não é êste o tempo que nos interessa. Se tendes de ir a um encon-

tro marcado etc., necessitais do tempo cronológico — do ontem, do hoje, do amanhã. Mas, estamos falando sôbre o tempo psicológico gerado pelo pensamento; êsse tempo é produto do pensamento. Tive aquêle prazer; quero continuar a tê-lo no presente e no futuro. Êsse fator tempo é criado, formado pelo pensamento; e o pensamento é tempo; e o tempo é que cria o mêdo. Assim, se não tratamos de investigar profundamente o tempo, o prazer e o pensamento, ficaremos sempre sujeitos ao tempo, e êste, por conseguinte, jamais se detém. Só quando o tempo termina, surge algo totalmente nôvo; do contrário, o que há é só a continuidade do passado, modificado pelo presente e condicionado pelo futuro.

Como se pode observar, o amor não é produto do tempo. Nada tem em comum com a memória. E o prazer nega o amor. Havendo amor, pode-se fazer o que se quiser; só o prazer é destrutivo.

O ente humano tem de libertar-se do mêdo — mêdo do futuro, mêdo de... há dúzias de variedades do mêdo humano, tanto consciente como inconsciente — mêdo do próximo, mêdo da morte, mêdo da solidão, da insegurança, da incerteza, o mêdo causado pela confusão, o mêdo sentido pelo indivíduo ao perceber que é estúpido e luta para tornar-se inteligente — numa palavra: o mêdo. O mêdo está sempre em relação com alguma coisa; não existe isoladamente. Para libertar-se do mêdo — totalmente, não parcialmente (que é ficar-se livre de um fragmento daquela totalidade que se chama mêdo), para libertar-se psicològicamente do mêdo, *total e completamente,* é necessário compreender-se o pensamento, o tempo e o prazer. Essa compreensão não é intelectual nem emocional. Só pode vir quando há atenção completa, quando damos *tôda* a atenção ao prazer e vemos como êle nasce, vemos o que é o tempo, êsse tempo que o pensamento criou: eu fui, eu sou, eu serei; tenho de mudar *dêste* estado para *aquêle.* Essa idéia de processo gradual, de gradativa evolução psicológica do homem, é muito agradável; gradualmente, todos nos tornaremos perfeitamente bondosos; gradualmente, perderemos tôda a nossa violência e agressividade. Um dia — mais tarde, muito mais tarde — todos seremos fraternos. Êsse conceito de gradualidade, que, psicològicamente, em geral se chama "evolução", parece-me inteiramente falso. Não estamos externando uma

opinião. Trata-se de um fato, porque, quando aplicamos inteiramente a nossa atenção a alguma coisa, o tempo não existe, em absoluto. Já não se diz: "Serei *isso* amanhã". Naquele estado de atenção, não há ontem, nem hoje, nem amanhã; por conseguinte, o tempo terminou. Mas, essa terminação do tempo não é possível quando existe aquêle centro que é o princípio do prazer. O prazer encerra a dor. Não são duas coisas separadas. Prazer *é* dor — se já observastes isso.

Portanto, psicològicamente, não se pode evitar a dor, se se está psicològicamente em busca do prazer. Desejamos uma coisa, e não desejamos a outra. A exigência de continuação de um dado prazer é o *centro* de onde pensamos, funcionamos e atuamos — centro que se pode chamar EGO, EU, PERSONALIDADE; não importa o nome que se lhe dê. Onde há um centro, há sempre espaço em tôrno dêle, espaço no qual ocorre a ação do mêdo e do prazer. Exato?

Espero estejais seguindo isto, mais ou menos. Se não, não importa. Pois a maioria de nós, provàvelmente, nunca aplicou por inteiro a sua atenção — não por dez minutos ou meia hora, porém por um longo período de tempo. Funcionamos emocionalmente, desejando e não desejando; quando se trata de problemas fundamentais, é um tanto difícil aplicar-lhes, por inteiro, a vossa mente, quando tôda a vossa vida foi dissipada — dissipada na ação fragmentária. Quando atuamos totalmente, só o fazemos por ocasião de uma crise. Então despertamos e aplicamos a atenção *total*. E isto aqui é uma crise. Uma palestra desta natureza é uma crise, um desafio. Não podeis repeli-la. Por conseguinte, poderá ser um tanto difícil, árduo talvez, seguir o que se está dizendo, porém não é difícil seguir o movimento da própria mente. Isso é como estar-se sentado na margem de um rio, observando as águas passarem; quando se observa dessa maneira, não há observador nem coisa observada: só há movimento. Mas, para se observar êsse movimento, não deve haver mêdo, não deve haver tempo, não deve haver nenhuma idéia ou exigência de prazer. Nesse estado pode-se observar o movimento total da vida — que é agonia, desespêro, o doloroso dessa existência sem significação, de rotina, tédio, grandes temores, como o da morte (da qual trataremos noutro dia). Tudo isso se pode observar; e, quando o observais, o observador é aquilo que êle está observando;

pode-se então transcender tudo isso. A mutação só pode realizar-se na mente quando o tempo, o prazer e o mêdo terminaram e há, por conseguinte, uma certa dimensão ou propriedade que não pode ser alcançada pelo pensamento.

Podeis agora, se o desejardes, fazer perguntas sôbre o que estivemos dizendo, as quais procuraremos examinar. Peço-vos, se possível, abreviar as vossas perguntas.

INTERROGANTE: Estou confuso sôbre o que dissestes a respeito do prazer, porquanto não percebo a distinção que fazeis entre o prazer e o desejo de satisfação. Gostaria de saber qual é a sensação que tendes ao olhar uma pintura; porque isso eu definiria como prazer sem desejo; um prazer de boa qualidade. O prazer é bom.

KRISHNAMURTI: Diz o interrogante que o prazer é bom quando se olha um quadro, quando se olha o entardecer, quando se olha um belo rosto ou um sorriso amável. Prazer, diz o interrogante, é satisfação. Não vejo diferença entre satisfação e prazer.

INTERROGANTE: Eu disse "a distinção que fazeis".

KRISHNAMURTI: O quê?

INTERROGANTE: Desculpai-me. Eu não percebi a distinção que fazeis entre os dois. Pensei que estivésseis procurando equilibrá-los, e disse que o desejo de satisfação é uma coisa muito diferente do prazer.

KRISHNAMURTI: Sim, tendes razão. O interrogante está dizendo que o prazer e a satisfação são duas coisas diferentes e que não discorda do que disse o orador. Não é isso?

INTERROGANTE: Não.

KRISHNAMURTI: Oh, então desculpai-me! (*risos*).

INTERROGANTE: Prazer é amor.

KRISHNAMURTI: O quê?

INTERROGANTE: Aquela espécie de prazer traz amor.

KRISHNAMURTI: Quando se está examinando uma coisa desta natureza, não tireis conclusão alguma. Não digais "Prazer é amor" ou "Prazer não é amor". Estamos examinando. E se tendes uma conclusão ou se chegastes a uma conclusão e nessa base começais a examinar a questão, então a pergunta já está respondida por vossa conclusão.

INTERROGANTE: Desculpai-me, senhor.

KRISHNAMURTI: Nada de pedir-me desculpas, por favor. O que estamos tentando é fazer um exame; e para examinar devemos estar livres de qualquer conclusão, qualquer conhecimento, qualquer exigência. De outro modo, é impossível olhar, impossível examinar. E esta é uma das coisas mais difíceis da vida, porque todos nós temos opiniões às dúzias e estamos sempre prontos a externá-las. Ora, só os tolos externam opiniões. O sábio não opina.

Esta pergunta suscita um problema difícil. Quando se olha o ocaso, êle faculta grande prazer, deleite. Tal deleite é, naquele momento, intenso, e vossa mente e todo o vosso ser se absorvem naquela beleza. Depois, essa experiência fica guardada, na tarde seguinte desejais a repetição daquela mesma experiência. Isso é o mesmo que tomar aquela droga chamada L.S.D.; ela proporciona uma extraordinária experiência, e essa experiência é um grande deleite. Mas, passado êsse deleite, vos vêdes de volta a "vós mesmos" e vossa vulgar mentalidade. Toma-se então outra dose, e mais outra, e assim por diante até a pessoa tornar-se "tantã" (1) (*risos*). Não, por favor, não riais. Um minuto! Consideraremos esta matéria noutra reunião.

Há, pois, o cultivo da memória, mantido pelo pensamento; ou, por outra, o pensamento mantém a si próprio. Ontem assisti a um belo pôr do Sol, côres maravilhosas; a extraordinária tranqüilidade da tarde, na hora do poente; uma luz inteiramente diferente. Tudo isso retive na memória. A mente o absorveu e, no dia seguinte, num escritório, numa escola, ou na cozinha, ou a sós comigo mesmo, penso naquele deleite. Êsse pensamento surge naturalmente e olho pela janela na esperança de fruí-lo de nôvo. Mas, aquêle deleite jamais volta, porque a mente contempla o nôvo pôr do Sol com a velha mente, com as velhas lembranças. Mas, se puderdes morrer para o ocaso de ontem, morrer totalmente, podeis então olhar o nôvo poente. Já não há então aquela busca de satisfação, de prazer.

---

(1) Krishnamurti usou também uma expressão de gíria (cuckoo). (N. do T.)

INTERROGANTE: Vejo-me confuso quanto à diferença entre prazer e alegria. Podeis falar-nos a respeito da alegria e dizer-nos a semelhança ou dessemelhança que tem com o prazer?

KRISHNAMURTI: Qual a diferença entre prazer e alegria? Não a sabeis? O prazer tem continuidade; a alegria não. Se dizemos "Estou cheio de alegria", acabou-se a alegria. Mas, ao prazer pode dar-se continuidade. O prazer, por conseguinte, é uma continuidade daquilo que *foi,* daquilo que ontem vos proporcionou satisfação ou prazer, prazer a que, por meio do pensamento, podeis dar continuidade, nutrição, hoje e amanhã. Já a alegria, ao contrário, é algo que vem imediatamente, naturalmente, e naturalmente se vai. E quando a ela nos apegamos, já se tornou memória, prazer; está acabada!

INTERROGANTE: A vida não é dolorosa, em qualquer caso?

KRISHNAMURTI: Depende. Se vosso fígado funciona mal, a vida é dolorosa. Se tendes mágoas psicológicas por terdes sido ofendido, por estardes só, por falta de preenchimento, por não serdes amado etc. etc., a vida se torna uma tortura. Freqüentar um escritório diàriamente, durante dez, quarenta anos, é uma tortura *medonha* (*risos*). Mas, isso sois capaz de suportar, porque vos dá dinheiro, confortos etc. etc. Não o chamais "tortura".

INTERROGANTE: Mas, se se não freqüenta um escritório, também...

KRISHNAMURTI: Um momento, senhor. Ainda não liquidamos aquela pergunta (*risos*). Senhores, tende a bondade... não estamos aqui a divertir-nos.

INTERROGANTE: Como ajustais...

KRISHNAMURTI: Um minuto, minha senhora, um minuto! Estou tentando responder. Se se compreende corretamente uma pergunta, tôdas as perguntas estão respondidas. Mas, nós não sabemos fazer perguntas corretas. Fazer a pergunta correta exige muita inteligência e sensibilidade. Eis aqui uma pergunta fundamental: A vida *é* uma tortura? A vida é o que é; e o homem vive nesta tortura há muitos e muitos séculos; da antiguidade aos nossos dias, vive êle na agonia, no desespêro, no sofrimento, sem encontrar uma saída dessa situação. Por essa razão, inventa deuses, igrejas, rituais e tantas outras coisas

verdadeiramente absurdas; ou foge da vida de diferentes maneiras. O que nestas palestras e debates estamos tentando é ver se não podemos produzir radicalmente uma transformação da mente, em vez de aceitarmos as coisas como estão ou de nos revoltarmos contra elas. A revolta nunca constituiu solução para *nada.* Deveis compreender o problema, penetrá-lo, examiná-lo, dar-lhe vosso coração e vossa mente, a fim de descobrirdes uma diferente maneira de viver. Isso depende de vós e de ninguém mais, porque nesta matéria não há instrutor nem discípulo; não há guia, não há *guru,* não há mestre, não há salvador. Sois a um tempo instrutor e discípulo; sois o mestre; sois o *guru*; sois o guia, sois tudo. E — compreender é transformar *o que é.*

5 de novembro de 1966.

OJAI — IV

A NATUREZA DO CONFLITO E DO ESFÔRÇO

DESEJO NESTA MANHÃ considerar vários problemas, submetê-los a um sério exame. Para se chegar a uma profunda compreensão dêsses problemas, necessita-se de abundante energia, não só física, mas também energia psicológica. Em geral, o indivíduo com saúde dispõe de suficiente energia física, do ardor necessário ao investigar; mas, muito mais difícil, quer-me parecer, é ter energia psicológica, a energia necessária para examinar atentamente, até o fim, qualquer questão, sem se deixar distrair em caminho. Para se ter essa abundância de energia é necessário compreender a natureza do conflito e do esfôrço. Estamos muito acostumados com êsse condicionamento representado pelo esfôrço. Tôda a nossa vida, do nascimento à morte, vemo-nos empenhados num esfôrço constante, numa luta interminável; e onde há luta, evidentemente, tem de haver desfiguração; onde há esfôrço, não há a lucidez necessária ao exame. Todo esfôrço implica tensão, o desejo de alcançar um certo fim, impossibilitando, por conseguinte, qualquer espécie de investigação, impedindo a compreensão, a penetração profunda. Como antes dissemos, o desejo de resultados baseia-se essencialmente no confôrto, no prazer, na satisfação. O que vamos considerar nesta manhã não exige esfôrço de nenhuma espécie. Só existe esfôrço quando há contradição, contradição interior, além da contradição exterior, sempre possível de compreender e, quiçá, transcender. Mas, há a contradição interior entre desejos opostos; e são êsses desejos os causadores do conflito — querer e não querer; o que *é* e o que *deveria ser*; o que *é* a ajustar-se

ao padrão do que *deveria ser*. Por essa razão, há sempre conflito. Aparentemente tudo isso faz parte de nossa vida diária. Da manhã à noite — desde a hora de levantar-nos, para trabalhar e lutar o dia todo, até a hora de deitar-nos — do nascimento à morte, empenhamo-nos nesse constante esfôrço; e, fazer esfôrço para se ficar livre do esfôrço, significa fazer *mais* esfôrço.

Nada se lucra em ficar meramente ouvindo uma longa série de palavras e de idéias. O que nos interessa é a compreensão do inteiro processo da vida, com tôdas as suas complexidades, suas agressões e aflições, suas tristezas, confusões, agonias. Para se compreender êsse vasto campo da vida, que é um movimento constante, cumpre não só ouvir palavras, mas também utrapassá-las; porque palavras, explicações, não representam o fato. Entretanto, a maioria de nós se deixa ficar na rêde das palavras. Elas nos são de enorme importância — tal a palavra "socialista", que para um americano ou comunista é uma coisa formidanda. Tão importante se tornou a palavra que, em primeiro lugar, vemos sempre a palavra e só depois vemos o fato. O que tem realidade é o que *é*, e não a palavra; e, para podermos ultrapassar a palavra, penso que temos também de compreender o quanto a mente está escravizada às palavras. O pensamento se expressa por meio de palavras. Pode-se pensar sem a palavra? Compreender sem a palavra? Para se compreender uma coisa totalmente, perceber o inteiro processo da vida, temos de estar livres da palavra — da palavra, do símbolo, da idéia, da conclusão. Pode-se então *olhar*; pode-se então escutar, e êsse ato de escutar é um verdadeiro milagre. Talvez o maior dos milagres. Escutar totalmente, sem opor defesas nem barreiras, sem concordar nem discordar. Isso não significa que a mente não esteja aberta: pelo contrário, ela se acha então num estado de extraordinária vigilância.

Como estávamos dizendo, a palavra não é o fato. Isso é dificílimo de perceber. O símbolo nunca é a realidade. As coisas que vamos considerar nesta manhã, repito-o, não requerem nenhum esfôrço. O que se requer é a total percepção do inteiro processo da vida, e para se perceber êsse fenômeno da vida, em seu todo, necessita-se de energia. Nega-se tal energia quando há impulso, esfôrço visante à consecução de algum fim.

Só quando vazia, a taça pode ser enchida. Só totalmente vazios, podem a mente e o coração compreender, viver. Mas, êsse estado de absoluto vazio não é um fenômeno negativo. Pelo contrário, constitui o mais alto grau de inteligência. É o amor em sua forma mais elevada — o estar-se tão completamente vazio que não haja a mais leve arranhadura de memória, uma só palavra, uma só conclusão, para desfigurar o percebimento. O que nesta manhã vamos examinar exige uma mente inteiramente isenta de mêdo. Portanto, é necessário, em primeiro lugar, compreender o mêdo, porque o que vamos considerar é o problema da morte. Para compreendê-lo, penetrá-lo profundamente, necessita-se de uma mente sobremodo sutil, sensível, vigilante, capaz de plena atenção. E, para se compreender êsse enorme problema com que o homem vem lutando desde o comêço dos tempos, impende estarmos livres do mêdo.

Há numerosas modalidades de mêdo: mêdo do escuro, mêdo da opinião pública, mêdo de acidentes físicos, mêdo à insegurança, mêdo à solidão, e, por derradeiro, o mêdo da morte. E o mêdo, como dissemos, está sempre em relação com alguma coisa; não existe isoladamente. Tenho mêdo de vós, ou vós tendes mêdo de mim; ou tenho mêdo de uma idéia; ou liguei-me a um certo movimento, no qual encontro confôrto e segurança, e temo seja destruída essa segurança, me seja roubado aquêle confôrto; temo perder o confôrto que me proporcionam minhas relações, meu emprêgo, meus ideais.

Há tantas formas de mêdo! E o mêdo é essencialmente um resultado do tempo. Ninguém teme o presente; temos mêdo do que irá acontecer ou do que aconteceu. Examinai isso, por favor. Não tendes de concordar com o orador (pois isso seria muito absurdo), mas procurar, por intermédio de suas palavras, conhecer o vosso condicionamento, vossas maneiras de pensar e de sentir.

O mêdo é produto do pensamento. O mêdo, em tôdas as suas formas, é a ação do pensamento vindo do passado, atravessando o presente, para o futuro. Tenho mêdo do que acontecerá, e tenho mêdo de algo que pratiquei no passado e que desejo ocultar. Assim, o pensamento, o mêdo, é o movimento do passado; e, se desejamos livrar-nos do mêdo, muito importa compreender êsse movimento do tempo, que é essencialmente processo de pensamento. O presente vivo de agora, a realidade,

resulta de ontem e de milhares de ontens; por conseguinte, não existe nenhum momento, ou *agora,* real. O momento, a realidade, é o resultado de ontem; êsse ontem, o resultado de inúmeros dias passados. O *agora* é o produto de ontem, em movimento para o futuro, para amanhã. O mêdo é êsse movimento do tempo — que é produto do pensamento. Quando me vejo diretamente em presença de algo perigoso, não há mêdo. Eu atuo — talvez desassisadamente, ignorantemente, mas há ação. Porém, se concedo tempo à coisa, se permito um intervalo, o pensamento entra em ação e, então, sinto mêdo.

Notai que não estamos fazendo psicanálise coletiva. Não estamos a analisar-nos reciprocamente, mas estou bem certo de que cada um de nós, em formas várias, teme. Tomai uma delas, trazei-a à luz (mas não a confesseis a mim, por favor!), trazei-a à luz e olhai-a. E a maneira como a olhais é de imensa importância. Vamos examinar esta questão, passo por passo.

Como disse, a maneira de olhar é de grande relevância. Primeiro, olhais o mêdo como algo que está fora de vós, algo que não é "vós", uma coisa situada no exterior? Sois o observador, e o mêdo uma coisa exterior a vós. Há esta dualidade, esta contradição: Eu não estou com mêdo, mas o mêdo existe, e tenho de vencê-lo. Preciso fazer alguma coisa em relação a isso que chamo "mêdo". Assim, o observador é diferente da coisa observada. Mas, *existe* diferença? Se examinardes, podeis ver que *não há* diferença. O observador *é* a coisa observada. Tende a bondade de seguir isto, passo a passo. O observador, que tem mêdo, diz que há mêdo. Êsse mêdo é uma coisa exterior a êle. Mas, para que o observador possa reconhecer que essa coisa exterior é mêdo, já deve tê-la conhecido antes; por conseguinte, o observador *é* a coisa observada. Não prosseguirei êste exame, porque por ora é suficiente o que já dissemos.

Sendo assim, uma vez que o observador, o pensador, é o pensamento, a coisa observada, todo e qualquer esfôrço com que vise a libertar-se do mêdo cria outro observador. Está êle, pois, aprisionado num círculo vicioso. Espero me estejais acompanhando.

O observador é o centro de coisas acumuladas: lembranças, experiências, conhecimentos, instrução; é o censor etc. Êste

centro está cônscio de algo existente fora de si, a que chama "mêdo", e faz um esfôrço constante para fugir, traduzir, transcender ou recalcar êsse mêdo. Quanto maior a tensão entre o observador e o fato — o mêdo — tanto maior o esfôrço, tanto maior o desejo de fugir, de ocultar; e quando a pessoa não pode fugir, torna-se neurótica, visto que a tensão se torna por demais intensa. Viver nessa intensa escuridão do mêdo é um estado de neurose. Mas, como já dissemos, quando o observador é a coisa observada — não uma idéia, porém o fato — não há esfôrço algum, porque já não há contradição. Eu *sou* o mêdo. E, que posso fazer? Segui, por favor, o que se vai dizer. O observador sempre atuou como se a coisa observada fôsse diferente dêle próprio; assim, êle podia agir. Mas, ao perceber que o observador é a coisa observada, cessa então tôda ação de sua parte e, por conseguinte, tôdo esfôrço; conseqüentemente, já não há mêdo.

Isso exige muita investigação, muita observação interior, passo por passo, sem se chegar a nenhuma conclusão. Por conseguinte, deve a mente achar-se num estado de extraordinária vigilância, sensibilidade, presteza. E, quando não existe mêdo, porque o observador é a coisa que êle objetivou como "mêdo", já não há aquela ação positiva — o fazer alguma coisa em relação ao mêdo. O observador é então a coisa observada. Êsse é um estado de completa inação; e essa inação total é a mais alta forma de ação.

Não há, pois, esfôrço nenhum. Só a mente embotada, a mente que está "comprometida", a mente que está a alcançar ou não alcançar os seus fins, só essa mente se acha em perene batalha e luta; só ela faz esfôrço. Êsse esfôrço, essa luta é considerada a "maneira positiva" de viver. É a maneira *mais prejudicial* de viver. Naquela total inação, existente quando o observador compreende que êle próprio é a coisa observada, há uma ação não produzida pelo esfôrço. Detenhamo-nos aqui, por ora. Espero estejais compreendendo mais ou menos.

Passemos agora a examinar a questão da morte — o que é a morte. Três coisas precisam ser compreendidas: o viver, o amor e a morte. Elas são inseparáveis. Não se pode separar a morte do amor e do viver. Para nós, o viver, nas atuais condições, é tortura, aflição, sofrimento, uma coisa sem signi-

ficação. Quanto mais inteligente, quanto mais sensível a pessoa, quanto mais ativa, intelectual e emocionalmente, tanto melhor percebe que a vida é inteiramente sem significação. E, conseqüentemente, inventamos, "projetamos" para ela um significado, de acôrdo com o qual procuramos viver. Isso, absolutamente, não é viver. Portanto, importa compreender o que é viver. Viver não é esta batalha entre entes humanos; não é a batalha da competição, das raças, da ambição etc. — não há necessidade de entrarmos em muitos pormenores. Ninguém ignora o que é a vida: tortura, sofrimento, aflição e confusão infinitas; isto é o que chamamos "viver". E o amor, como vemos, é acompanhado do ciúme, da desconfiança, da agressão, da violência; por conseguinte, não sabemos também o que é o amor. E muito evidentemente não sabemos o que é a morte, porque lhe temos horror. Não gostamos de falar nela. Falamos muito a respeito do viver, do amor; mas a morte é assunto que procuramos evitar, afastar de nós. Não gostamos de falar sôbre ela; e, quando falamos, é para racionalizá-la. Ou, em razão de nossos temores, inventamos crenças que nos proporcionam consôlo: ressurreição, reencarnação, e inumeráveis outras formas de fuga àquele fato extraordinário e misterioso que se chama "a morte". No mundo inteiro, as religiões têm oferecido ao homem a esperança — em verdade uma esperança essencialmente falsa. Nas antigas civilizações, as pessoas viviam para morrer. Para elas, a morte era muito mais importante do que o viver. Mas, à geração atual, à atual civilização, interessa o viver e não aquela "outra coisa". E êsse viver é uma tortura, com uma ocasional centelha de afeição, de amor e beleza. Assim, se não há compreensão do viver, e se não há compreensão do amor, não há possibilidade de compreender o que é a morte. Compreendê-la não intelectual ou emocionalmente — sem fugir dêsse fato que tem de realmente acontecer e, portanto, precisa ser compreendido, sentido — é a coisa mais importante que temos de fazer. Vamos agora examinar êste ponto.

Notai, mais uma vez, que a palavra não é a coisa; a explicação que vamos dar também não é a coisa. Se a "coisa" não se verificar, não se "realizar", a explicação nenhuma significação terá. Se a considerardes como mera exposição de uma idéia, nenhum valor terá. Já há tantas idéias, tantos livros publicados tôdas as semanas, às dezenas de milhares! Não

acrescenteis mais uma idéia às que já tendes. Como dissemos, só a mente que está vazia pode ver e pode agir totalmente.

Em primeiro lugar, temos o fato da morte física. O corpo, sujeito a constante uso e tensão etc., cede, sucumbe, morre. Morre também de acidente, de doenças resultantes da vida moderna. Fìsicamente, poderão descobrir-se medicamentos, regimes dietéticos etc., que lhe dêem mais uns cinqüenta anos; mas o fim é inevitável. Como todo organismo, êle tem de chegar a seu fim, e seria desejável mantê-lo o mais tempo possível em bom estado de saúde. Mas, há um fato muito mais profundo, um ponto muito mais fundamental, nesta questão da morte: o findar psicológico. O EU, a experiência acumulada como ente humano, com todos os seus conhecimentos, tôdas as coisas aprendidas e acumuladas, tôda espécie de lembranças carinhosamente conservadas ou desprezadas, repelidas — tudo isso constitui o EU, o EGO, a PESSOA, e êsse é o centro, o centro psicológico que tememos perder.

Não sei se já investigastes êsse centro (não apenas o que temos dito acêrca da tradição, da herança racial, da educação etc.). Êsse centro nada tem de divino, não é nenhuma dessas coisas que o homem veio inventando pelos séculos afora — *Atman,* "Eu Superior", alma — e que são uma repetição, em palavras diferentes, da idéia de que existe algo de supremo dentro de cada um de nós. Um comunista chamaria essas coisas "pura bobagem". Os que nelas crêem, a elas se apegam como se fôssem verdades eternas. Mas, examinando-se aquêle centro, vê-se que é uma mera idéia, pensamento, memória, mero feixe de experiências e respectivas reações.

Examinemo-lo com todo o vagar. Não me chameis ateísta, isto ou aquilo. Estamos examinando.

Aquêle centro é um resultado do tempo e, como todo centro, cria espaço ao redor de si. Êste microfone existe no espaço e cria um espaço em tôrno de si; isso é bastante simples. E há o centro representado pelo EU, a criar espaço em redor de si. Êsse espaço pode dilatar-se consideràvelmente, expandir-se, contudo, onde há um centro, há sempre limites. Dentro dêsses limites não pode haver nenhuma espécie de liberdade. Ainda que essa consciência dotada de um centro possa expandir-se, por meio de vários artifícios mentais, drogas etc., nesse espaço criado pelo centro *não há* liberdade. A

morte, para a maioria de nós, representa a perda dêsse centro, não é verdade? — perda das coisas conhecidas: minha família, meus amigos, tudo o que tenho acumulado. O centro é o conhecido, e a morte uma coisa que desconheço de todo. O que me aterroriza é a perda do conhecido; não é o desconhecido. E perder o conhecido significa ficar inteiramente só; ver-se completamente só, num vácuo. É disso que temos mêdo. E por causa dêsse mêdo buscamos a fuga por várias maneiras, temos um verdadeiro sistema de fugas; e quanto mais romântico e espiritual o indivíduo — não sei bem o que significa "espiritual" — tanto mais fantásticas as suas idéias.

Ora, é possível pôr fim àquele centro, todos os dias — quer dizer, sem primeiro acumulá-lo, para depois abandoná-lo: morrer para êsse centro, em cada dia, em cada minuto? Êsse centro é constituído de experiências e conhecimentos. A vida é um processo de experiência de constante "desafio e reação"; e, quanto mais inadequada a reação, tanto maior o conflito. A não ser que a pessoa seja altamente esclarecida, inteligente e sensível, o que a mantém desperta é a experiência, o desafio. Mas, nós temos de receber cada experiência e dela não conservar posteriormente o mais leve vestígio. Está claro? Tendes uma experiência, agradável ou desagradável, perigosa ou aprazível; deveis receber essa experiência, compreendê-la e, imediatamente, morrer para ela, para que não fique nenhuma lembrança a constituir um centro conservador daquela experiência. Isso nós fazemos algumas vêzes naturalmente. Mas, estar tão intensamente vigilante, sem escolha, de modo que cada experiência seja totalmente assimilada, compreendida e dissolvida, isto requer uma grande abundância de energia, vale dizer, atenção. Morrer todos os dias para todos os prazeres, todos os pensamentos, tôda espécie de acumulação — isso renova a mente e o coração e a vida deixa de ser uma tortura.

Morrer todos os dias para tudo o que conhecemos — é amar. De outro modo, é impossível amar. O amor não é uma coisa cultivável. É como a humildade: tão logo se começa a cultivá-la, ela passa a ser um manto da vaidade. Só no morrer para tudo, para tôdas as experiências, se encontra o viver. Porque o viver é um movimento sempre nôvo, nôvo em cada minuto do dia, "inocente"; e morrer para o passado significa viver *totalmente,* numa dimensão inteiramente nova.

Talvez, se tendes interêsse, possamos agora, por meio de perguntas, penetrar mais fundo nesta matéria ou reformular o que estivemos dizendo nesta manhã.

INTERROGANTE: Qual a entidade que tem o poder de observar a mente?

KRISHNAMURTI: Senhor, se antes de tudo percebemos que o observador é a coisa observada — uma das coisas mais extraordinárias, uma vez percebida — então, nesse estado de atenção, não há observador nem coisa observada. Eu me explico.

Olhai para aquêle carvalho; olhai-o *realmente*. Vós sois o observador, e o carvalho a coisa observada. Há um espaço entre vós e o objeto — a árvore. Nesse intervalo ou espaço está o tempo — o tempo de que se precisa para ver o objeto. O objeto é sempre estático; e o que é estático — quando observado — é tempo.

Pois bem; o observador está a observar a árvore. Naquele intervalo, naquele espaço, criam-se idéias de tôda espécie: "Aquela árvore é um carvalho", "Gosto", "Não gosto", "Quem me dera tê-la em meu jardim", "Preferia que ela fôsse 'isto' ou 'aquilo'" — dúzias de coisas diferentes, que me impedem de ver realmente o fato — a árvore — vê-lo em sua totalidade; porque minha atenção é desviada pelas palavras, pelo nome, pelos conhecimentos botânicos que tenho a respeito da árvore. Essa distração me impede de olhar realmente a árvore. Quando já não estamos a dar nome, quando o pensamento já não funciona na forma de conhecimento relativo à árvore, há então algum espaço entre vós e a árvore? Então — se penetrardes e observardes profundamente tudo isso — vereis que o observador é a coisa observada — o que não significa que o observador se identifica com a árvore. É bem de ver que a identificação do observador com a árvore é uma coisa perfeitamente absurda. O observador não se torna árvore.

INTERROGANTE: Não observais o vácuo?

KRISHNAMURTI: Meu caro senhor, examinai isso; examinai-o; não perguntei nada. Examinai o fato. Olhai aquela flor. Alguma vez já olhastes uma flor? Ou apenas a olhais, lhe dais um nome, e passais adiante? Ou dizeis "Que bela! Vou cheirá-la"? Tudo isso são ações que vos distraem e vos impedem de olhar a flor. Assim também os entes humanos que se conhecem e nunca se olham, têm as respectivas imagens um do

outro, e essas imagens é que estão em relação entre si. O observar claramente uma coisa — e mui poucos o fazem — não exige esfôrço algum: estar-se tranqüilamente sentado, numa tarde, quando se dispõe de tempo e de folga, e olhar uma flor, olhar a si próprio, olhar o movimento dos próprios pensamentos e sentimentos e reações; estar simplesmente a observar, sem escolha — isso é o começo do autoconhecimento. E sem êsse autoconhecimento, ver-se-á o homem num estado de perpétua confusão e aflição. Quando o observador é a coisa observada — isso só se torna possível quando há atenção total, e não atenção fragmentária. Essa atenção pode durar um segundo ou um minuto; mas, o desejo de mantê-la torna-a desatenção.

Perguntar o que é o observador, qual o estado da mente quando não há observador, quando o observador é o objeto observado, formular em palavras o que é aquêle estado, é negá-lo. Uma pessoa não pode comunicar algo que outra não conhece, não descobriu. E a fazer-se tal comunicação (que é impossível), logo se quereria alcançar aquela coisa, dir-se-ia: "Ensinai-me o método de alcançá-la" — e estar-se-ia no caminho errado...

INTERROGANTE: Senhor, o que me impede de ver a árvore é o EU, e percebo que tenho de dispor-me a renunciar ao EU, abandoná-lo, soltá-lo, antes de poder ver a árvore. Não é isso que dizeis?

KRISHNAMURTI: Qual a entidade que vai renunciar?

INTERROGANTE: O EU.

KRISHNAMURTI: Senhor, o EU não pode renunciar a si próprio. O que pode fazer é só ficar quieto; mas, não poderá ficar quieto, sem a compreensão da inteira estrutura e significado de si próprio. Ou se compreende essa estrutura e significado total e imediatamente, ou não se compreende em absoluto. Êsse é o único caminho; não há outro caminho. Se disserdes "Eu me exercitarei e gradualmente farei que o EU morra" — se assim fizerdes, caireis numa armadilha diferente, que é o mesmo EU.

INTERROGANTE: Se observo uma árvore na maneira como descrevestes, isto é, de modo que o observador seja a coisa observada, a árvore continua existente.

KRISHNAMURTI: É claro, senhor.

INTERROGANTE: Se observo o mêdo da mesma maneira, êle não continuará também existente?

KRISHNAMURTI: Não. Vêde, em primeiro lugar, que eu não desejo livrar-me do mêdo, porém compreendê-lo. Para compreender uma coisa devo ter interêsse nela; tenho de amá-la; tenho de cuidá-la, e se digo "Preciso libertar-me dela", essa é a maneira mais insensata de agir. Porque eu tenho de compreender a natureza do mêdo; e, para compreendê-la, tenho de olhar o mêdo; mas não posso olhá-lo se digo que preciso, que desejo libertar-me dêle, ou recalcá-lo, ou sublimá-lo. Tenho de olhá-lo realmente, pôr-me em contato com êle, não através de uma palavra, porém diretamente em contato com o fato, com o que realmente *é*.

INTERROGANTE: Dissestes que, estando a mente e o coração vazios, pode-se compreender realmente. Mas, como esvaziar o coração?

KRISHNAMURTI: Como pode a mente — essa mente tão repleta de coisas e tão tagarela — como pode a mente esvaziar-se? Receio que não haja nenhuma maneira de fazê-lo. Qualquer método é a coisa menos prática que há. Sei que se crê que, seguindo-se um método, êle nos ajudará a clarificar a mente. Pelo contrário. Todo método produz seus resultados próprios, mas não liberta a mente das tradições e conhecimentos nela acumulados. Eis por que eu disse, no comêço, que o importante é *escutar*. O escutar requer atenção, um certo elemento de afeição que possibilite a comunhão. Vereis então que, sem esfôrço algum, aquilo se realiza (o esvaziar da mente).

INTERROGANTE: Na solidão se encontra, às vêzes, a claridade; mas, no convívio com pessoas, encontra-se o caos. Podeis dizer alguma coisa a êste respeito?

KRISHNAMURTI: Quando estamos sós, encontramos, às vêzes, clareza. Só no contato com pessoas nos tornamos confusos — diz o interrogante. Infelizmente, nem sempre podemos viver sós; e o viver *só* exige o mais alto grau de inteligência. Viver *isolado* é relativamente fácil; nesse estado, podemos desenvolver nossas idiossincrasias, características, tendências, cristalizar-nos, solidificar-nos etc. Mas, o viver *só* requer imensa sensibilidade e inteligência. Sensibilidade... ser sensível é ser inteligente; nesse estado há clareza. "E não é possível", indaga

o interrogante, "viver neste mundo com pessoas, no escritório etc., nesse "estado de só", nessa claridade?" — Certamente que *é* possível. Mas... desejais que se vos *dê* tudo; tomar uma pílula e tudo ficar resolvido. Tão acostumados estamos a que nos digam o que devemos fazer, que endeusamos a autoridade e perdemos, de todo, a capacidade e a intenção de descobrir as coisas por nós mesmos. Em nossas palestras, aqui, não há instrutor, não há método, não há prática: só há percepção do que *é*. Quando há essa percepção, o problema está resolvido.

INTERROGANTE: Que significação têm, para o viver, a fé e a esperança?

KRISHNAMURTI: Espero não me considereis rude, se respondo que não têm significação nenhuma. Já tivemos a esperança; já tivemos a fé — fé na igreja, fé na política, fé nos guias e líderes, fé nos *gurus* — porque desejávamos alcançar um estado de bem-aventurança, de felicidade etc. E a esperança sempre nutriu essa fé. E, se observamos a História, a nossa vida, vemos que aquela esperança e aquela fé nada significam, pois o importante é aquilo que somos, o que realmente somos, e não o que *pensamos ser* ou pensamos que *deveríamos* ser: aquilo que realmente *é*. Se soubermos olhar *o que é*, isso operará uma extraordinária transformação.

INTERROGANTE: Se ocasionalmente temos a possibilidade de ter clareza, mesmo vivendo em família, como fazer nossos filhos viverem em harmonia? Deve haver alguma maneira de ajudar os jovens a viver em paz; o mesmo em relação às nações.

KRISHNAMURTI: Pergunta o interrogante: "Como educar nossos filhos?". O educador tem de ser educado antes. A educação atribui desmedida importância à tecnologia, à aquisição de saber, desprezando o campo total da vida. Dêle cultiva uma parte insignificante, desprezando todo o campo do amor, do pensamento, da morte, da ansiedade. É isso que se chama "educação". Mas, é possível educar de maneira diferente, levando-se em conta todo o campo da vida? Só é possível quando o educador sente também interêsse nisso. Um tal educador é uma entidade rara, na família ou na escola.

6 de novembro de 1966.

OJAI — V

MEDITAÇÃO

UM DOS MAIORES problemas de nossa vida é êste, que, sabendo-se que nossa mente está sujeita a deteriorar-se, a declinar com a idade, ou mesmo na juventude; que, com nossos conhecimentos especializados, ignoramos todo o resto do imenso e complexo campo da vida — um dos maiores problemas, dizia eu, é descobrir se há possibilidade de sustar essa deterioração, para que a mente seja sempre nova, juvenil, lúcida, decidida. É possível deter êsse declínio?

Desejo nesta tarde, se me permitis, examinar êste ponto. Porque, para mim, a meditação é o ato de libertar a mente do conhecido; e, para investigar esta questão realmente importantíssima, devemos, assim me parece, conhecer ou perceber todo o mecanismo da formação da imagem que cada um tem de si ou de outro; não só perceber o mecanismo criador dessas imagens, mas perceber também a maneira como estamos sempre acrescentando tais imagens. Pois essas imagens gradualmente se cristalizam, se solidificam, ao passo que o todo da vida é um movimento constante, um constante fluir. Essa cristalização, êsse processo de solidificação da imagem, é o fator central da deterioração.

À medida que nos tornamos mais velhos, percebemos que estamos levando uma enorme carga de experiências, de ressentimentos, tensões, conflito, desespêro, e que nossa vida é tôda um "processo" de competição. Êsses fatôres e outros acarretam a insensibilidade das células cerebrais. Isso cada um pode

perceber, à medida que se vai tornando mais velho. E percebemos também, quando ainda bem moços, que a mente, educada para uma dada especialidade, na qual se concentra inteiramente, evitando tôda a amplidão da vida, torna as células cerebrais estreitas, diminutas. Ignorar o movimento total da vida — é nisso que consiste a moderna educação, a moderna maneira de viver. Não só os jovens, mas também os de maior idade, podem perceber isto: que a penetração, a clareza, a precisão, a capacidade de pensar impessoalmente, de olhar a vida não ùnicamente de um certo centro — declinam. Não importa se êsse centro é nobre ou ignóbil; é um centro que cada um estabeleceu para si próprio e do qual decorre, gradualmente, a cristalização de tôdas as células cerebrais. Declina todo o processo mental, e a pessoa já está então madura para o túmulo.

Apresenta-se, assim, a questão: Há alguma possibilidade de deter êsse processo de declínio do cérebro e da mente, do todo, da entidade total? E, ainda, é possível manter a psique e o corpo sumamente ativos, alertados, enérgicos etc.? Esta me parece uma questão muito importante, um desafio ao descobrimento.

Pois bem; o exame não só verbal, mas também não verbal, desta matéria, é meditação. Esta é uma palavra de que se tem usado e abusado. Há inúmeros métodos de meditação, principalmente importados da Ásia: a meditação segundo o Zen, segundo o Hinduísmo, e outras dúzias de variedades de meditação. Se compreendermos qualquer uma delas, compreenderemos a totalidade dos sistemas e modos de meditação. Mas o ponto central que vamos considerar, em conjunto, é se a mente pode rejuvenescer, tornar-se vigorosa, nova, destemerosa. Se dizemos que não pode, estamos então, em verdade, barrando o caminho a nós mesmos. Todo exame cessa quando o declaramos impossível — e também quando dizemos que *é* possível. Tanto a asserção de que *não* é possível, como o dizer-se "Isso *é* bem possível" — tanto uma como a outra me parecem descabidas, verdadeiras barreiras a todo e qualquer exame. Entretanto, permanece de pé o fato de que, à medida que envelhecemos, nossa mente declina. Declina porque o processo de pensar, a estrutura do cérebro, todo o "processo" que constitui a mente, é, em sua totalidade, um fator de conflito, de luta e constante tensão, e de autocontradição.

Deixai-me agora assinalar a conveniência de verificarmos como estamos ouvindo o que se está dizendo, pois não estamos aqui interessados em idéias. Podemos seguir pela vida munidos de inumeráveis idéias e sempre a acrescentá-las, escrevendo a seu respeito, lendo a respeito delas. Têm-se escrito montes de volumes acêrca do pensamento, de seu processo etc. etc., e os psicólogos estão constantemente a fornecer-nos teorias, dados estatísticos etc. Viemos aqui para ouvir uma série de palavras, frases ou idéias? Ou estamos *escutando,* observando o verdadeiro estado de nossa mente? Considero isso muito importante, tanto mais porque se trata de algo que transcende tôda argumentação, tôdas as opiniões, inclinações ou pontos de vista pessoais. O fato é a deterioração; e considerar essa deterioração, procurando interpretá-la, transcendê-la, segundo nossas inclinações pessoais, nosso temperamento etc., é uma maneira muito superficial de agir. Mas, se observamos êsse fato assim como observamos uma árvore, o pôr do Sol, a luz refletida n'água, os contornos das montanhas distantes, se observamos simplesmente o processo que realmente se está verificando em cada um de nós, podemos então continuar juntos a viagem. Se isso não vos fôr possível, encontrareis buracos no caminho e não poderemos prosseguir juntos.

Tudo isso exige uma atenção constante, não de dois ou três minutos, porém em todo o decorrer desta hora. Se pudermos manter-nos vigilantes e atentos não só ao que se está dizendo, mas também relacionando-o com nossas atividades interiores, êsse escutar tem então um efeito extraordinário. Mas, se ficardes meramente a ouvir idéias ou palavras, vos limitareis então a guardar tal ou tal idéia, a aceitar tal ou tal opinião. Não nos interessam opiniões. Elas só podem servir para dissertações dialéticas. E nós estamos tratando de coisa inteiramente diferente. Estamos interessados no processo total do viver; êsse processo, como se pode observar, está sempre a criar imagens a respeito de nós mesmos e de outros — imagens que se formam através da experiência, através de conflito. A essa imagem ora se adiciona, ora se subtrai algo, mas o fator central daquela energia criadora das imagens é constante. Temos alguma possibilidade de superá-lo? Estamos cônscios da existência, dentro em cada um de nós, de uma imagem de nós mesmos, consciente ou inconsciente? Quer

dizer, uma pessoa pode ter de si a imagem de uma entidade superior ou de um ente sem capacidade, ou de uma entidade agressiva, orgulhosa — enfim, tôdas as nuanças e sutilezas de que pode constituir-se tal imagem. Sem dúvida nenhuma, cada um possui essa imagem de si próprio. Temo-la mesmo em plena juventude (pois a idade nada tem que ver com isso) e, com o passar dos anos, ela se vai consolidando e cristalizando cada vez mais... até não haver mais remédio.

Estamos cônscios dessa imagem? Se estamos, *quem* é a entidade que se torna cônscia da imagem? Compreendeis? A imagem é diferente de seu criador? Porque, a menos que êsse fato seja bem compreendido, não ficará claro o que a seguir vamos dizer.

Entendeis? Posso ver que tenho uma imagem de mim mesmo: sou isto e sou aquilo; um grande homem ou um homem insignificante; meu nome é conhecido ou desconhecido, enfim tôda a estrutura verbal e não verbal que se ergue em tôrno de mim, consciente ou inconscientemente. Percebo que essa imagem existe, se presto atenção, se me ponho vigilante. E o observador que a percebe sente-se diferente dela. Não é isso o que está ocorrendo? Espero estar-me explicando claramente. E o observador começa então a dizer, de si para si, que a imagem é o fator responsável pela deterioração e que, portanto, terá de destruí-la, a fim de alcançar um resultado superior — rejuvenescer a mente etc. — Compreendendo que essa imagem é o fator central da deterioração, faz um grande esfôrço para libertar-se dela. Estais-me acompanhando? Êle (o observador) luta, explica, justifica, acrescenta; esforça-se para transformá-la numa imagem melhor; transfere-a para uma dimensão diferente, uma diferente parte do campo a que chama "vida". O observador, pois, ou se empenha em destruir a imagem, ou em acrescentá-la, ou ultrapassá-la. É o que estamos fazendo a tôdas as horas. E nunca nos detemos para investigar se o observador não é o criador da imagem e, por conseguinte, êle próprio a imagem. Assim, uma vez compreendido — não verbal porém realmente — êsse fato, isto é, que o observador é o criador da imagem e, com sua ação, não só destrói a imagem que então tem de si próprio, mas também cria outra imagem e continua a criar imagens, indefinidamente, lutando, esforçando-se, controlando, alterando, ajustando; uma vez claramente

compreendido que o observador é a coisa observada, cessam todos os esforços para alterar ou transcender a imagem.

Esta questão exige muita penetração e atenção; não se trata apenas de aceitardes uma explicação, porquando a explicação, a palavra, não é o fato. E essa compreensão, compreensão do fator central, elimina todo o esfôrço. Muito importa perceber isso. O esfôrço, a luta, em diferentes sentidos, física ou psicològicamente, na forma de competição, ambição, agressão, violência, orgulho, ressentimentos acumulados etc., é um dos fatôres da deterioração. Assim, ao perceber-se que o observador é o criador de imagens, todo o nosso processo de pensar passa por uma enorme mudança. E, portanto, a imagem é o conhecido, não? Podeis não estar cônscios dela; podeis não estar cônscios de seu conteúdo, de sua forma, de suas peculiares nuanças, sutilezas — mas essa imagem, quer dela estejamos cônscios, quer não, se encontra no campo do conhecido.

Talvez possamos posteriormente examinar e resolver esta questão. Por enquanto, continuaremos com o que estávamos dizendo. Enquanto a mente, em seu todo — ou seja, a mente, o cérebro e o corpo — estiver funcionando no campo da imagem, que é o conhecido — do qual podemos estar cônscios ou não — nesse campo estará sempre o fator da deterioração. Não deveis aceitar isso como uma idéia a cujo respeito ireis refletir calmamente em casa (o que, de qualquer maneira, não ides fazer). Aqui estamos trabalhando juntos, examinando juntos a matéria. Portanto, tratai de compreendê-la agora, e não depois de voltardes para casa. "Tomei notas", dizeis, "e compreendi o que se disse; agora vou refletir". Por favor, não tomeis notas, porque isso é de todo inútil.

O problema é se a mente — que é resultado do tempo, psicológico e cronológico, resultado de milhares de experiências, de inúmeras tensões e pressões, do conhecimento técnico, da esperança, do desespêro, de tudo por que passa o ente humano, das inúmeras formas de mêdo — o problema é se a mente funciona sempre dentro dêsse campo, dêsse campo do conhecido. Emprego a palavra "conhecido" compreendendo, inclusivamente, o que pode existir dentro daquele campo e que ainda não observastes; isso também é o conhecido. É êsse o campo em que a mente funciona: sempre o campo do conhecido. O conhecido é a imagem criada pelo intelecto ou por

pensamentos sentimentais, emocionais, românticos — pensamentos de tôda espécie. Enquanto suas atividades, seus pensamentos, seus movimentos estiverem confinados no campo do conhecido (onde se processa a criação das imagens), é inevitável a deterioração, não importa o que se faça. Temos, assim, a questão: É possível esvaziar a mente do conhecido? Entendeis? Está claro isto? — Não importa!

Essa pergunta — se é possível livrar-nos do conhecido — já deve ter sido feita, vagamente ou com um propósito definido, porque todos sofremos, temos ansiedades e vagos pressentimentos dessa possibilidade. Estamos agora a fazê-la como uma pergunta que tem de ser respondida, como um desafio a que se tem de reagir — não um desafio exterior, porém um desafio interior, psicológico. Vamos averiguar se há possibilidade de esvaziar a mente do conhecido. Já expliquei o que entendo por "conhecido".

Agora, quanto ao processo de esvaziar a mente: Êsse esvaziar da mente é meditação. Temos, pois, de examinar, de explicar um pouco esta questão da meditação. Todos os asiáticos são condicionados por essa palavra; as pessoas tidas por religiosas, por sérias, estão condicionadas por essa palavra, porque esperam, por meio da meditação, descobrir algo que *não é,* uma coisa fora da mera existência diária. E, para descobrir isso, têm vários sistemas, altamente sutis, como por exemplo o Zen, ou grosseiros: disciplina, coerção, flagelação; ou ficar-se observando com uma atenção tremenda o dedão do pé, os seus movimentos etc. etc. Também dêsse chamado sistema de meditação faz parte a concentração, o fixar da mente numa idéia ou num pensamento, num símbolo etc. Isso todo escolar faz, ao ler um livro que o obrigam a ler. Não há muita diferença entre o estudante, na escola, e aquêle pensador profundo que faz tremendos esforços para concentrar-se numa idéia ou numa imagem e por êsse meio espera descobrir alguma realidade.

Há, também, várias maneiras de o indivíduo estimular, forçar, impulsionar a si próprio a alcançar um ponto de onde possa ter uma visão da vida completamente diferente; e isso significa expandir a consciência mais e mais, por meio da vontade, do esfôrço, da concentração. Pelo expandir dessa consciência, espera-se chegar a um estado ou a uma dimensão dife-

rente, ou alcançar um ponto inacessível à mente consciente. Ou tomam-se drogas de tôda espécie, inclusive a mais nova, L.S.D. etc. etc. Esta constitui um poderoso estimulante de todo o organismo físico. E tem assim a pessoa experiências extraordinárias, a poder de estimulantes, de concentração, disciplinas, rigorosos jejuns. Se ela jejua por alguns dias, vê coisas peculiares — verdadeiramente peculiares. E quando toma drogas, estas tornam o corpo, momentâneamente, altamente sensível; vêem-se côres fantásticas, dantes nunca vistas. Tudo se vê com enorme clareza; não há espaço entre a pessoa e a coisa que ela vê. E isso se faz, de maneiras diferentes, em todo o mundo: repetição de palavras, como na Igreja Católica, rezas que acalmam um pouco a mente, a tornam quieta; como se vê, meros truques. Se a pessoa fica a repetir e a repetir certas palavras, é claro que a mente se embota e adormece; e pensa-se que isso é uma mente muito tranqüila! (*Risos*) Por favor!

Há vários sistemas de quietar a mente — tanto na Ásia, que inclui a Índia, como na Europa. A pessoa submete-se a extraordinárias torturas, para quietar a mente. Entretanto, a mente pode ser quietada de maneira muito simples, tomando-se um tranqüilizante, uma pílula que torna a pessoa aparentemente muito desperta, porém calma. Mas, isso não é meditação. Pode ser varrido para o lado, ainda que tenhamos feito votos a êsse respeito; e espero que, enquanto aqui estais a ouvir-me, jogueis tudo isso fora, porque vamos tratar de uma coisa muito mais profunda do que essas invenções de indivíduos muito inteligentes que tiveram certas experiências peculiares etc. etc. Já tendo examinado essas coisas, não detalhada porém suficientemente, podemos, com efeito, pô-las tôdas à margem. Porque, quanto mais se pratica uma disciplina, tanto mais embotada e mecânica a mente se torna; e essa mecanização, essa rotina, tornam a mente um tanto quieta, mas nessa quietude não há forte energia e compreensão.

Tendo afastado essas coisas infantis e totalmente absurdas — ainda que produzam extraordinários resultados — podemos passar a investigar se há alguma possibilidade de libertar a mente do conhecido — não só do conhecido de milhares de anos, mas também do de ontem, vale dizer, libertar a mente da memória. Mas, isso não significa esquecer-nos do caminho de nossa casa ou da tecnologia. Isso evidentemente temos de

conservar. São coisas essenciais ao viver. Mas, estamo-nos referindo a algo existente num nível muito mais profundo; nesse nível, a imagem, que é o conhecido, está sempre a atuar, a funcionar. Queremos saber se é possível libertar a mente dessa imagem e de seu criador, o observador. E êsse "esvaziar" do conhecido é meditação. Vamos examinar isso um pouco mais. Não sei se tendes a energia ou capacidade de atenção necessárias a esta penetração.

Pode-se ver muito claramente que só há compreensão, ação, quando a mente está totalmente quieta. Isto é, digo que compreendo ou que vejo uma coisa com muita clareza quando a mente está de todo silenciosa. Dizeis-me algo que me agrada ou desagrada. Se me agrada, presto alguma atenção; se não, nenhuma atenção lhe dou. Ou eu ouço o que estais dizendo e traduzo-o de acôrdo com minha idiossincrasia, minha inclinação, justificando etc. etc. Não o escuto, absolutamente. Ou me oponho ao que dizeis, porque tenho uma certa imagem de mim mesmo, e essa imagem reage. Espero me estejais acompanhando.

Dessarte, eu não ouço nem escuto. Oponho objeções; discordo; torno-me agressivo. Mas tudo isso, evidentemente, me impede de compreender. Eu desejo compreender-vos. Entretanto, só posso compreender-vos se nenhuma imagem tenho de vós. E, se me sois completamente desconhecido, um estranho, nenhum interêsse tenho no que dizeis; não desejo, sequer, compreender-vos, porquanto estais completamente fora da órbita de minha imagem: não estou em relação convosco. Mas, se sois um amigo, um parente, meu marido, minha mulher etc., tenho a respectiva imagem; e a imagem que de mim tendes e a que tenho de vós — essas imagens estão em relação entre si. Tôdas as nossas relações se baseiam nisso. Vê-se muito claramente que é só quando a imagem não interfere — imagem na forma de conhecimento, pensamento, emoção etc. — que posso olhar, que posso ouvir, que posso compreender. Isso ocorre com todos nós. Quando, após discutir, argumentar, demonstrar etc., a vossa mente se torna de súbito quieta e percebeis o fato, dizeis: "Agora sim, compreendi!" — Essa compreensão é ação, e não idéia.

Há, pois, compreensão, e uma ação de significado diferente daquela que conheceis, ou seja a ação da imagem, do

conhecido. Estamos falando de uma compreensão que é ação e que só se verifica quando a mente está de todo quieta. Só há compreensão e ação quando a mente *está* totalmente quieta; e essa mente quieta, tranqüila, não resulta de nenhuma espécie de disciplina ou esfôrço. Òbviamente, se há esfôrço, trata-se do esfôrço que a imagem faz para transcender a si própria e criar outra imagem. Sabeis de quantos artifícios ela se serve. Vê-se que só há compreensão e ação quando a mente está quieta; e essa quietação não é provocada, nem "projetada", nem criada mediante cuidadosa e solerte reflexão. E a meditação — que se pode praticar sentado num ônibus, andando na rua, lavando pratos ou noutra ocupação qualquer — a meditação nada tem que ver com a maneira de respirar, nem com as posturas do corpo. Isso já pusemos à margem há muito tempo — tôdas essas infantilidades.

Quando o observador é a imagem e, por conseguinte, nenhum esfôrço se faz para alterar ou aceitar a imagem, e só existe o fato — *o que é* —, então a observação dêsse fato opera a radical transformação do próprio fato. Isso só pode verificar-se quando o observador é a coisa observada. Não há nada de misterioso nisso. O mistério da vida está acima de tudo isso — da imagem, do esfôrço, da atividade centralizada, egocêntrica, subjetiva. Existe um imenso campo e, nêle, uma certa coisa que jamais pode ser encontrada através do conhecido. E o "esvaziar" da mente só pode verificar-se não verbalmente, quando não há observador nem coisa observada. Tudo isso exige intensa atenção e percebimento, que não é concentração.

Concentração é esfôrço: focar a mente numa determinada página, idéia, imagem, símbolo etc. Concentração é processo de exclusão. Dizeis ao aluno: "Não olhes pela janela; presta atenção ao livro!" — Êle deseja olhar para fora, mas força-se a olhar para a página; e, assim, há conflito. Êsse constante esfôrço para concentrar-se é um processo de exclusão, o qual nada tem em comum com o percebimento. Há percebimento quando a pessoa observa (e isso qualquer um pode fazer) não só as coisas exteriores, a árvore, o que dizem os outros, o que ela própria pensa etc., mas também quando observa interiormente, sem escolha. Quando observa simplesmente, sem escolha alguma. Porque a pessoa só escolhe quando há confusão, e não quando há clareza.

Só há percebimento quando não há escolha; ou ao estarmos cônscios de tôdas as escolhas e desejos contraditórios e da tensão respectiva: no observarmos todos os movimentos da contradição. Quando se sabe que o observador é a coisa observada, não há nesse processo escolha alguma, porém, tão-só, observação do que *é*, e isso difere inteiramente da concentração. Êsse percebimento produz uma atenção de tal qualidade que não há observador nem coisa observada. Quando realmente prestais atenção (se já fizestes tal coisa — nós todos a fazemos, às vêzes), quando sois todo atenção, como neste momento (se efetivamente estais *escutando*), não há então ouvinte nem orador. Nesse estado de atenção há silêncio. Produz essa atenção um extraordinário estado de renovação, de juvenilidade (não digo "juventude" (1), palavra de que aqui na América se faz uso excessivo), estado em que a mente se torna vigorosa, completamente nova. Êsse "esvaziar" da mente de tôdas as experiências que teve é meditação. Embora tenhamos tido inumeráveis experiências — e nós somos o resultado de milhões de experiências — só nos podemos livrar de tôdas elas quando nos tornamos cônscios de cada experiência nova e percebemos, sem escolha, todo o seu conteúdo. Assim, a experiência passa sem deixar nenhuma cicatriz, nenhum vestígio para ser lembrado, reconhecido, conservado.

A meditação é um processo que exige muita energia; não é uma simples ocupação para gente velha, que nada tem que fazer. Requer intensa e continuada atenção. Achareis então, por vós mesmos... não, não achareis nada: não se está procurando nenhuma experiência, não há nada para achar. Quando a mente está totalmente quieta, não por efeito de qualquer espécie de sugestão, de hipnotismo ou de qualquer método — nessa total quietação há um estado, uma dimensão diferente, que o pensamento jamais tem possibilidade de imaginar ou de experimentar. Ela se encontra então acima de tôda busca. Já não há buscar. A mente tôda iluminada não busca. Só aquela que está na obscuridade, confusa, busca permanentemente e espera achar alguma coisa. E o que acha é sempre o resultado de sua confusão.

Valerá a pena debatermos sôbre estas coisas?

---

(1) *Youth*: juventude. (N. do T.)

AUDITÓRIO: Sim, sim.

KRISHNAMURTI: Ótimo! Começai, então.

INTERROGANTE: A deterioração não tem dois fatôres: não só o fator formador de imagens, mas também a maneira errônea de viver, alimentação imprópria etc.?

KRISHNAMURTI: Tem, decerto. Tudo isso requer o mais alto grau de sensibilidade, tanto do corpo como da mente — que não existem separados um do outro. *Há* uma qualidade de separação que só pode ser compreendida ao examinarmos profundamente a questão do "observador e coisa observada". Evidentemente, muito importa a maneira como a pessoa vive, o que pensa, suas atividades diárias, suas iras etc.

INTERROGANTE: Krishnaji, a imagem, como dizeis, é o conhecido. Não conviria examinarmos agora a "não imagem", ou seja, o "desconhecido" ou "inconsciente"?

KRISHNAMURTI: Outro dia dissemos que, na realidade, não existe êsse estado chamado "inconsciente". Sinto muito! (*risos*) Isto é, nós temos sonhos e nunca indagamos por que os temos. Sonha-se quando se comeu demais etc. — como é natural. Mas, quanto estardalhaço se faz em tôrno daqueles sonhos que requerem interpretação! Por que sonhais? É possível não sonharmos, para despertarmos com uma mente fresca, clara, "inocente"? Sonhamos porque durante o dia não observamos com atenção o que falamos, o que pensamos, o que sentimos, o que dissemos uns aos outros. Não observamos a beleza do céu, das árvores. Por conseguinte, todo êsse campo que não foi examinado, observado, olhado, "projeta", naturalmente, naquele estado em que a mente está semi-adormecida, uma imagem, uma idéia, uma cena; e isso constitui o sonho, que tem de ser interpretado etc. etc.

Estando a pessoa vigilante, observando as coisas sem escolha, olhando sem interpretar, descobrirá por si própria que não tem sonhos, absolutamente, pois tudo foi compreendido no correr do dia.

Um momento! Ainda não terminei, minha senhora. Vêde, por favor, que se compreendemos uma pergunta, tôdas as perguntas são compreendidas. A pergunta que nos foi feita, e que estamos considerando, é se a mente consciente pode examinar o inconsciente, penetrar o que está oculto. Isso, evidentemente,

ela pode fazer: perceber os motivos, as reações que ocorrem nas relações etc. Mas, êsse processo consiste apenas em examinar uma parte do campo, um canto denominado "inconsciente". Tal exame pode ser feito, com tôda a calma, sem análise de espécie alguma, mediante a simples observação do *campo inteiro.* E o *campo inteiro* é o consciente, que é limitado porque nêle existe sempre o centro, o observador, o censor, o pensador. Mas, só se pode observar o campo inteiro, constituído do chamado inconsciente *e* do consciente, quando não há observador nenhum, quando nenhum esfôrço se faz para alterar o que é, quando se está totalmente atento à totalidade do campo. Descobrireis, então, por vós mesmo, que tal coisa, o inconsciente, não existe e, portanto, não há nada para examinar. Êle está à frente de nossos olhos. Mas, não sabemos nem queremos olhá-lo. E, quando o olhamos, logo queremos modificá-lo a nosso gôsto, conforme nossas idiossincrasias, inclinações — tornando-o, assim, uma coisa por demais pessoal. E é justamente isso o que interessa à maioria de nós: "ser pessoal" (*to be personal*).

INTERROGANTE: Qual o estado da mente tranqüila que faz descobrimentos? Devem êsses descobrimentos ser considerados de maneira diferente do resto do campo?

KRISHNAMURTI: Claro que não, meu senhor. A mente tranqüila, a mente silenciosa, jamais experimenta. Só o observador tem experiências, e por essa razão não é uma mente tranqüila.

INTERROGANTE: Ver o falso como falso, perceber que êle não é verdadeiro, é muito difícil?

KRISHNAMURTI: Sim, senhor. Enquanto tivermos conceitos, jamais veremos o verdadeiro.

INTERROGANTE: Minha maior dificuldade é não poder "estar cônscio" por um longo período de tempo. Em alguns minutos, mesmo alguns segundos, ferro no sono. Isso vem acontecendo há anos.

KRISHNAMURTI: Estar atento no momento do percebimento, no momento de "estar cônscio", é suficiente. Mas, se se diz: "Preciso prolongar êsse estado, mantê-lo em movimento" — aí é que começa a dificuldade. Porque então o queremos como um prazer. Atrás dessa pergunta se esconde o desejo de ter uma coisa permanente: percebimento permanente, um perma-

nente estado de atenção. O importante é "estar cônscio" e, nesse momento, estar completamente atento. Êsse momento pode durar apenas um segundo; durante êste segundo estais *totalmente* atento, e podeis estar desatento no segundo seguinte. Mas, deveis também saber que *estais* desatento. Não digais: "A desatenção deve ser mudada em atenção" — pois dêsse modo se provoca o conflito, e nesse conflito está acabado o percebimento e a atenção.

INTERROGANTE: Senhor, se não existe "mente inconsciente", como explicar fenômenos tais como a sugestão pós-hipnótica?

KRISHNAMURTI: Ao dizer-vos que não há "inconsciente", eu também dissera: "Não aceiteis o que se está dizendo; examinai-o, sem aceitar nem rejeitar". A questão que aventais, senhor, sôbre o que acontece após o estado de hipnose, mediante sugestão hipnótica, é perfeitamente explicável, pois está tôda dentro do campo do conhecido, do consciente.

O que importa compreender, quando se fazem perguntas e se obtêm respostas e explicações, o que importa compreender é que a explicação não tem o mínimo valor. O que tem valor é como se faz a pergunta e o que se está esperando dessa pergunta. Se estais atento àquilo que estais perguntando, vereis que a pergunta é respondida sem dificuldade nenhuma. Por conseguinte, não há para vós nenhum instrutor. Vós mesmos sois tudo: instrutor, discípulo, tudo. Isso vos dá uma extraordinária liberdade para investigar

12 de novembro de 1966.

OJAI — VI

A BUSCA REAL

ESTA É A ÚLTIMA PALESTRA. Que linda manhã! As montanhas banhadas de sol, o capim nôvo a despontar, a beleza da paisagem! Todo êste esplendor de côres e de luz desperta-nos uma grande alegria, um sentimento de liberdade e, muito naturalmente, somos levados a perguntar: Que é a Beleza? É ela produto de algum estímulo, da apreciação de um objeto, do movimento da luz entre as fôlhas? Depende de nossa disposição do momento, de nossa educação, de nosso estado de espírito?

É a beleza despertada por um objeto, ou é algo inteiramente diferente? Existe um estado de espírito que desperta para a beleza sem a interferência de nenhum objeto; que não consiste na apreciação de uma coisa feita pelo homem ou pela natureza — existe beleza sem objeto? Existe um sentimento da beleza não meramente físico, porém muito mais profundo, psicológico, íntimo? Excetuando-se estas montanhas, esta luz, esta claridade que se encontra principalmente na Califórnia — existe uma beleza superior a tudo isso? Essa beleza só pode ser sentida quando a mente está tôda em repouso, quieta, livre de perturbações; não é provocada ou criada pelas circunstâncias, pelo ambiente social e a educação. E — é pessoal essa beleza? A beleza não é uma coisa que vem quando há liberdade, liberdade total? Sem a liberdade, evidentemente, não pode haver paz. A paz não é uma coisa que se pode comprar, ou um estado entre dois conflitos, exteriores ou interiores; ela vem quando a mente já não se vê atormentada nem coagida por êste ou

aquêle impulso; já não se acha empenhada em sua atividade egocêntrica. Há então aquela liberdade — uma liberdade que não é fàcilmente alcançável. Se não existe essa liberdade, o que há é uma busca perene, um indagar, um acumular de informações, conhecimentos e experiências, um interminável amontoar de lembranças. Essa busca a que nos entregamos — busca da verdade, busca do amor, busca de companhia, busca da felicidade — só existe quando a mente, por causa de sua imensa insatisfação, aspira à satisfação.

Como temos dito durante estas palestras, tende a bondade de não ouvir só palavras (não me leveis isso a mal), tende a bondade de não ouvir meramente palavras, ou frases, ou sutis raciocínios, porém escutar com o fim de descobrirdes, por vós mesmos, um estado em que a mente não mais seja impelida a buscar, a correr no encalço de alguma coisa. A menos que se descubra isso, um estado em que não haja mais busca, porém intensa atividade, intensa vigilância, intensa penetração e clareza; a menos que seja descoberto êsse estado, continuaremos não só mergulhados em profundo descontentamento, mas também nesse perene estado de busca que nos sujeita ao tempo. Em geral, em todo o mundo, vive-se muito perturbado e descontente. No Oriente, êsse estado assume uma forma: em primeiro lugar, comida, roupa e morada — pois lá existe imensa pobreza e excesso de população. No Ocidente, toma a forma de se viver, do ventre materno ao túmulo, bem alimentado, em segurança, com muito confôrto, lazeres, prosperidade; e de se viver insatisfeito, a desejar mais prosperidade, mais coisas, mais livros, mais divertimento. Mas, há um descontentamento mais profundo, que se não satisfaz com aquisições externas: busca-se então, ardorosamente, a aquisição interior; a mente exige a satisfação completa, quer sair de seu infinito descontentamento. Buscamos algo de duradouro, de satisfatório, a que damos diferentes nomes: Deus, verdade, bem-aventurança, felicidade. As coisas que inventamos, os símbolos que temos, os quadros, as pinturas, a música, os museus, as incontáveis formas de expressão que consideramos satisfatórias — sexual, psicológica, intelectual — eis o que anda a buscar a maioria de nós. O homem está sempre a buscar, e essa busca, motivada pelo seu profundo descontentamento interior, pela sua insatisfação, frustração, desespêro, produz o seu peculiar resultado. Buscamos e achamos alguma coisa — num grupo, numa comunida-

de, no trabalho pelo bem-estar social, na política, ou em inumeráveis seitas religiosas: religião católica, protestante, e não sei quantas outras existem nesta pequena povoação. A Terra está fragmentada, não só geogràficamente, nacionalmente, mas também em nome de Deus, em nome da paz, em nome do amor, pelas várias religiões e seitas, que, com seus "direitos adquiridos", exploram os entes humanos. São poucos os que encontram satisfação nas criações humanas: no ler livros, no freqüentar concertos, um após outro, no falar interminàvelmente a respeito dessas coisas, no comparar, para ver quem é o melhor músico, o melhor pintor etc. etc.

Além de tôdas essas atividades intelectuais, literárias, artísticas, ou do mourejar num escritório durante mais de trinta ou quarenta anos, todos desejam descobrir algo que seja perfeitamente satisfatório, deleitável. E isso as religiões de todo o mundo têm oferecido. Têm oferecido deuses, crenças, rituais, coisas em que se encontra muito prazer e satisfação. E, encontrando essa satisfação, aí nos deixamos ficar e não desejamos ser perturbados, não desejamos ver abaladas as nossas crenças. Construímos uma morada que esperamos seja permanente, duradoura, e tememos tôda tempestade, todo movimento da vida que possa trazer perturbações, destruição, revolução. A isso chamamos buscar a Realidade, Deus, a Felicidade etc.

Em primeiro lugar, devemos compreender êsse descontentamento. Há o natural descontentamento que uma pessoa sente por não possuir um carro melhor, uma casa melhor etc. Não consideraremos êste ponto. Vamos investigar esta questão do ponto de vista psicológico, muito mais importante, muito mais real e profundo. Por que nos achamos psicològicamente descontentes? Pois, se não compreendermos êsse descontentamento e lhe pusermos fim ou lhe infundirmos tanta vitalidade que *nada* possa satisfazê-lo e êle se converta numa chama a arder sem "motivo" nem finalidade, numa chama viva — se não o compreendermos, nossa busca nenhuma significação terá. E a maioria de nós, presumo, veio ter aqui, ou freqüenta a igreja, ou pratica alguma coisa, porque nossa vida é tôda de monotonia e solidão, inteiramente sem significação e por isso, desejamos descobrir uma certa coisa que nos faculte profunda satisfação e contentamento.

É realmente importante, a meu ver, descobrirmos por que buscamos, o que estamos buscando, e de que profundeza de nosso ser provém essa busca. Antes de tudo o mais, o buscar é uma coisa fundamentalmente falsa. É muito simples o respectivo processo psicológico: busco, porque me vejo insatisfeito; estou confuso e, por causa de minha confusão, de minha aflição, minha interminável agonia, estou sempre a buscar, a buscar. O que estou buscando é, com efeito, uma coisa predeterminada, preestabelecida, uma coisa *já achada,* porquanto já "projetei" aquilo que desejo e, por conseguinte, isso não é buscar, porém, na realidade, um movimento de fuga ao que *é*; e êsse movimento visante a uma coisa já conhecida é o que se chama "buscar".

Prestai mais um pouco de atenção, por favor. Êsse movimento que parte de *o que é* para o que *deveria ser,* êsse movimento de busca é essencialmente estático; portanto, não é um movimento. Todavia, por êle nos vemos arrastados. Adoto uma coisa, nela não encontro satisfação e ponho-a de parte; passo de uma armadilha para outra, de um instrutor para outro, de um livro, de um sistema, de uma filosofia, de um psicólogo, de um analista, de um bispo para outro; a mudar e a mudar sempre. Êsse movimento é o que chamamos "buscar". Se considerardes com tôda atenção êsse movimento, vereis que não destes um passo à frente. Continuais no mesmo lugar de antes, e nêle ficareis sempre, a enganar-vos, a hipnotizar-vos com a idéia de que êsse movimento chamado "busca" dá-vos uma certa vitalidade, para investigar, para mover-vos de o que *é* para aquilo que desejais descobrir — já fixado. Não se trata, pois, de nenhum movimento, porém de uma coisa estática. Movimento é *o que é*; êste não precisais de buscar. Está claro?

AUDITÓRIO: Está.

KRISHNAMURTI: Muito bem. Tende a bondade de observar-vos. Minhas palavras são apenas um espelho de que podeis servir-vos para ver o que realmente *é*, ver o que de fato se está passando em vós mesmos. De contrário, o que ouvirdes terá muito pouco valor, será uma mera idéia. Quereis então interpretar essa idéia, perguntar como pô-la em ação. Já se a pessoa descobre por si própria que o fato é *o que é,* e que o movimento com que dêle nos afastamos e que chamamos "buscar" é estático, sem vitalidade; se a pessoa se torna cônscia

de *o que é,* não há então busca nenhuma, porém um movimento inteiramente diferente: o movimento de *o que é.* E tendes, então, a energia necessária para olhar *o que é.*

Como disse, vendo-nos descontentes, insatisfeitos, desditosos, aflitos, profundamente feridos, ansiosos, impelidos por uma angústia profunda, pessoal — tudo isso é um fato: *o que é* — vendo-nos descontentes com êsse fato, percorremos todos êsses processos de experiência, de busca, de instrução, de rejeição. Por que estamos descontentes, e com o quê? Respondei para vós mesmos a esta pergunta. O orador vai examiná-la, porém a vós é que cabe responder.

Estamos descontentes por causa da comparação; estamos descontentes porque desejamos alterar *o que é*; e estamos descontentes porque não sabemos o que fazer com *o que é.* E em virtude dêsse descontentamento, criamos a idéia do que *deveria ser,* o ideal, a Utopia, os deuses, o céu etc. etc. Nossa ação está, pois, baseada numa idéia; e o aproximar-nos ou ajustar-nos a essa idéia é ação, não é exato? Estou descontente com *o que é* e desejo ser uma coisa diferente do que *é.* Essa coisa diferente é uma idéia, racional ou irracional, pensamento organizado em idéia ou ideal. Tenho êsse ideal, e chamo "ação" o viver de acôrdo com êle. Dá-se o conflito entre *o que é* e o que *deveria ser*; nesse conflito fico envolvido. E, quanto maior a tensão entre *o que é* e o que *deveria ser,* maior a neurose; e, também, se tenho a necessária capacidade, tanto mais forte o impulso a expressar verbalmente êsse conflito: no teatro, na música, na arte, na literatura, de inúmeras maneiras. E, ainda, o nosso descontentamento com *o que é* faz-nos inventar deuses, que se tornam nossa religião. É dessa maneira que fugimos ao que *é.* Mas — pode-se transformar radicalmente *o que é*? Eis a busca *real* — e não aqueloutra, que não é busca nenhuma. É possível operar uma radical transformação em *o que é*? Para investigar esta questão de promover uma total revolução em *o que é,* necessitamos de uma extraordinária capacidade de percebimento. Já sabeis o que significa percebimento: estar cônscio do céu azul, por entre as árvores, daqueles morros distantes, do barulho daquele motor, das côres ali em frente; estar simplesmente cônscio de tudo; cônscio sem escolha, de tal maneira que se saiba perfeitamente que nada se pode alterar. Não podeis alterar aquela montanha, a não ser com um trator;

não podeis alterar a beleza daquele céu. Entretanto, quando estamos cônscios de *o que é,* desejamos alterá-lo, mantemo-nos em incessante atividade em tôrno dêle. *Aí* é que começa o sofrimento. Ora, no findar do sofrimento está o comêço da sabedoria; e o fim do sofrimento é a compreensão de *o que é.* Mas, a compreensão de *o que é* só vem quando o observamos, dêle estamos cônscios e a mente é incapaz de desejar alterá-lo (o que não significa estar satisfeita com *o que é*).

Dessa maneira libertastes a mente, ou ela própria se libertou de seu perene buscar. Está acabada a *busca.* Um pêso tremendo caiu das vossas costas. E, então, nessa liberdade, estais aptos a olhar. Para olhar, necessitais de abundante energia, a qual só vem com aquêle percebimento em que não há nenhuma espécie de conflito, porém, tão-só, observação. Só pode haver conflito enquanto há "observador e coisa observada", ou seja *o que é. O que é* é o observador.

Por favor, não vos limiteis a aprender frases; vêde o fato real. Vereis, então, que, enquanto existe o observador, o centro, o censor, o experimentador, a entidade que está sempre a criar a separação entre o observador e a coisa observada — não há liberdade.

Todo objeto, como, por exemplo, êste microfone, cria espaço em tôrno de si e nesse espaço existe, não é verdade? Não só os objetos exteriormente situados, mas também um objeto interior — o EGO, o experimentador, o EU, o pensador — constitui um centro que cria um espaço na consciência. Êsse espaço criado na consciência é sempre limitado, porque lá está sempre o centro. Êsse espaço poderá expandir-se em volta do centro, mas, por mais que se dilate, terá sempre um limite, uma fronteira. Por conseguinte, psicològicamente, êsse espaço é sempre limitado e, portanto, nêle, não existe liberdade. O centro, o observador, é evidentemente memória, a memória do que *foi* — ontem ou há dez mil anos; é tradição, um estado condicionado criado pelo tempo — cronológico e psicológico; é todo o acervo de conhecimento, de experiência; é sempre o passado e, por conseguinte, não é uma coisa viva, porém a memória do que *foi* — uma coisa morta. E quando cria o seu espaço, êste há de ser sempre insignificante, desprezível. E o centro, por mais que consiga expandir-se, por meio de vários artifícios do pensamento, por meio da compulsão, das

drogas, estará sempre aprisionado no espaço por êle próprio criado. Não há, pois, liberdade, e, por conseguinte, não há paz. Pode-se ver, mediante atenta observação, que só há liberdade quando há espaço. Mas, psicològicamente, não há possibilidade de tornar-se existente êsse espaço, enquanto houver um observador. E, assim como necessitamos de espaço, necessitamos da beleza — não da beleza criada pelo homem, pela natureza, por meio de estímulo, ou pelo pensamento — e necessitamos do amor. Carecendo dêsse espaço e dessa liberdade, está o homem perenemente a buscar, a indagar, a desejar, a esperar, de modo que sua vida é tôda de sofrimento e de aflição. Eis o fato, que podeis observar psicològicamente, vendo-vos num espelho — um espelho psicológico. Se observardes muito atentamente, vereis que é isso o que se está passando.

Sendo assim, perguntamos a nós mesmos: É possível acabar com êsse centro? Não por meio do tempo, entendeis? Não pelo livrar-nos dêle gradualmente, tirando-lhe pedacinho por pedacinho até não restar mais nada; isso requer tempo. Quando há tempo, não há espaço, pois o tempo se interpõe entre o observador e a coisa que êle observa, criando um intervalo. Êsse intervalo é sempre estático.

Mas (se não houver tempo) haverá possibilidade de pôr fim *ao que é*, pôr fim ao observador e, por conseguinte, de olhar sem o intervalo de tempo? Compreendeis esta pergunta?

O tempo é o espaço existente entre o observador e aquela árvore (1). O observador é estático e a árvore é estática — psicològicamente; e, para transpor a distância entre o observador e a árvore, necessita-se de tempo. Essa distância, criada que foi pelo observador e o objeto observado, é sempre estática, estacionária. Quando pensamos em servir-nos do tempo para efetuar uma transformação no observador, estamo-nos deixando aprisionar nesse estado estático. Descobrindo isso, perguntamos a nós mesmos se é possível alterar *imediatamente o que é*. Não estamos empregando verbal ou intelectualmente a palavra "compreender", porém com o significado de perceber realmente o que está ocorrendo, a cada passo que damos.

Pergunta-se, então: É possível pôr fim ao observador que cria um espaço ao redor de si e da coisa observada, e (cria)

(1) Krishnamurti está falando ao ar livre. (N. do T.)

o movimento para aquêle objeto? É possível alterar o observador, sublimá-lo? O que quer que êle seja, é uma coisa estática e, portanto, inteiramente inútil. Como então promover uma revolução em *o que é*? O centro é a violência, por exemplo (não se trata realmente de um exemplo, porém de um fato). O movimento para a "não violência" é um "movimento estático", quer dizer, não é movimento nenhum. Já expliquei isso antes. A questão, pois, é esta: Pode-se pôr fim à violência, não por meio do tempo, porém imediatamente? Porque, se existir um observador, êste estará sempre a limitar o espaço e, por conseguinte, não pode haver liberdade. Conseqüentemente, enquanto existir o observador, tôda e qualquer tentativa de transcendê-lo, ultrapassá-lo, é sempre um desperdício de energia. Por isso, perguntamos: É possível pôr fim ao observador — não, ao que *é*? Quando não há mais observador, não há mais *o que é,* pois é o observador que cria *o que é*. Por conseguinte, que possibilidade há de se pôr fim à violência, à agressão, a todo o ódio, todo o ressentimento em nós guardados — que possibilidade há de pormos fim ao observador, de modo que dêle fiquemos total e completamente livres?

Provàvelmente, nunca fizemos esta pergunta. Conformamo-nos com êle (o observador), com êle nos habituamos e vamos seguindo nosso caminho. Mas, quando fazemos esta pergunta, ou a fazemos superficialmente ou com a intenção de *descobrir* e, portanto, com tôda a seriedade. E quando a pergunta é feita com seriedade, com verdadeiro interêsse, ficamos então cônscios de todo o "processo" do observador; e isso significa que estamos atentos, totalmente atentos; nessa atenção nenhuma fronteira existe, criada pelo centro. Quando há atenção completa, não há observador.

Ao olhardes para aquelas montanhas, atrás do orador, vêdes como são azuis, vêdes contornos, linhas retas, o vale etc. No olhardes uma coisa com tôda a atenção, existe algum observador? O observador só se torna existente quando, no ato de olhardes, há desatenção, distração. Assim, só a atenção total causa a cessação do observador. E quando se extingue o observador, extingue-se a coisa que êle criou — *o que é*; porque, como dissemos, o observador é a coisa observada.

Pois bem; acabamos de eliminar todo o conflito da busca. Eliminamos o conflito entre *o que é* e *o que deveria ser.* Puse-

mos à margem o observador e, por conseguinte, há atenção; ainda que ela só dure um segundo, tanto basta. Não ansieis por *mais*. Nessa avidez de *mais*, está criado o centro e, por conseguinte, estais prêso. Naquela atenção não há nenhuma espécie de busca e, por conseguinte, nenhum conflito, de modo que a mente se torna sobremaneira alertada, ativa, silenciosa. Não é o silêncio criado pelo ajustamento, a repressão, o contrôle. Êste não é silêncio, absolutamente. Não é um estado resultante da absorção numa dada coisa, como a da criança que se absorve num brinquedo. Só então pode a mente achar-se no estado de "não experiência". Importa compreender isso.

Todos nós dependemos da experiência; e experiência significa "passar por um certo estado". Todos dependemos da experiência para nos mantermos despertos, dependemos de um desafio, uma pergunta, um impulso externo, uma influência. Como é natural, momentâneamente, por alguns minutos, êsse desafio, essa fôrça externa nos mantêm despertos; mas, depois, tornamos a dormir. Dependemos constantemente da experiência para nos mantermos despertos. Ao percebermos êsse fato, rejeitamos todo estímulo exterior, tôda experiência, exterior ou interior. Podemos então perguntar: Pode a mente manter-se intensamente vigilante, desperta, independente da experiência? Se ela é mantida desperta pela experiência, não fica desperta, evidentemente. Se uma experiência me faz amar, *não* há então amor. Por detrás há um "motivo". A mente religiosa é aquela que não busca, não exige experiências, não se entretém com visões. Sua atividade é de todo diferente, numa dimensão diferente, inacessível ao pensamento. O pensamento tem o lugar que lhe compete, lugar muito insignificante. Mas, naquela dimensão diferente não há lugar para o pensamento (o que, entretanto, não significa ficar vivendo de sentimentos e emoções rasteiros, desprezíveis).

Pode-se, pois, funcionar normal e sãmente neste mundo, com a mente não atravancada de pensamentos; e só essa mente, a mente religiosa, conhecerá aquilo que transcende tudo o que o homem possa imaginar e esperar.

INTERROGANTE: Falais freqüentemente da beleza natural. Podeis dizer alguma coisa sôbre a beleza nas relações humanas?

KRISHNAMURTI: Que são relações? As relações existentes são entre duas imagens (preciso apressar-me, para não entrar em detalhes fastidiosos) — entre a imagem que tenho de vós e a que tendes de mim. As imagens estão em relação. Vós me ofendestes, me feristes, me dominastes; me destes prazer, isto e aquilo. Essa a imagem que tenho de vós, e vós tendes de mim também uma imagem. Essas duas imagens estão constantemente a encontrar-se; é isso o que chamamos "relações". Nessas relações, é óbvio, não há beleza. Livrar-se da imagem é livrar-se do observador.

INTERROGANTE: Se nos tornamos cônscios de *o que é,* e o transcendemos, parece-me que poderíamos também "refletir" certas emoções humanas, mesmo estando cônscios de *o que é* — e que seria inevitável refleti-las.

KRISHNAMURTI: Não sei bem o que entendeis por "emoções humanas". Emoções humanas são agressão, a qual faz parte da emoção animal. Quereis dizer que não devemos evitar a violência?

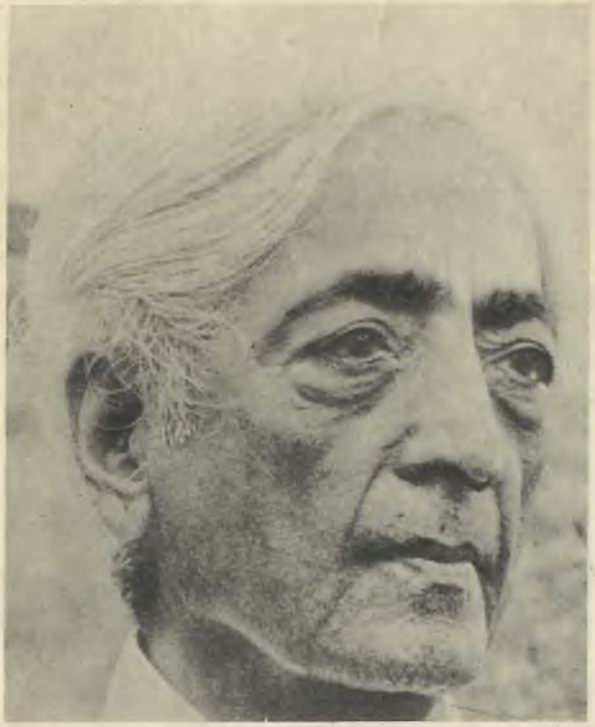
INTERROGANTE: Sim; uma vez que faz parte do animal, ou da criança, faz parte também do ente humano.

KRISHNAMURTI: Por conseguinte, não deveria ser evitada?

INTERROGANTE: Sim.

KRISHNAMURTI: Senhor, discursa-se, fala-se, assiste-se a reuniões, lêem-se livros interminàvelmente. Mas, tudo isso tem muito pouco valor se constituí meramente um estímulo. Porque, nesse caso, sois dependente, como outros são dependentes de L.S.D., música, quadros, alguma ação. Enquanto a pessoa é dependente, está em conflito, em desespêro. E nós temos de chegar — não por meio de leituras — a descobrir o inteiro processo do autoconhecimento. Porque o autoconhecimento é o fim de tôdas as nossas tribulações.

13 de novembro de 1966.



KRISHNAMURTI

A Importância da Transformação registra sob forma escrita o principal da série de palestras proferidas por Krishnamurti em Nova Iorque e Ojai. Sob o signo unificador da importante questão que dá nome ao livro, a da transformação, retoma Krishnamurti aqui alguns dos seus temas mais caros: a violência no viver; a libertação; a confusão humana; tempo, morte, amor; a renovação mental; o autoconhecimento; os problemas do viver; para onde vamos; da paixão ardorosa e sem motivo; a natureza do conflito e do esforço; meditação; a busca real.